

GIULIANA GNATOS LIMA BILBAO

**OFICINA DE PINTURA: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO SOBRE UMA PRÁTICA
PSICOLÓGICA**

**PUC-CAMPINAS
2008**

GIULIANA GNATOS LIMA BILBAO

**OFICINA DE PINTURA: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO SOBRE UMA PRÁTICA
PSICOLÓGICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia: área de concentração Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Dra. Vera Engler Cury

**PUC-CAMPINAS
2008**

GIULIANA GNATOS LIMA BILBAO

**OFICINA DE PINTURA: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE UMA
PRÁTICA PSICOLÓGICA**

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Vera Engler Cury

Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi

Prof. Dra. Christina M. Barreto Cupertino

Prof. Dr. Marcos de Souza Queiroz

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
2008

Agradecimentos

*Às caras participantes da Oficina de Pintura, pelo
aprendizado que me permitiram;*

À Profa. Dra. Vera Engler Cury, pela orientação durante a caminhada;

Aos colegas do grupo de pesquisa, pelas contribuições e reflexões;

*A todos aqueles que procuram expandir as formas de pensar e agir nas relações
de ajuda em saúde mental;*

*À Profa. Dra. Christina Menna Barreto Cupertino e à Dra Tania Maria José Aiello-
Vaisberg, pelas frutíferas colocações na ocasião do exame de qualificação;*

*À Maria Lúcia Gnatos João Lima, minha mãe, pelo grande apoio,
além das correções gramaticais e ortográficas;*

*Ao meu pai, por ter me ensinado tanto sobre confiança e esperança em qualquer
momento da vida e apesar das dificuldades;*

Ao meu marido, pelo amor e paciência de sempre;

À CAPES, por viabilizar a realização desta pesquisa.

RESUMO

BILBAO, G.G.L.(2008). *Oficina de pintura: um estudo fenomenológico sobre uma prática psicológica*. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC – Campinas, 214 pp.

Esta pesquisa-intervenção objetivou compreender a experiência vivida em uma Oficina de Pintura, modalidade de atenção psicológica implementada no serviço de psicologia da PUC-Campinas, durante três meses no ano de 2007. Os referenciais teóricos adotados foram a Fenomenologia de Edmund Husserl e a Psicologia Existencial-Humanista. Foram realizados catorze encontros de oficina, com duração de duas horas, em uma sala do serviço de psicologia. A pesquisadora conduziu os encontros como facilitadora, adotando as atitudes preconizadas por Rogers(1961/1999) de empatia, aceitação positiva incondicional e congruência. Após cada encontro, a pesquisadora elaborou narrativas sobre a experiência vivida, baseando-se tanto na concepção de narração de Benjamin(1936/1994) como na concepção de consciência de Husserl(1935/1996), buscando capturar o movimento da consciência na criação de significados que configuram a experiência. A partir das narrativas construídas pela pesquisadora, buscou-se explicitar os elementos vividos, entendendo que os significados que emergiram formaram-se na teia intersubjetiva dos encontros. Através da experiência vivida na Oficina de Pintura e partindo do princípio de que o homem é dotado de autonomia e possui dentro de si recursos para a auto-compreensão e mudança, verificamos que as participantes da Oficina de Pintura caminharam no sentido da integração psicológica, compartilhando suas experiências, num clima acolhedor e de apoio mútuo. Assim, numa perspectiva de enquadres diferenciados de atenção psicológica, a Oficina de Pintura leva a refletir sobre os benefícios e a viabilidade de implementar novos modelos de intervenção clínica em instituições de saúde pública que privilegiem a autonomia e o crescimento psicológico dos clientes. .

Palavras-chave: atenção psicológica clínica em instituições; pesquisa fenomenológica; narrativa; oficina de pintura.

ABSTRACT

BILBAO, G.G.L.(2008) *Painting Workshop: a phenomenological study on a psychological practice* . Doctoral Thesis. Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC – Campinas, 214 pp.

This intervention research aimed to comprehend the experience of a Painting Workshop, which is a psychological approach implemented in PUC – Campinas Psychology Clinic during three months in the year of 2007. The theoretical referential is Edmund Husserl's Phenomenology, and the Humanist-existential Psychology. In a room of the Psychology Clinic fourteen workshop meetings were organized, with duration of two hours each. They were conducted by the researcher as a facilitator adopting Roger's proposition of three attitudes: empathy, unconditional positive regard and congruency. After each workshop, the researcher elaborated narratives about the recently experienced meeting, using Benjamin's definition of narrative (1936/1994), and Husserl's definition of consciousness (1935/1996) as a base. It was the intention of the researcher to capture the movement of consciousness in the meaning creation that configure the experience. Based on the elaborated narratives, the intention was to expose the elements experienced by the researcher, who understands that the emerging meanings were configured in the inter-subjective net of the meetings. Through the experience of the Painting Workshop and based on the principle that the human being has whether autonomy and the resources for self-comprehension and change, it was verified that participants of the Painting Workshop directed themselves to psychological integration by sharing their experiences in a kind and supportive environment. According to the perspective of setting differentiated psychological attention, the Painting Workshop makes us think carefully about the benefits and viability of the implementation of new models of clinical intervention in public health institutions that are able to prize clients' autonomy and psychological growth.

Key words: clinical psychological attention in institutions; phenomenological research; narrative; painting workshop .

RESUMEN

BILBAO, G.G.L.(2008) *Taller de Pintura: un estudio fenomenológico sobre una práctica psicológica. Tesis de Doctorado*. Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC – Campinas, 214 pp.

Esta investigación-intervención tuvo como objetivo comprender la experiencia vivida en un taller de Pintura, modalidad de atención psicológica aplicada en un servicio de Psicología de la PUC-Campinas, durante tres meses en el año 2007. Los referenciales teóricos adoptados fueron la Fenomenología de Edmund Husserl y la Psicología Existencial-Humanista. Fueron realizados catorce talleres con duración de dos horas, en una sala del servicio de psicología. La investigadora condujo los encuentros como facilitadora adoptando la acepción de empatía, aceptación incondicional y congruencia. Después de cada encuentro, la investigadora elaboró narrativas sobre la experiencia vivida basándose tanto en la concepción de narrativa de Benjamin(1936/1994) como en la definición de Husserl de consciencia, buscando capturar el movimiento de la consciencia en la creación de significados que configuran la experiencia. A partir de las narrativas construidas por la investigadora, se buscó exponer los elementos vividos por ella misma, entendiendo que los significados emergentes se formaron en la tela intersubjetiva de los encuentros. A través de la experiencia vivida en el taller de Pintura y partiendo del principio de que el hombre está dotado de autonomía y posee dentro de sí recursos para su auto comprensión y cambio, verificamos que las participantes del taller de Pintura se auto dirigieron en el sentido de la individualización trayendo a los encuentros sus temas principales y compartiendo sus experiencias, en un clima acogedor y de apoyo mutuo. Así, en una perspectiva de encuadre diferenciado de atención psicológica, el Taller de Pintura nos lleva a reflexionar sobre los beneficios y viabilidad de implantar nuevos modelos de atención clínica en instituciones de salud pública capaces de priorizar la autonomía del cliente y su crecimiento psicológico.

Palabras llave: atención psicológica clínica en instituciones; investigación fenomenológica; narrativa; taller de pintura.

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1: O acontecer clínico	14
Capítulo 2: A narrativa: um caminho para a experiência.....	72
Capítulo 3: O apropriar-se da Oficina de Pintura.....	99
Capítulo 4: A psicologia existencial-humanista e a Oficina de Pintura.....	122
Capítulo 5: Repensando a clínica psicológica a partir da Oficina de Pintura...166	
Oficinas ao redor.....	166
Enquadres diferenciados: uma necessidade atual.....	181
Considerações Finais.....	196
Referências Bibliográficas.....	201
Anexos.....	210
Anexo 1: Cartaz sobre a Oficina de Pintura.....	211
Anexo 2: Carta de Autorização da Instituição.....	212
Anexo 3: Comunicado aos Supervisores e Aprimorandos.....	213
Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	214

Introdução

A criatividade está no trabalho do cientista, como no do artista; do pensador e do esteta; sem esquecer os capitães da tecnologia moderna e o relacionamento normal entre mãe e filho.

Rollo May

Esta pesquisa pretende compreender, a partir de um enfoque fenomenológico, a experiência vivida em uma Oficina de Pintura implementada em um serviço de Psicologia.

Considerando a necessidade da implementação de novas práticas institucionais em saúde mental que possam contemplar as necessidades dos indivíduos para além dos modelos tradicionais de intervenção psicológica que buscam a cura ou a correção, a Oficina de Pintura, tema deste trabalho, realizou-se numa perspectiva existencial-humanista, de inspiração fenomenológica, como parte dos serviços de atenção à saúde mental oferecidos pelo Serviço de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

A pesquisa aqui relatada debruçou-se sobre a experiência vivida na Oficina de Pintura em seus três meses de duração e partiu de um enfoque fenomenológico, tendo como fenômeno a experiência vivida pela pesquisadora nos encontros. Foi realizada uma pesquisa-intervenção, partindo do princípio de que o pesquisador é parte integrante do processo como alguém que, ao fazer sua pesquisa, está simultaneamente intervindo, alguém que mergulha na intersubjetividade mesma do encontro, impregnando-se dele, para então extrair de si próprio o objeto de seu estudo.

Pode-se afirmar, primeiramente, que meu interesse e experiência anterior no que se refere à questão da arte e da criatividade foram fatores fundamentais

para a ideação e execução do trabalho. Em um primeiro momento, durante o trabalho desenvolvido em caráter de pesquisa de mestrado, procurei compreender o valor terapêutico da arte tomando como pressuposto que, antes de estudar a utilização dos recursos artísticos com fins terapêuticos, cabia compreender o que a arte, em si mesma, poderia oferecer enquanto atividade humana (Bilbao, 2004;2006). Posteriormente, somado a esse interesse, como continuação do trabalho e atendendo à crescente demanda, no campo da psicologia, por novas maneiras de atendimento que podem, eventualmente, ser mais úteis e adequadas tanto para os contextos em que elas se inserem quanto para a própria população atendida, propus esse enquadre diferenciado com materiais de pintura. A escolha desses materiais, especificamente, adveio de minha familiaridade e conhecimento sobre os mesmos, entendendo que, apesar de a Oficina de Pintura não ter o objetivo de aprimoramento técnico, o conhecimento razoável da pesquisadora poderia auxiliar as participantes no caso de alguma dúvida com os materiais.

Cabe ressaltar que o Serviço de Psicologia da PUC-Campinas funciona como clínica-escola e os atendimentos são realizados, em grande maioria, por alunos dos últimos anos e por alunos já formados que se encontram em aprimoramento profissional. Atualmente, como enquadre diferenciado de atenção psicológica, o Serviço conta com o Plantão Psicológico. Portanto, um modelo de atendimento como o da Oficina de Pintura representou uma inovação como modalidade de atenção à saúde mental inexistente no Serviço de Psicologia da PUC-Campinas até final de 2005, quando a modalidade foi anunciada (anexo 1) e implementada nos meses de Novembro e Dezembro de 2005 com retorno em Fevereiro de 2006, depois das respectivas aprovações da Coordenação do

Serviço de Psicologia e do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas (anexo 2). Vale ressaltar, também, que foi realizada uma apresentação da Oficina de Pintura aos psicólogos aprimorandos e aos docentes supervisores do referido Serviço de Psicologia (anexo 3). Foi realizado um primeiro encontro com cada participante, individualmente, para efeito de triagem e esclarecimento de dúvidas sobre a Oficina de Pintura num primeiro contato e, caso houvesse ainda interesse em participar, o usuário era direcionado aos encontros. Já nesse primeiro encontro individual, o participante era informado de que a Oficina de Pintura, além de ser um atendimento diferenciado do serviço, era também uma pesquisa, da qual estaria sendo convidado a participar. Contudo, foi esclarecido que, se quisesse participar da Oficina e não da pesquisa, não haveria problema, evitando que pensasse que só seria atendido se participasse da pesquisa.

Com essas atitudes, buscou-se cuidar da ética, evitando que o participante, sem nada saber sobre a pesquisa, pudesse sentir-se surpreendido ou enganado no primeiro encontro grupal quando lhe fosse apresentada a pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 4).

Houve, no ano de 2006, a continuação do atendimento iniciado em 2005, de Fevereiro a Setembro, constituindo um projeto-piloto que serviu à qualificação da pesquisa em Outubro de 2006. A pesquisa ora relatada refere-se, primordialmente, ao ano de 2007, em que se reiniciou a Oficina de Pintura com ajustes sugeridos a partir da qualificação do projeto de tese em 2006. Assim, no ano de 2007, foram realizados 13 encontros, realizados semanalmente, ao longo de três meses.

No *Capítulo 1 – O acontecer clínico* - estão explicitadas as narrativas elaboradas pela pesquisadora, construídas a partir do acontecer clínico vivido nos

encontros de oficina. Nesse capítulo, as narrativas em primeira pessoa têm foco na experiência dos encontros, trazendo à luz o processo vivido nas oficinas ao longo do tempo.

No *Capítulo 2 – A narrativa: um caminho para a experiência* - há a explicitação da estratégia da narrativa como construção do vivido, conceituando-a a partir de princípios epistemológicos da fenomenologia.

No *Capítulo 3 – O apropriar-se da Oficina de Pintura* - o foco é a maneira peculiar com que cada participante apropriou-se da oficina ao longo do tempo, expressa também pelas narrativas da pesquisadora.

No *Capítulo 4 - A Psicologia Existencial-Humanista e a Oficina de Pintura*, são elaboradas articulações teórico-práticas que permitem associações entre o plano do vivido na Oficina de Pintura e o plano conceitual da perspectiva Existencial-Humanista.

No *Capítulo 5 - Repensando a clínica psicológica a partir da Oficina de Pintura*- as reflexões voltam-se, em um primeiro momento, para as oficinas como modalidade de atenção psicológica em diversos contextos. Em um segundo momento, as reflexões voltam-se para as modalidades diferenciadas de atenção psicológica como uma necessidade atual no campo da Psicologia, reconfigurando o papel do terapeuta e do cliente.

Essa seqüência de apresentação não é aleatória, mas visa refletir justamente o caminho percorrido nesta pesquisa de cunho fenomenológico, cujo princípio básico é mergulhar na experiência vivida, sem a priori teóricos e conceituais para, então, num momento posterior, distanciar-se do vivido, procurando articular os elementos vivenciais com reflexões e conceitos que permitam uma compreensão mais apurada do fenômeno estudado. A estrutura

mesma da apresentação deste trabalho, partindo da experiência clínica para depois debruçar sobre ela com conjecturas e reflexões é, em si mesma, a própria postura humanista e, mais especificamente, fenomenológica, que parte da experiência mesma para, então, posteriormente, refletir sobre ela e os possíveis caminhos teóricos e conceituais para os quais ela aponta. A estrutura deste trabalho não é, pois, invertida por acaso, mas está fundamentada na postura teórico-filosófica que aqui se propõe.

Capítulo 1 - O acontecer clínico

O vivido não é a reação muscular, mas a reação psicológica, mental, espiritual, antes de qualquer elaboração posterior com raciocínios.

Mauro Martins AmatuZZi

Encontrei-me com as participantes da Oficina de Pintura durante três meses, no Serviço de Psicologia da PUC-Campinas durante o ano de 2007. Os encontros aconteceram às sextas-feiras, das 10:00h às 12:00h, em uma sala de porte médio destinada a atendimentos grupais.

Os materiais oferecidos às participantes da Oficina foram: tintas acrílicas de cores variadas, cola com glitter, telas de pintura, papéis do tipo canson, copos de plástico (para água), pratos de plástico (para acomodar e misturar tintas). A sala onde os encontros foram realizados possuía almofadas, cadeiras, mesas, uma pia e uma pequena lousa. A sala contava, ainda, com ventilação e iluminação adequadas.

Apesar de ser uma Oficina de Pintura e o enquadre proposto possibilitar o manuseio de materiais de pintura, vale ressaltar que a Oficina era aberta, ninguém era obrigado a pintar se não quisesse.

As mulheres que participaram dessa oficina são todas maiores de 21 anos e receberam nomes fictícios de acordo com as impressões que me transmitiam. As narrativas, construídas a partir dos encontros, objetivam trazer à luz a experiência vivida. AmatuZZi(2001) afirma que o vivido “é nossa reação interior àquilo que *nos acontece* e não simplesmente àquilo que *acontece*”. Nesse sentido, as narrativas foram uma maneira de dar forma ao vivido, constituindo-se como uma construção pessoal e não como mera descrição de fatos.

Abertura ao desconhecido

A tarefa de pintar não fazia parte do cotidiano daquelas mulheres e provavelmente estranharam a proposta de estar com uma psicóloga semanalmente para pintar. Penso que foi o que aconteceu com Dona Amarela, primeira participante a chegar para o primeiro encontro: "A gente vai pintar ? Somos apenas eu e você ? Se você não quiser começar só comigo tudo bem, não tem problema". Eu não via problema, mas ela sim.

Parecia que aquela situação era mesmo estranha, e manter a situação em aberto, de alguma forma, era facilitada pelo pintar: enquanto não achávamos um caminho, não precisávamos ficar em silêncio, uma olhando para a cara da outra, podíamos pintar porque isso nos entretinha e nos protegia do vazio.

Nesse primeiro encontro, quem começou a se apropriar do pintar mais detidamente foi Dona Vermelha, que começou a pintar seus sonhos enquanto nos contava sobre eles: em um dos sonhos, ela caminhava por uma floresta de árvores secas cujas folhas estavam caídas no chão; era um sonho angustiante e a imagem não lhe saía da memória. Ela pintou, contou a história como se quisesse arrematar aquela experiência que tinha ficado como uma lembrança; parecia querer retomar o sonho. Depois falou de outro sonho no qual subia uma escada e um senhor mostrava-lhe um céu estrelado. Ao contar este outro sonho, revivia a experiência; o sonho tornava-se vivo. Ela esteve entretida pintando os sonhos e contando sobre eles, não esperando nenhuma explicação de ninguém. A impressão foi mesmo a de que estava adentrando sua própria experiência, revivendo-a, traduzindo as imagens e sensações do sonho que estavam presentes nas representações e em suas palavras.

Houve momentos de silêncio na sessão e eu sentia a angústia do vazio. Nesses momentos, passados alguns segundos, pensava em intervir fazendo algum questionamento sobre, por exemplo, o que as havia levado até o serviço. Logo em seguida, entretanto, refletia sobre essa atitude sentindo que iria enquadrar a nossa relação, estabelecendo uma relação de ajuda psicólogo-paciente e eu, de fato, queria deixar o espaço aberto para que os nossos papéis se construíssem espontaneamente e a partir da própria relação e não a partir de estereótipos ou “do que era esperado”. Queria que os conteúdos surgissem naturalmente, sem que eu precisasse direcionar; também não queria necessariamente focalizar o problema que elas tinham e que teria gerado o motivo de procura do serviço. Avaliando esse meu impulso, talvez pensar em intervir dessa forma fosse simplesmente para preencher o vazio com alguma coisa conhecida por mim e por elas, pois estávamos ali em um serviço de psicologia, nada mais “natural” do que falar de problemas. Para fazer isso e continuar dando um sentido àquele encontro, tinha de me desprender do conhecido papel para mergulhar em algo que não sabia o que seria, em prol de fazer algo diferente, mas que carregava o objetivo de ser proveitoso e útil àquelas pessoas.

Era assim que eu me colocava: uma pessoa atenta, interessada nas falas, nas pinturas e que não tinha a pretensão de direcionar ou colocar alguma regra além daquelas regras mínimas de tempo e espaço. Estávamos ali na sala 2, durante 2 horas, semanalmente, para pintar e conversar. O encontro era sustentado por esses eixos básicos.

Já logo na primeira sessão, depois de um tempo de silêncio, as mulheres começaram a falar de depressão, de trabalho, de remédios, do significado dos

sonhos. Parecia que, como eu não estava presa a uma determinada postura de "ser psicóloga", as mulheres puderam levantar questionamentos, compartilhar experiências. Uma pergunta levantada era se o sonho tinha algum significado. Sim, elas puderam se perguntar "o que era o sonho". Para mim, essa pergunta não tinha surgido por acaso. Quero salientar que essa pergunta não foi direcionada a mim, mas foi direcionada ao grupo e tinha um apelo exploratório. Penso que só foi possível que ela surgisse assim configurada porque, na minha postura de psicóloga que estava ali presente, esse significado não existia a priori, pelo contrário, existia uma abertura de minha parte, um certo "não saber". Essa idéia me vem porque acredito que se eu tivesse começado a comentar coisas sobre sonhos, tivesse dado uma interpretação ou começado com perguntas investigativas, teria fechado a experiência delas em recipientes delimitados e não teria permitido que outros significados pudessem surgir ou que outros movimentos pudessem acontecer por parte das participantes. Mas como procurava estar centrada naquilo que vinha delas e não nas minhas próprias concepções sobre o assunto, penso ter criado um campo propício para a dúvida e o desconhecido. Da mesma maneira, elas começaram a conversar espontaneamente sobre a depressão: "Será que depressão tem a ver com velhice ? Será que depressão é frescura ou existe mesmo ?". Elas queriam trazer o tema à baila para encontrar sentidos possíveis com as outras companheiras de oficina.

Nessa ocasião, a depressão foi um tema em comum entre Dona Amarela e Dona Rosa. Esta havia descoberto que a depressão existe mesmo por sua própria experiência e que isso havia mudado sua forma de olhar. Revelou-nos que sempre achara que depressão era "frescura", coisa de gente "sem ter o que fazer", até que um dia ela teve "o problema" e foi levada ao hospital da cidade em

caráter de emergência. Desse dia em diante, segundo ela, percebeu, por sua própria experiência, que depressão existia mesmo e era problema de verdade. Dona Amarela foi tocada por esse relato de Dona Rosa e deu sinais disso com um suspiro profundo. Ao ser questionada por mim, desmoronou em lágrimas, ainda tímidas, revelando sua própria dor.

Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é

Dona Vermelha começou expondo suas idéias sobre o que era a pintura: achava que a pintura revelava algo que a pessoa tem dentro de si e chegou a essa conclusão a partir de suas próprias experiências. Em seguida, foi contando o caminho que a fez chegar a tal conclusão: contou-nos que um dia estava conversando com alguém e começou a rabiscar um papel, sem se dar conta; outra vez estava com um papelzinho na mão e começou a picar também sem perceber. A partir disso, concluiu que pintar seguia o mesmo princípio: pintamos o que estamos sentindo no momento. Para Dona Amarela, o importante era pintar bonito e ela não se sentia em condições de fazê-lo, repetindo de forma bem-humorada: "Como pintora, eu sou uma ótima costureira !"

Depois que Dona Amarela desenhou, criticou seu próprio trabalho. Demonstrou que não havia gostado, mas eu o considerei original, valorizando o que ela tinha feito não a partir de um parâmetro pré-fixado de beleza. Penso que uma atitude assim era contraproducente já que não incentivaria a pintura que ela poderia fazer a seu próprio modo. Eu não estava ali para que as pessoas aprendessem a pintar e fizessem belos trabalhos. Curiosamente, apesar de sempre ter demonstrado uma auto-crítica mais acentuada que as outras participantes, Dona Amarela sempre pintou nos encontros, de forma menos receosa no final, se comparada ao início das oficinas.

Depois disso, continuando a pintar, houve um pouco de silêncio e Dona Amarela mencionou seu medo de dirigir. Contou-nos que seu medo não tinha explicação e sentia até raiva de ver outras pessoas mais idosas com coragem

para isso. Disse que se sentia triste e impotente com a situação, deixando sua carta de motorista vencida guardada na gaveta.

Senti, dentro da situação, que meu movimento de aceitação de sua pintura, sem julgamento, abriu uma porta para que ela conseguisse falar do medo. Falando em medo, contou-nos também que tinha medo de ratos. Em princípio, ela disse que não sabia de onde vinha seu bloqueio com os carros, não entendia porque não conseguia. Continuou conversando sobre o seu medo e a conversa desembocou no marido, alcoólatra que, quando bêbado, brigava com ela porque queria a chave do carro para sair. Assim, no desenrolar da conversa, deu-se conta de que seu medo de carros tinha associação com o marido que bebia e saía de carro fazendo confusão, o que a deixava enlouquecida, fazendo-a sentir repulsa por ele e, depois, medo de carros.

Dona Vermelha ouvia atentamente enquanto pintava, mas não falou de seus medos. Impressionou-se com Dona Amarela contando de um monte de ratos que saíam de um bueiro e falou que seu animal favorito era sapo. Parece que o que cada uma dizia mobilizava a outra participante e suscitava determinada linha de raciocínio e significados. Era uma associação bastante livre e muito rica e eu tinha a sensação de estar mergulhando nessa trama de significados que ia sendo construída ao longo do encontro.

Inicialmente, Dona Amarela havia dito que seu medo de carros não tinha explicação, mas à medida que ela foi se revelando e aprofundando nas questões, ela mesma deu-se conta de que seu medo de carros relacionava-se com o marido, ampliando sua percepção. Era como um mergulho na experiência e, mergulhando, era possível encontrar objetos antigos, significados, imagens. Era importante criar um clima propício para essa exploração, sem julgamentos das

pinturas ou das falas, propiciando uma condição de abertura para a experiência ali vivida.

Logo depois, Dona Vermelha contou-nos de seu arrependimento por deixar de trabalhar e disse que gostaria de retomar o trabalho cuidando de crianças ou velhinhos, fazendo-a lembrar-se de sua irmã que cuidava de uma senhora idosa, mas acabou morrendo antes dela, inesperadamente:

“Imaginem que a Dna M. era bem velhinha e bem doentinha sabe...pois não é que minha irmã morreu antes dela ? Gente, como pode ? A gente não sabe a hora mesmo...”

Quando a senhora idosa morreu, tempos depois, todos disseram que havia sido a irmã de Dona Vermelha que viera buscar a velhinha pois elas eram muito ligadas emocionalmente. O tema da morte entra na trama de significados e ainda se desdobra:, Dona Vermelha contou-nos de um vizinho seu que sempre cuidava do jardim e levava o filho na garupa de sua bicicleta e que, de repente, se matou. Aquele fato foi incompreensível, pois a aparência da vida do moço não levantava suspeitas de que algo de muito errado estava acontecendo com ele. A conclusão do relato veio de Dona Amarela: “É por isso que não dá para julgar o outro, cada um tem um problema diferente e gosta também de coisas diferentes, não é mesmo ?”

Aquela colocação vinha ao encontro dos mistérios da vida e do ser humano. Mostrava que a vida é cheia de surpresas e, tanto no caso da velhinha quanto no caso do moço, a vida se interrompe com a morte, inesperadamente. A conclusão de Dona Amarela ia no sentido de constatar a ignorância comum diante de certos fatos da existência humana, incitando uma aceitação e não julgamento.

Mais um momento de silêncio e começa o tema da separação entre Dona Amarela e Dona Vermelha. Apesar de o “fato” ser o mesmo, a separação, ambas contam como viveram a experiência de maneiras bem diferentes. Para Dona Vermelha, a separação do marido foi extremamente traumática pois sua experiência era a de que ele foi “sacana” já que “arrumou outra mulher”. Já para Dona Amarela, a experiência foi diferente, pois ela esteve durante muitos anos tentando tirar o alcoolismo do seu casamento e não conseguiu, até que tomou a decisão de seguir sua vida sem tentar mudar o marido. Por motivos diversos, ambas se encontraram no limite e se separaram. Relataram as separações demonstrando o quanto haviam sofrido, com raiva e ressentimento. Dona Vermelha ficou inimiga do marido, enquanto Dona Amarela ainda era amiga dele.

O tema era doloroso, havia ódio, tristeza, derrotismo, mas as mulheres sentiram-se à vontade para compartilhar suas experiências e entrar em contato com aqueles sentimentos. Havia um tom de retomada dos “porquês” das separações: enquanto uma explicava sobre a traição, a outra explicava a impotência diante do alcoolismo; enquanto uma falava de ódio pela traição do esposo, a outra falava do inferno em que se transformou seu casamento por conta da bebida do marido. Havia uma grande empatia entre nós. Parecia importante para elas tocar naquilo que era uma ferida para as duas.

Foi interessante perceber que falar sobre tais situações pintando era, de certa forma, leve, e permitia entrar em contato com o tema sem entrar em contato direto com a dor que o tema trazia. Parecia que a pintura amenizava o sofrimento, permitindo entrar na área dolorosa “pelas bordas”.

O coração e a solidão

Quando Dona Vermelha começou a falar de sua noite, logo veio a preocupação sobre o seu coração. O coração não ia bem e a longa espera para fazer o exame de eletrocardiograma ainda deixava a situação mais difícil. Com o problema do coração vinha o medo da morte, o medo da doença do coração, o medo da solidão:

"tenho medo de ficar sozinha, mas vai ver que é esse o meu destino, pois eu também sei que não tenho direito de atrapalhar a vida da minha filha, acho até que ela ainda não casou por minha causa"

Imediatamente, Dona Amarela disse que não tinha medo da solidão. Pareceu-me estranha aquela fala, algo soava falso:

"pois eu não tenho medo de ficar só, na minha casa não tem bicho, nem plantas nem ninguém, só tem eu, as paredes e as portas !"

Aos poucos, sua forma de falar de sua própria vida sugeria que ela teve que se acostumar à solidão e que também a solidão era uma forma de se afastar do mundo pois dava "menos trabalho". Mostrava-se convencida de que era melhor ficar só que mal acompanhada e que, tomando por base os problemas com seu marido, era melhor ficar sozinha mesmo. Até admitiu, em um momento, que não gostava de ficar só, mas parecia que era um mal necessário. Por outro lado, justificava essa necessidade de solidão dizendo:

"é claro que é ruim ficar sozinha, não é que eu goste, mas tá bom assim, fica mais fácil de cuidar e eu sou sozinha, tenho que me acostumar, as pessoas não acreditam como eu moro nessa casa sozinha mas eu não me importo, porque na hora que todo mundo vai dormir, tem que dormir sozinho porque cada um é sozinho mesmo"

Parecia que a sua necessidade de solidão era uma atitude defensiva e sua pintura parecia também estar de acordo com essa idéia: Dona Amarela pintava, enquanto falava, uma grande parede verde e vermelha com aparência de muita solidez. Talvez a solidão fosse uma barreira necessária para ela. Fiquei imaginando se Dona Amarela, depois de tanta preocupação e atenção constante em torno da bebida do marido, não tinha optado por viver uma vida que não desse "trabalho". Ela parecia ter extirpado tudo que pudesse causar algum transtorno.

Contou-nos que em seu quintal havia um pé maravilhoso de manga de cordão e que, quando começava a dar mangas, as pessoas que passavam na rua, desejosas das mangas, tocavam a campainha ininterruptamente para pedir algumas delas. Ela se recorda lembrando da beleza do pé, mas logo vem um tom enraivecido pelo trabalho de atender as pessoas a todo momento. Parece que nem mesmo a beleza do pé de manga em seu quintal podia compensar o trabalho que ele daria quando as mangas comessem a amadurecer. Havia um ar defensivo em sua fala, como se ela buscasse justificar que era normal e natural estar só, só ela, as paredes, as portas e o cimento do quintal. No fundo, era melhor assim, mais vazio. Mas ainda um resquício na fala, um tom de saudade do

pé de manga fez-me pensar que tinha tomado a decisão de cimentá-lo não por desgosto pelo pé, mas pelo trabalho que ele significava para ela, assim como o que tivera com seu marido.

De repente, pareceu-me que Dona Vermelha, ao mostrar-se frágil diante de sua solidão, mobilizou Dona Amarela num sentido oposto, erigindo uma barreira de contato com o lado negativo de estar só. A partir daí, há um contraste muito grande entre a fragilidade exposta de Dona Vermelha e o discurso de Dona Amarela de que a solidão não é problema, é solução.

Dona Amarela e Dona Vermelha concordaram que não queriam outros companheiros. Dona Vermelha tinha medo de doenças e Dona Amarela disse que se sentia um “gato escaldado” e não ia querer se arriscar numa nova relação depois de tudo o que tinha passado. Melhor ficar só, na mesma direção do quintal cimentado.

Ainda nessa sessão, a solidão aparece de uma outra forma: como algo inexorável da existência humana, mas que traz também a liberdade. Esse significado aparece claramente quando Dona Amarela traz o tema dos bailes noturnos que freqüentava. Enquanto Dona Vermelha tinha medo de ir aos bailes e se expor e ser mal vista pelos vizinhos, apesar de querer, Dona Amarela já havia resolvido esse conflito assumindo sua solidão e, com ela, sua liberdade:

" eu também pensava assim, mas depois eu percebi que eu passei a minha vida inteira pensando nos outros, passei vinte anos tentando tirar a bebida do meu casamento, e percebi que agora eu tinha que olhar para mim, e fazer o que eu tivesse vontade, que se faltasse comida na minha casa, era eu que tinha que buscar, se tinha conta para pagar, era eu que pagava e não os outros"

A mensagem era assim: estou só mas, na mesma medida, estou livre, eu cuido de mim e então viverei como quero.

Enquanto Dona Amarela desenhava sua parede que a protegia do mundo, Dona Vermelha, com medo de perder a vida e com medo da solidão, desenhava umas flores arrancadas do chão, com as raízes expostas. Estava entrando em contato com a sua fragilidade, sua solidão, seu medo da morte, seu “ficar sem chão”, e estava com o semblante triste naquele dia, que não era de costume, conforme assinalou Dona Amarela. Dona Vermelha concordou, olhando demoradamente para as flores arrancadas do chão de sua pintura e refletindo: “É, as flores estão sem chão, as raízes estão expostas....”

As borboletas e a encruzilhada

O primeiro problema era o da memória. Dona Preta já havia falado na sala de espera para Dona Vermelha que tinha sofrido um acidente e depois disso tinha problemas de memória. Dona Vermelha angustiava-se porque não via motivos para o seu próprio esquecimento, comparando-se com Dona Preta. Quando Dona Preta falava dos esquecimentos, falava contando uma história que entreteve todas as pessoas.

Contou-nos que havia encontrado uma pessoa na rua que veio abraçá-la e ela não sabia quem era. Conta fazendo todo o mistério da situação, um mistério e uma angústia por não saber quem era aquela pessoa, a angústia aumentava proporcionalmente à alegria que a moça revelava ao encontrá-la. Afinal, como era possível a moça tão alegre e Dona Preta sem fazer nem idéia de quem era a moça ? Ela conta de uma maneira leve e bem-humorada, sem tristeza. A falha de memória podia ser parte de uma história interessante. Dona Preta contava, as mulheres arregalavam os olhos de mistério e divertiam-se com o jeito de Dona Preta.

Lembrei-me de que, quando Dona Preta chegou até a oficina no ano anterior, 2006, ela chorava muitas vezes ao dizer sobre seus esquecimentos, sobre a perda do olfato e a perda de identidade depois do acidente, mas ali, naquele momento, contava sua história de esquecimento de uma maneira muito diferente. Minha memória começa a viajar no tempo. Na Oficina de Pintura do ano anterior, Dona Preta começava todos os encontros falando do acidente de maneira tão dolorosa que suas lágrimas, inevitavelmente, inundavam a fala. Por vezes, buscando retomar o discurso e se acalmar, Dona Preta saía da mesa de

pintura e ia até a pia, pegava um pedaço do papel-toalha, enxugava as lágrimas, mas continuava chorando e falando de sua dor olhando para a parede, de costas para os outros participantes da oficina. Era assim que ela entrava em contato com sua dolorosa experiência do acidente e tudo o que ele significava: a perda do emprego, a perda do olfato, a perda da memória, do peso corporal e da identidade. Naquele encontro, quando via Dona Preta falar de seu esquecimento de maneira leve e engraçada, vi como o significado daquele acidente havia mudado. Parecia-me que ela pegava a experiência por outro ângulo ou até aquela experiência mesma já era outra, já tinha ganhado outro contorno. O acidente e tudo o que estava ao redor dele tinham encontrado nela um outro lugar e a experiência da perda já não era tão dolorosa.

Dona Vermelha sentia de outra forma: era muito angustiante esquecer as coisas e não saber a causa do esquecimento. Aliás, nesta mesma sessão, ficou evidente que havia uma necessidade de encontrar as causas, algo que explicasse uma situação ou um sentimento.

Dona Vermelha disse que se angustiava muito à noite quando acordava pelo fato de não se lembrar de nada e Dona Preta, tentando acalmar Dona Vermelha que estava tão angustiada com a não compreensão dos fatos, dá uma explicação espiritualista dizendo que o motivo de tanta angústia podia ser um copo de água que estava no quarto.

Segundo Dona Preta, que segue a doutrina espírita, copos de água dentro do quarto trazem energias negativas pois existem espíritos que podem querer beber água durante a noite e que a água deve ser consumida pelo seu próprio espírito quando você está dormindo e não por outro espírito que esteja no quarto.

Ao ouvir isso, Dona Vermelha sentiu-se aliviada de sua angústia com a explicação de Dona Preta: a causa de sua aflição podia ser a água.

Era interessante observar aquele movimento e perceber como elas duas se aproximavam. Uma com a queixa e a outra tentando acalmar; parecia até que a explicação de Dona Preta trouxe um certo alívio para Dona Vermelha. A explicação estendeu-se e Dona Preta disse que se fosse água com sal não tinha problema. Dona Vermelha, então, aliviou-se ainda mais porque a água que tem em seu quarto é com sal e, portanto, aqueles espíritos da noite não podiam lhe fazer mal.

Dona Preta ainda contou que tinha um sobrinho para quem nada dava certo e a explicação para isso também estava nos espíritos: ele chutou uma garrafa vazia de uma encruzilhada. Segundo ela, como as encruzilhadas têm donos que são espíritos, cada pessoa deve pedir licença para passar por uma encruzilhada sob pena de levantar a ira dos mesmos; imagine, então, uma pessoa que não só não pediu licença como também chutou uma garrafa vazia! Aí está explicado porque a vida do moço não dava certo. Era uma explicação lógica, dentro da ótica espírita de Dona Preta.

Dona Vermelha continuava a reclamar de sua memória, dizia que não se lembrava de nada, o que a deixava muito insegura sobre si mesma. Enquanto buscava o porquê de sua falta de memória, esbarrou na lembrança de que, quando tinha 38 anos, “sofreu de esquecimento” e foi ao neurologista. Este, no entanto, nada constatou.

Enquanto nos contava sua história, pintava várias borboletas coloridas e cada uma levando um lencinho de pano. Contou-nos que estava pintando um sonho que teve logo antes de sua mãe morrer. Ela começou assim:

"Eu vou contar pra vocês o sonho das borboletas, eu estava num lugar que eu só via muitas borboletas coloridas e cada uma delas carregando um lencinho e daí eu disse para minha mãe:

"Mãe, olha que sonho estranho: eram várias borboletas voando carregando lencinhos, como se estivessem despedindo de alguém, sabe quando a gente vai se despedir e então faz aquele gesto de acenar com o lencinho ? Era assim ! Só pode ter morrido alguém, mãe, era um adeus, era um velório ... quem morreu, mãe ?"

E a minha mãe respondeu:

"Pare com isso, Vermelha, não é nada, não ! Ninguém morreu !"

Depois de uma semana, minha mãe faleceu, então eu entendi que aquele sonho era um aviso, estava mostrando que a minha mãe ia morrer, eu não entendi na hora, só entendi depois."

Dona Vermelha entretinha a todas nós com aquela situação, aquele diálogo e todas as participantes estavam hipnotizadas. Dona Vermelha, como Dona Preta, tinha o dom de entreter com suas histórias e, quando ela começava com o tom de mistério, olhando nos olhos de todas as mulheres com seu discurso instigante, todas prestavam atenção. Na verdade, parecia-me que Dona Vermelha não se conformava com a morte da mãe e era muito penoso tentar entender como aquilo tinha acontecido. O sonho era uma forma de retomar aquela experiência,

retomar a cena e a morte da mãe, talvez numa tentativa de compreensão e aceitação do fato.

Em um outro momento, ela voltou a tocar no assunto da morte da mãe, disse que sua mãe estava bem e, de repente, não sentiu mais o braço. Levaram-na para o hospital imediatamente, ela foi atendida, mas parece que não identificaram o que aconteceu. Ao contar, Dona Vermelha mostrava sua indignação com os médicos que não puderam salvá-la. Segundo ela, os médicos erraram, “fizeram barbearagem”, afinal: *“Como que pode minha mãe entrar no hospital andando e não sair mais? Como pode? Sem ninguém saber dizer nada?”*

Tanto no caso das borboletas quanto no caso da encruzilhada e também no caso da doença repentina da mãe, existiam significados obscuros que exigiam uma explicação. As explicações possíveis de serem pensadas eram simples, pautadas em crenças cujos significados pareciam necessários para arrematar certos mistérios da vida.

Talvez seja porque nós, humanos, sempre procuramos encontrar explicações que possam nos tirar da angústia das incertezas sobre determinados fatos.

Posso ser como sou ?

Dona Preta começou a falar sobre como era difícil sofrer discriminação por sua cor. Ela nos contava das humilhações pelas quais já havia passado. Ao mesmo tempo em que contava essas experiências negativas, lembrou-se de um doutor para o qual trabalhou por muito tempo como doméstica. Ela se dizia orgulhosa desse médico - que chamarei de Dr. Azul - e sua esposa terem sido bons com ela, não fazendo diferença por sua cor. Em seu relato ficava evidente que a tal família tinha-a em muita consideração e precisava dela nos cuidados com uma filha que tinha paralisia cerebral. O respeito e o carinho que tinham surgido ali pareciam estar pautados por uma grande aceitação das diferenças e dificuldades.

O Dr Azul e sua esposa haviam adotado três crianças de etnias diferentes, dentre elas, uma garotinha negra com paralisia cerebral. Dona Preta pensava que, se eles podiam amar aquela menina e podiam gostar dela também, mesmo negra, ela cuidaria da menina com todo respeito e consideração. Ali na família do Dr Azul, as diferenças podiam ser vividas e respeitadas por todos:

"A que era da minha cor tinha paralisia cerebral e eu ajudava ela a fazer tudo, eu adorava eles e pra eles, que têm muito dinheiro, não importava nada, não importa cor, não importa raça, eles são gente muito fina e muito simples, sabe... quando eles foram pro exterior, eles quiseram me levar junto e me pediram: "Você vai junto com a gente, porque a gente não faz nada sem você"

Parecia que ela queria nos contar como era importante e valorizada por aquela família. Penso que Dona Preta já tinha essa questão do valor pessoal como algo conflituoso, pois nos episódios que contava, dizia o quanto não aceitava quando sofria discriminações:

Contou-nos sobre uma vizinha de uma casa nova que ela havia comprado :

" A mulher disse: "Ué, cadê os donos da casa ? Pois eles já mandaram você aqui para limpar, você não é a empregada? Nossa, aquilo me subiu a raiva na cabeça que eu disse assim: sou eu mesmo a dona da casa, ou você acha que negro não pode comprar casa? Sou eu a dona da casa e você pode estar certa de que você, que é branca, não teria o dinheiro para comprar ! Que ódio que me deu...."

Contou-nos sobre o emprego perdido:

"Já perdi emprego no banco porque a moça que me entrevistou disse que eu tinha passado nos testes e na entrevista, mas que não ia ser contratada porque eu seria chefe dela e ela não aceitaria jamais ser subordinada a uma negra !! Eu disse a ela: "Eu ainda vou voltar aqui, mas quando voltar eu não vou mais te encontrar..." Dito e feito, depois de dois meses ela já não estava mais lá e eu também encontrei outra coisa"

Contou-nos sobre sua filha na escola:

"Teve um dia que a minha menina chegou em casa chorando e dizendo que o professor, quando falava dos negros, dava exemplo dela. Eu não deixei barato não, fui na escola tirar satisfação e o professor disse que ele não ligava, que nenhum negro ia dizer para ele o que ele tinha que fazer na sala de aula; daí fui até o diretor e ele também não fez nada, então eu fui à delegacia de ensino e registrei toda a queixa, disse que aquilo não era possível, daí teve um dia que eles demitiram o professor e tiraram o anel do diretor e daí eu voltei lá e falei: "Se você não liga pro que aconteceu com minha filha, eu ligo, e já mostrei o que eu posso fazer contra vocês, agora você me mostra o que você, que é branco, pode fazer contra essa negra aqui ! Não, de jeito nenhum, eu sou igual a todo mundo !"

Contou-nos sobre o atendimento no hospital depois do acidente :

"Pois é, quando precisei de ajuda depois do acidente, eu vim aqui e uma médica que me atendeu disse assim: "Você tem muita sorte de eu estar atendendo você e eu só estou atendendo uma negra porque teve uma pessoa que me pediu e eu não posso negar favor para essa pessoa ! Aí eu perguntei: "Ah é, quem foi que te pediu? "A médica respondeu: "Foi o Dr. Azul"

Dona Preta, tendo contado tudo isso e depois lembrado de sua experiência com a família do Dr. Azul, fez-me sentir que aquilo parecia um bálsamo para sua alma, como que num passe de mágica desaparecia aquela raiva, aquele ressentimento das situações de humilhação pelas quais havia passado para dar lugar a um sentimento de tranquilidade quando mencionava o Dr. Azul e sua família.

Era visivelmente bom para ela quando o Dr. Azul e sua família reconheciam-na como pessoa com suas qualidades e aceitavam-na, pois parecia, então, que era possível ser como se é e aquilo trazia conforto e mansidão. Aquela mulher brava e espinhenta, quando discriminada, transformava-se numa pessoa doce quando podia ter sua cor aceita.

Eu estava tentando entender o que aquilo tudo significava para ela, que sentido tinham aquelas lembranças e aquele forte senso de auto–afirmação ali na Oficina de Pintura, diante de mim e das colegas, depois daquele acidente que tinha significado uma ruptura tão grande em seu viver. Dentro do contexto de sua vida, pensando no acidente e nas suas perdas como consequência, eu questionava se a reconstrução de sua própria identidade não estaria se dando, de alguma forma, pela auto–afirmação física, em primeiro lugar, a auto-afirmação de sua cor, que ela trazia ali para a Oficina de Pintura.

São redemoinhos !!

O primeiro redemoinho que surgiu foi o dos cabelos. Surgiu com um comentário de Dona Branca sobre meus cabelos cacheados. A partir de seu comentário, outras participantes começaram a falar sobre cabelos: Dona Vermelha disse que ia deixar seu cabelo crescer pois ele estava muito curto e ela se sentia mal; Dona Branca disse que foi a um cabeleireiro novo em seu bairro e ele fez um estrago em seu cabelo; Dona Preta disse que não podia cortar seu cabelo com alguém que fizesse arrepiar a coroa (mostrou onde era a coroa, apontando para a extremidade mais alta da cabeça). Cada uma fazia comentários a respeito do que a outra dizia a partir de sua própria experiência e logo o redemoinho se foi.

Lá vem o segundo redemoinho: Dona Amarela falou sobre sua cirurgia. Comentou que não viria nos próximos dias porque iria fazer uma cirurgia de útero. Dona Preta alertou-a e talvez tenha incitado medo em Dona Amarela dizendo que soube de uma pessoa que foi fazer uma cirurgia no útero e cortaram sua bexiga. Nesse momento, Dona Amarela ficou preocupada e disse que já iria entrar na sala de cirurgia avisando os médicos para tomarem cuidado com o que eles iriam fazer. Apesar de mais angustiada, Dona Amarela disse que era bom saber daquilo pois iria preparada para a cirurgia. Acabou o redemoinho....

O terceiro redemoinho veio com Dona Branca e seus netos. Começou falando que queria expor uma situação para as participantes e gostaria de ouvir o que elas pensavam. Contou-nos que sua neta disse para a diretora da escola que mataram o pai dela e que sua avó estava no "bico do corvo". Como nenhuma das duas coisas era verdade, do ponto de vista factual, segundo Dona Branca, ela

preocupou-se por não considerar normal uma criança falar aquilo. Era-lhe também estranho o fato de que a menina não ia à escola já fazia um mês. Na visão de Dona Branca, essa neta mais velha deve estar sobrecarregada cuidando dos irmãos mais novos e cuidando de um pequeno bar que sua mãe fez acoplado à casa. Parece que existe uma situação familiar complicada e Dona Branca intermedia as relações, ora falando com a neta, ora falando com a nora.

O grupo não estava particularmente interessado no problema de Dona Branca, as participantes se entreolhavam e continuavam pintando. Aí eu perguntei se ela já tinha pensado em conversar com sua neta para saber o que estava acontecendo. Respondeu-me que havia pensado mas não havia conversado de fato. Dona Vermelha então comentou que aquilo não era mesmo normal e encerrou sua colocação. Parece que o tema não teve muita repercussão no grupo.

Logo depois, Dona Vermelha mostrou-nos o galo colorido que estava pintando, um galo que tinha visto na revista. Dona Amarela comentou de forma bem-humorada: “Esse galo é boiola!”

Todas as participantes riram e ninguém voltou ao tema de Dona Branca: foi-se embora o redemoinho...

O próximo veio com Dona Preta, lembrando de seu primeiro casamento. Dona Preta nos contou que foi casada pela primeira vez com o pai de seus três filhos. Disse que tinha 14 anos e um mês depois do casamento pegou seu marido com outra. Segundo a educação que tivera, a mulher devia continuar casada e casamento era para sempre. Mesmo com a traição, o que a fez realmente sair de casa foi o fato de que o marido começou a quebrar as coisas e ela saiu fugindo para a casa do pai. Dona Amarela disse: “Esta idéia de que você

tem que agüentar tudo do marido é uma idéia ultrapassada e hoje não é mais assim não !” . Percebi que Dona Amarela estava falando também de si mesma, já que ela própria tinha tomado a decisão de que não ia mais agüentar o alcoolismo do marido e resolveu se separar. Nesse ponto, a vida de Dona Preta tocava a vida de Dona Amarela .

O último redemoinho veio de Dona Rosa. Ela, que estava calada na maior parte do tempo, quando alguém falou do seu desenho foi que entrou no diálogo. Estava desenhando uma Virgem Maria sem os contornos da cara que, segundo disse, ia deixar para fazer por último. Começou a falar de si mesma, dizendo que estava se sentindo muito dopada com os remédios do pânico, que não entendia por que aquele pânico tinha acontecido naquele momento de sua vida já que havia passado por outros problemas anteriores. Estava tentando entender a sua própria situação e compartilhava seus pensamentos com as participantes. Parecia ainda difícil acreditar que tinha depressão e só se convenceu disso no momento em que foi levada a um hospital da cidade e teve que ser medicada. Segundo ela, o médico psiquiatra disse que o problema do pânico relacionava-se a “coisas passadas e antigas”, mas ela não sabia dizer o que eram tais “coisas”. Dona Rosa parecia estar tentando se encontrar e a sensação que eu tinha era a de que ela perdera o caminho.

Dona Amarela comentou que a tristeza é muito ruim mas que ela não queria tomar remédio pois achava que um dia ia passar. Dona Preta comentou que, depois do acidente, teve que tomar remédio para depressão, mas depois foi fazer a Oficina de Pintura e tirou o remédio. Novamente existe aquele movimento em que a fala de uma delas suscita a outra, a experiência de uma participante, quando relatada, gera nas outras uma resposta. A experiência é compartilhada e

vai se acumulando, se avolumando, formando o redemoinho....Sim ! São redemoinhos !....

A casa dos espíritos

Nessa sessão, Dona Vermelha começou trazendo suas angústias e estávamos presentes apenas eu, Dona Preta e Dona Vermelha. Dona Vermelha disse que estava angustiada e foi “bater perna na cidade”. Quando voltou, ao abrir o portão, sentiu uma força muito ruim que a levava para baixo e quase caiu. Sua suspeita é a de que existe alguma coisa ruim em torno de sua própria casa, algo como uma energia ruim. Contou também que, certa vez, há algum tempo atrás, viu um homem e uma mulher jogando uma bacia de água em seu terreno. Disse que correu até eles para questionar sobre o que estavam fazendo ali, mas logo foram embora e ela não pôde saber.

Perguntou a Dona Preta se todo o mal-estar que ela sente podia se relacionar a essa energia. Dona Preta disse que podia e aconselhou que ela fosse tirando os efeitos dos espíritos ruins jogando água e sal nos quatro cantos da casa, do quintal para o portão, primeiramente, e depois viesse jogando água com açúcar e pensando coisas positivas do portão para o quintal, em sentido inverso para atrair coisas boas.

Além disso, Dona Preta aconselhou que ela cozinhasse um pouco de canjica e jogasse no telhado da casa pedindo proteção. Dona Vermelha escutava atenta todos os conselhos e disse que ia providenciar tudo o mais rápido possível. Dona Vermelha continuou dizendo que tinha investigado sobre a escritura de sua casa e descobriu que existia uma história de muitas mortes e separações associadas às pessoas que ali moravam anteriormente. Considerou que seus próprios problemas, então, podiam se relacionar às energias ruins da casa.

Contudo, Dona Preta advertiu dizendo: “Nem tudo é por causa da casa, os problemas seus também têm a ver com a sua vida e a sua missão”.

Dona Preta contou-nos como tinha sido seu caminho nesse mundo do espiritismo, sobre a entrega que tinha feito aos espíritos. Dona Vermelha disse que também tinha muita sensibilidade e que, um dia, até disseram que ela podia ser médium. Chegou a pensar que, se tivesse sido médium e seguido esse caminho, boa parte dos problemas de sua vida não teriam acontecido. Dona Preta contou-nos sobre seus dons espirituais e conversamos sobre isso durante todo o encontro. Parece que ali na Oficina, elas estavam muito à vontade para falar sobre si mesmas e sobre crenças e mitos. Dona Preta aparece como conselheira espiritual de Dona Vermelha e fiquei observando nos bastidores o movimento de uma em relação à outra.

Enquanto uma se queixava e se angustiava, a outra dava a solução. Dona Vermelha demonstrou acreditar no que estava ouvindo, o que teve um efeito positivo sobre ela. Se não acreditasse nestas questões espirituais, os dizeres de Dona Preta não teriam nenhum efeito. Parecia muito importante que Dona Vermelha acreditasse na sabedoria espiritual de Dona Preta e isso me fazia pensar que, nesse caso, a ajuda que vem do outro pode ser como uma receita e esconde o poder pessoal que está nas mãos do próprio indivíduo. De qualquer forma, Dona Vermelha se entusiasmou ao perceber que havia possibilidade de se proteger e proteger sua casa mediante os rituais que Dona Preta sugeriu.

Dizer não : missão impossível?

Dona Rosa e Dona Branca estavam presentes nesse dia. Dona Branca voltou a falar dos netos e suas preocupações com eles. Dona Rosa, como sempre, começava pintando e depois entrava na conversa. Dona Rosa disse que se sentia muito sobrecarregada pelos filhos e que estava cansada de tomar tantos remédios. Disse que seus filhos estavam sempre solicitando sua atenção apesar de serem adultos, desde fazer a comida até resolver coisas simples do dia-a-dia. Pelo seu discurso, parece que ela era o centro de referência da família. Naquela sessão, parou e pensou como toda essa sobrecarga tinha relação com seu problema de pânico e sua depressão. Dona Branca disse que também se sentia sobrecarregada pelos filhos, principalmente por uma filha que ainda morava com ela e tinha um filho de dez anos e agora outra filha menor.

Avançando na conversa, elas perceberam que havia um outro ponto em comum: essa sobrecarga parecia ter relação muito próxima com o fato de que as duas têm problemas em dizer não e colocar seus limites.

Dona Rosa disse:

"Mãe, vamos comigo até ali?Mãe, o que você acha disso?"

"Eles são grandes mas não largam de mim, e eu ainda tenho que fazer a comida que eles querem, para eles não serve macarrão simples com frango, eles querem que eu fique no fogão ! "

"Ontem minha filha comprou a chapinha e de noite quis fazer chapinha no meu cabelo e eu estava morta de sono e ela queria fazer a chapinha. Eu vou falar não? "

"Outro dia lá na feira veio uma mulher que pediu receita da cocada e eu disse que era tradição de família e eu não podia dar a receita. A mulher ficou super triste e foi embora. Não é que eu não agüentei e fui atrás da mulher?Coitada !".

Dona Branca disse:

"Meu filho se convida para almoçar e eu vou dizer o quê ? Vou dizer que não tem almoço?"

Parece que nos dois casos era difícil abandonar a atitude daquilo que já era esperado pelas outras pessoas e parece que era mais importante satisfazer os outros do que a si mesmo. Dona Branca e Dona Rosa estavam contrariadas mas não sabiam como fazer para sair do círculo vicioso. Para isso, elas teriam que enfrentar a desaprovação dos outros e talvez isso não fosse possível para elas; então, era melhor dizer sim. Dona Rosa parecia querer dizer sim para não decepcionar os filhos. Já Dona Branca dizia sim por medo da desaprovação dos outros e da solidão que viria se eles a abandonassem (ela sentia que eles a deixariam). Disse que, se os filhos fossem embora, sua casa seria uma mansão para ela sozinha e até seria bom um novo companheiro, mas Dona Rosa discordou com tom divertido:

*"Deus me livre! Arrumar um velho que vai ficar catarrando do seu lado ?
Não, não !" Um velho enchendo o saco ?! Agora tem sexo artificial e a gente não
precisa de homem não!"*

A luz no fim do túnel

Nessa sessão estavam presentes apenas Dona Preta e Dona Branca. O tema que surgiu foi o desgaste que elas sentem em relação a cuidar dos filhos numa configuração familiar um tanto complexa. São filhos que tiveram filhos e têm outros parceiros que não são os pais de seus filhos e aí vai. São famílias grandes, acopladas e agregadas sob um mesmo teto e que se debatem com questões de autoridade, limites, e têm que administrar as diferenças e divergências entre eles próprios. Dona Branca veio se queixar que sua nora havia feito um escândalo na frente de sua casa, pois estava sem energia elétrica em casa, exigindo que o pai de seu filho - que por sua vez é filho de Dona Branca - tomasse alguma providência. A tal nora começou a gritar dizendo que ele tinha que resolver o problema dos fios elétricos.

A situação é assim: esse filho de Dona Branca já tem um filho com outra mulher e agora tem um filho menorzinho com essa moça do escândalo, mas ele não “fez vida junto” com nenhuma das mulheres. A moça do escândalo disse que se ele quisesse ficar com ela, deveriam arrumar um cantinho. Por outro lado, como o filho de Dona Branca não registrou o moleque em seu nome, o moleque foi registrado por um terceiro, que é o atual namorado da moça do escândalo. Mas a moça do escândalo e o filho de Dona Branca ainda se encontram de madrugada de forma clandestina. Tudo isso foi relatado de modo simples, mas na minha cabeça toda a história estava fazendo um grande nó. Era uma história muito desgastante para Dona Branca, que contava tudo num tom de reprovação e lamento. Contudo, ela ficava como uma espectadora passiva dessa situação de que ela própria não gostava e que não aceitava:

" eu já disse para eles que não tá certo essa situação"

Ao contar essa história, era possível ver como ela estava contrariada com a situação, mas sentia-se como alguém que está vendo um filme de terror como mero espectador, sem poder, de fato, mudar nada.

Nessa mesma sessão, Dona Preta havia chorado muito e depois se calado, sem dizer uma palavra. Foi Dona Branca que a cutucou, pedindo que revelasse o motivo de sua tristeza. Dona Preta então começou a contar que estava muito triste, que estava com uma "bola engasgada na garganta" porque sua nora disse que ela deixava os netos passarem fome. Ficou indignada com essa frase e explicou-nos a impertinência da acusação:

"Eu que cuido deles e sempre faço tudo para eles, eu só não bati boca com ela por que ela está grávida e eu não quero que aconteça alguma coisa dela passar mal e então eu me calei, mas a raiva subiu e voltou ... outro dia eu tava falando pro meu neto descer das árvores porque lá a casa é grande e tem um terreno grande, daí vocês sabem o que ela fez ? Ela chegou pro menino, pegou ele pela mão e disse: "Sai daí, eu já disse que a sua avó é chata!"... Então tá bom, e eu não disse nada porque ela está grávida, eu tô me segurando mas isso faz muito mal..."

Avançando na conversa, foi possível perceber que Dona Preta acredita que as acusações da moça têm alguma relação com o fato de ela ser negra:

"Ela não gosta de preto, no fundo, o pai e mãe dela odeiam pretos, o pai dela, quando liga em casa, é super mal educado e a mãe dela, quando eu fui para São Paulo, não queria deixar entrar na casa dela e eu perguntei a ela se ela sabia quantas vezes eu tinha ido lá na boca tirar a filha dela da droga - porque a filha dela estava viciando em droga - que se preto não tinha valor para ela porque não ia ela mesma tirar a filha dela de lá ?"

O tom da conversa era que, afinal de contas, Dona Preta fazia tudo pelos filhos e pelos netos e pelas noras, mas não se sentia reconhecida com todo esse esforço e de alguma forma lhe vinha à mente que isso deveria acontecer por ela ser negra.

Eu disse que tinha a impressão de que a vida dos filhos tinha se tornado um problema para elas próprias que estavam desgostosas e parecia que a vida dos filhos estava muito misturada com a vida delas. Logo depois, avançando mais ainda na conversa sobre a vida dos filhos, houve um determinado momento em que Dona Preta refletiu um pouco mais e chegou à conclusão:

"É culpa nossa, Branca! Se eu não tivesse sido pai e mãe pros meus filhos, teria sido diferente !..."

E Dona Branca concordou:

"É, eles se acostumaram mal e a gente criou filho irresponsável porque a gente ficou muito responsável por eles...."

De repente, o tom queixoso sobre as atitudes dos familiares deu lugar a uma compreensão mais ampla sobre as atitudes delas em relação a eles. Parece que houve uma mudança na percepção da situação porque foi possível se fazer uma crítica em que a responsabilidade pessoal também tinha um lugar na compreensão do problema. Outra luz se acendeu naquela escuridão...

Sete redemoinhos

O primeiro redemoinho era um redemoinho já conhecido: Dona Branca tinha conversado com seus netos e estava querendo entender a situação. Segundo os netos, era a mãe quem fazia comida e cuidava da casa, mas ela desconfiava que essa resposta não era verdadeira pois a mãe dos meninos tinha montado um bar na própria casa e estava sobrecarregando as crianças com tarefas que não são próprios de crianças, segundo ela. Parece que, para resolver a situação, Dona Branca sentia que a solução fosse ela própria ir morar lá na casa com as crianças, mas repensou e achou que não estaria certo chegar a esse ponto. As participantes deram suas opiniões dizendo que ela estava correta e o redemoinho então se dissipou.

O segundo redemoinho iniciou-se com Dona Preta refletindo sobre suas pinturas. Contou-nos que havia levado a pintura da semana anterior para sua casa e seu neto havia dito, a partir de uma avaliação do quadro, que a cabeça da avó estava muito confusa. Ela então começou um diálogo com o neto e disse que o quadro estava confuso mesmo e era por causa daquela confusão com a nora. Rememorou o fato de que, no ano anterior, esse mesmo neto tinha também avaliado um outro quadro, o primeiro quadro que Dona Preta tinha feito na Oficina. Era um quadro todo "aflito", segundo ela e seu neto avaliou dizendo: "vó, cê não tá boa da cabeça". Esse redemoinho termina quando ela conclui: "É, acho mesmo que a pintura tem a ver com a nossa cabeça".

Naquele momento passou um flashback em minha mente e eu me lembrei de Dona Preta quando chegou na Oficina, no ano anterior. Hoje, via uma Dona Preta agitada e extrovertida, mas esse lado só ficou visível quando seu choro

pelo acidente foi dando lugar a uma outra Dona Preta alegre, divertida, determinada. Tinha sofrido uma brusca ruptura em sua própria forma de ser e precisava encontrar uma outra maneira que desse sentido ao seu estar no mundo. Ela não queria ter abandonado a sua profissão, mas a profissão exigia uma coordenação motora fina que ela não tinha mais devido ao acidente. Incomodava-lhe a preocupação excessiva dos seus filhos em relação à sua memória, pois não conseguia, muitas vezes, lembrar-se para onde ia ou de onde estava vindo, o que mobilizava nos filhos uma incerteza sobre sua possibilidade de sair sozinha, fazendo-os redobram os cuidados com ela como consequência. Dona Preta, por seu lado, sentia essa preocupação como um atestado de incompetência e incapacidade, o que a fazia sentir-se pior consigo mesma, tendo que vivenciar, de forma penosa, a perda do que tinha sido um dia. Lembrei-me de que, certa vez, pegou de seu bolso um papelzinho todo amassado e foi desdobrando-o enquanto falava:

“A pessoa (referindo-se a ela própria) tem que andar com o endereço, nome e telefone no bolso porque pode se perder, porque pode não saber voltar....pode acontecer alguma coisa...(e chorava).”

Ela não sabia o que seria dela mesma dali em diante e estava buscando reencontrar o seu caminho perdido.

Lembro-me de que uma das suas primeiras pinturas era um rio azul e suas margens. Era a pintura que ela havia recordado nessa mesma sessão, dizendo que o neto avaliou como sendo prova de que “ela não tava boa da cabeça”. A pintura não era firme nem mostrava energia; podia-se perceber que as pinceladas

eram breves e não eram cheias; a pintura estava toda picada, fragmentada, transmitia uma sensação de agitação e intranqüilidade. Essa pintura foi marcante porque, em um dado momento da Oficina, ela retomou aquele quadro do rio azul e o refez, tornando sua aparência mais fluida e contínua. Depois disso, ela mesma avaliou, de maneira emocionada, que aquela mudança dizia respeito à sua própria mudança no decorrer da Oficina; o primeiro quadro representava aquela pessoa que estava sofrendo toda aquela ruptura, era “como eu cheguei aqui” e o segundo quadro, mais harmônico, parecia revelar uma maior integração, coadunando com uma Dona Preta mais tranqüila consigo mesma, como eu acho que ela realmente estava no final de 2007. Vale lembrar que Dona Preta sempre repetia orgulhosa que ela tinha vindo encaminhada do psiquiatra, com uma cartela de calmante e outra de antidepressivos e que as cartelas estavam ainda cheias, pois o seu remédio mesmo era a Oficina de Pintura. A decisão de parar de tomar os remédios tinha sido dela e aquele orgulho tinha relação com o resgate de uma força interior que tinha ido buscar dentro de si, lá no fundo do poço onde se encontrava inicialmente.

O terceiro redemoinho começou com Dona Vermelha que, ao entrar atrasada na sessão, explicando-se e desculpando-se, perguntou sobre Dona Amarela que ia fazer a cirurgia do útero. Dona Amarela estava fazendo a cirurgia e então surgiu um redemoinho a respeito do útero. Dona Preta disse que, certa vez, quase teve que tirar o seu útero pois teve problemas e ainda os tem, pois chega a ficar um mês inteiro menstruada.

Contou-nos que, certa vez, houve um médico que a examinou e disse que ela tinha feito aborto e ela negou. Como o médico insistiu, ela falou:

"Eu não fiz aborto porque se eu tivesse feito eu saberia, o senhor é que deve ter tirado diploma por telefone!".

Todas riram. Dona Vermelha aconselhou:

"Dona Preta, não me tira o útero não, faz tratamento que melhora, é muito duro a mulher tirar o útero, eu tirei e para mim não fez bem, é um pedaço seu que não está mais ali".

Dona Preta disse que não ia tirar o útero e ia fazer tratamento. Assim, o terceiro redemoinho se dissipou...

O quarto redemoinho formou-se quando Dona Vermelha falou do acidente aéreo e disse que estamos no fim do mundo, pois ninguém mais se preocupa com ninguém e as pessoas agem com descaso. Ela acredita que muitas daquelas pessoas que estavam no avião devem ter tido um aviso ou sonhado com o acidente, pois sempre existem premonições.

O quinto redemoinho se formou na direção de Dona Branca, com a ajuda de Dona Vermelha, que disse:

"Já sei! essa casa que você pintou é a casa onde você gostaria de morar tranqüila e sozinha !".

Dona Branca concordou:

"Uma casinha pequena e só minha, já pensou ?Mas por outro lado, eu tenho medo de ficar sozinha, por causa das convulsões, é só por isso que não quero ficar"

sozinha... talvez o que eu precise mesmo seja de menos bagunça, morar com menos gente, mas não sozinha, que eu também não gosto de solidão".

Dona Vermelha interpretou a pintura de Dona Branca e ela se revelou. A casinha trazia o desejo mas também o medo.... e o quinto redemoinho se foi....

O sexto redemoinho começou quando Dona Vermelha revelou seu medo de elevador. Esse medo era-lhe incompreensível, pois justamente trabalhava dentro do elevador em uma loja antiga da cidade e nunca sentira medo ali, mesmo quando a porta abria e ela deparava com um paredão. No entanto, atualmente, sente pânico de elevador.

O sétimo redemoinho veio a respeito da pintura: Dona Preta comentou sobre a beleza da pintura de Dona Vermelha, que havia feito uma linda parreira. Dona Vermelha também elogiou a pintura de Dona Preta, que havia desenhado um tucano copiado da capa do bloco de papel canson. Respondendo ao elogio, Dona Preta comentou que era diferente desenhar no papel livre, só com a imaginação e desenhar uma cópia e Dona Branca concordou, dizendo que desenhar no papel só com a imaginação era melhor porque podia imaginar o que quisesse. Elas estavam falando da liberdade que sentiam com a pintura livre e o sétimo redemoinho se concluiu.

Dizer não: a missão impossível continua....

Dona Branca fez a sessão de Oficina comigo apenas. As demais integrantes não estavam presentes. Começou a falar de sua preocupação com os netos e esse foi o tema da sessão inteira, que durou cerca de uma hora nesse dia. Ela dizia que seus netos estavam em sua casa e nada lhe havia sido informado sobre até quando ficariam ali. Já um pouco cansada, tomou a iniciativa de ligar para o filho, pai das crianças para perguntar-lhe até quando ficariam em sua casa. Essa era uma atitude que, para Dona Branca, era de extrema coragem. Pela própria forma como contava a situação, era possível perceber seu receio e a dificuldade de explicitar seu incômodo. Segundo ela, sem essa iniciativa, os netos continuariam em sua casa por muito mais tempo porque "para eles está tudo bem". Perguntei se demonstrava sua contrariedade diante daquela situação e ela disse que não demonstrava nada. Pela sua forma de contar, era possível perceber no discurso de Dona Branca que ela achava que o filho deveria perceber a situação por si mesmo, sem que tivesse que demonstrar quando a situação não a estava agradando. Continuando seu raciocínio, acha que seus filhos acomodam-se a situações e que ela acaba resolvendo por eles.

Depois começou a falar sobre a outra filha que mora com ela e tem uma neném mais novinha. Segundo ela, essa filha quer voltar a trabalhar e Dona Branca terá que cuidar da menina, já que a criança não tem muito contato com a outra avó e nem está acostumada com ela. Dona Branca posiciona-se diante de toda a situação como uma pessoa passiva, na posição de espectadora, esperando que os outros decidam o que fazer, mesmo que a situação diga respeito a ela própria e inclusive verbaliza justamente isso, que está esperando a

decisão que a filha e o genro irão tomar sobre a criança. Parece que se sentia na obrigação de ficar à disposição da filha, mesmo sabendo que não tinha obrigação de criar a menina e também por não querer esse encargo para si.

Ela estava em conflito porque, apesar de saber que não era sua a responsabilidade de criar a criança, sentia-se passiva e deixava a decisão para os pais da criança, não colocando sua opinião. No entanto, ao fazer isso, contrariava-se. Quando toquei no assunto de ela contrariar os outros, trouxe a questão de ter que um dia precisar deles caso viesse a adoecer ou outra coisa. Por outro lado, concordou comigo quando disse que parecia que não queria contrariá-los com receio de uma represália. A relação resumia-se nisto: Dona Branca não dizia nada porque não queria criar confusão, afirmando que iria deixar que decidissem. Apesar de não querer a situação, não via saída para realizar o que realmente queria, já que isso implicaria magoar os outros.

Nessa sessão, Dona Branca desenhou algumas flores e disse que eram "para alegrar um pouco sua vida". Era o contraponto que ela encontrava.

Os redemoinhos continuam....

O primeiro redemoinho dessa sessão demonstra um vínculo entre as pessoas da Oficina. Quando fui até a sala de espera, busquei Dona Amarela, Dona Preta e Dona Branca. Disse que estava contente em rever Dona Amarela, pois sabia que estava em um momento pós-operatório e parecia muito bem. Estava sorridente e nós nos abraçamos espontaneamente. Curiosamente, isso despertou ciúmes em Dona Preta e Dona Branca, que já são conhecidas minhas desde o ano passado. Elas, então, reivindicaram também um abraço e o redemoinho dissipou-se...

O segundo redemoinho começou com Dona Amarela contando sobre a sua cirurgia: disse-nos que estava aflita no começo e já chegou à sala de cirurgia avisando os enfermeiros e médicos sobre o fato de que tinha ouvido uma história muito ruim em que um paciente havia entrado para fazer uma cirurgia e tivera sua bexiga cortada. Ela contou, então, que a equipe médica tentou tranquilizá-la. No dia da cirurgia estava mais preocupada com a tosse do que com a bexiga, fez de tudo para que a tosse passasse mas não conseguiu e até achou que os médicos iriam suspender a cirurgia. Pensei comigo que essa reação da tosse talvez fosse expressão da ansiedade que ela estava sentindo, mas não disse nada e o redemoinho se foi...

Lá vem o terceiro redemoinho e talvez o mais intenso e extenso dessa sessão. Parece que esse redemoinho surgiu com uma pergunta disparadora de Dona Preta: "Quando vai acabar a Oficina?". A partir dessa pergunta, houve toda uma movimentação com vários elementos que eu divido em três partes: o lamento pela perda; avaliação de si; o significado da Oficina. Algumas frases

ficaram marcantes, caracterizando os pequenos momentos diferentes desse redemoinho:

O lamento pela perda:

Dona Branca:

"Só de pensar que a Oficina vai acabar já dá muita tristeza"

Dona Preta:

"É, quando tem uma pessoa fazendo algo que é realmente bom pra gente, logo acaba por que a felicidade dura pouco mesmo".

O significado da Oficina:

Dona Branca:

"A oficina é boa porque cada dia era uma lição que se aprendia com os outros, conversando, e que dava para perceber que não é só a gente que tem problemas porque às vezes a gente acha que só a gente tem aquele problema e também é bom por causa do sigilo, porque a gente tem confiança um no outro e vai formando uma amizade com as pessoas".

Dona Preta:

"Eu não vou dizer nada porque eu sou suspeita para falar... para mim a oficina é ótima porque eu sofri um acidente e perdi a direção da minha vida, eu fui no

neurologista e ele me deu um calmante, mas depois que comecei a Oficina eu deixei o calmante pra lá, a cartela tá inteirinha lá em casa".

Dona Vermelha:

"Eu não queria que acabasse pois me sinto melhor agora, é bom saber que tem um lugar em que a gente pode ir e que tem alguém ali esperando naquele horário e que vai escutar e vai acompanhar o que a gente está falando e pintando".

Avaliação de si:

Nascem as perguntas direcionadas a mim, pesquisadora e psicóloga, que, teoricamente, deveria saber se a oficina tinha sido algo bom:

Dona Preta:

"Você, assim, nesse tempo de Oficina e me conhecendo quando eu cheguei, assim, você acha que eu melhorei?"

Era uma pergunta não muito simples de responder. O mesmo aconteceu com Dona Branca, que queria uma avaliação final de minha parte, já que a Oficina estava no fim. Respondi apenas pontuando minhas observações sobre elas sem tirar nenhuma conclusão e elas foram complementando e chegando, elas próprias, à conclusão de que se sentiam melhores.

Dona Vermelha nem pediu minha avaliação e já foi dizendo que estava se sentindo muito bem. Dona Amarela não entrou no tema e continuou sua pintura. Tinha pouco tempo de Oficina, interrompida também por sua cirurgia e talvez por

isso não tivesse muito a dizer de sua experiência. Lamentou não ter tido muito tempo de Oficina e isso, penso eu, revelava uma apreciação positiva dos poucos momentos em que esteve presente.

O quarto redemoinho tomou forma quando Dona Branca trouxe abertamente o tema da sua dificuldade em cuidar da neta de oito meses. Estava aflita porque sua filha, mãe da menina, queria voltar a trabalhar e, provavelmente, deixaria a menina para ela cuidar e ela não se sentia em condições físicas nem psicológicas para fazê-lo. O redemoinho aumentou quando Dona Vermelha tomou uma posição categórica de orientação de Dona Branca no sentido de fazê-la perceber que não poderia aceitar essa situação. Sugeriu diretamente que Dona Branca conversasse com a filha e o genro e explicasse tudo e as outras participantes concordaram, trazendo elementos de suas próprias experiências para mostrar que, realmente, Dona Vermelha tinha razão. Dona Branca escutava tudo atentamente, concordando com as opiniões das outras participantes. Ficou claro, nesse redemoinho, que Dona Branca não conseguia dizer não e esperava que a filha percebesse a situação por si mesma e tomasse as providências. Quanto a isso, todas incentivavam Dona Branca a dizer como se sentia, sob a justificativa de que os outros, na maioria das vezes, só percebem aquilo que lhes é conveniente. Muitas vezes, as colegas de Oficina referiam-se à pintura de Dona Branca para mostrar-lhe a contradição e seu conflito: a vida sobrecarregada com a neta e os filhos e a vida que ela queria, à beira de uma piscina desenhada em tela, cheia de frutas em volta, que Dona Branca tanto adorava. Foi um momento intenso na sessão e, de repente, todas estavam empenhadas em dar uma palavra de apoio e incentivo para que Dona Branca mudasse, o que tinha que partir de uma atitude diferente dela. Dona Branca aceitou as opiniões e disse que tinham

razão, mas em seu semblante havia ainda uma dúvida sobre sua própria capacidade de estabelecer esse limite honestamente com sua filha e seu genro.

O último redemoinho formou-se com um sonho que Dona Amarela nos contou. Ela sonhou com rosas vermelhas muito grandes e muito bonitas e disse para sua irmã que aquelas rosas estavam lindas para serem colocadas em seu próprio velório. Logo depois contou sobre um outro sonho em que aparecia seu filho, já morto há quatro anos. Dona Amarela tinha pintado as rosas em uma tela mas, antes disso, tinha feito os rabiscos estranhos e depois tinha escrito em cima: "cancelado". Ao falar dos sonhos, disse que estes não tinham um significado porque não tinham sentido e complementou dizendo: "Não quero ficar colocando coisa na cabeça". Parecia que Dona Amarela tinha trazido o tema da morte mas não podia se aproximar muito dele. O fato de ter cancelado a primeira figura talvez mostrasse isso, a dificuldade de se aproximar do tema da morte. Ao mesmo tempo, existia uma explicitação da questão, como se ela quisesse mostrar e quisesse esconder ao mesmo tempo, defendendo-se de "colocar coisa na cabeça".

Mais redemoinhos

O primeiro redemoinho foi em torno do significado de que pintar tela era mais importante do que pintar papel quando Dona Amarela disse em tom enfático: "Hoje não vou pintar papel não, eu vou pintar uma tela maravilhosa !" (ênfase à palavra tela)

O segundo redemoinho já tinha aparecido na sessão anterior: era sobre o término da Oficina. Nessa sessão, esse redemoinho surgiu com Dona Preta e depois retornou lá pelo meio do encontro com Dona Vermelha. Ainda era difícil aceitar que a Oficina estava terminando e era necessário encarar esse fato. Dona Amarela não ficou lamentando o término e a separação do grupo e puxou conversa em outra direção, sugerindo que fizéssemos uma despedida com comes e bebes.

Dona Preta falou brevemente de seu neto, disse que ele está triste e está "rezando pro papai do céu" e, orgulhosa, disse que parece um adulto quando conversa e o mini- redemoinho se dissipou...

O terceiro redemoinho surgiu quando Dona Preta resolveu, meio encabulada, perguntar-me se eu não ia ter filhos. Logo pensei: O que significava aquilo ? Entendi como uma curiosidade que a estava incomodando e eu respondi com tranquilidade. Esse significado do filho logo se desdobrou em comentários sobre uma personagem de uma novela atual que não tem filhos e cujo marido briga com ela por esse motivo. Ao tocarem no tema da novela, houve um outro desdobramento desse redemoinho e elas comentaram sobre outros personagens da novela, sobre as vestimentas, sobre as baixarias. Esse foi um daqueles

momentos em que ficava claro para mim como um significado ia puxando o outro e o redemoinho se avolumava...

O quarto redemoinho foi também um desdobramento de um outro de encontros anteriores. Dona Branca contou-nos que havia resolvido a questão em relação à sua neta, que agora estava com a outra avó, pois ela havia falado sobre sua situação com sua filha e seu genro. Dona Branca era muito meiga e carinhosa, ficando evidente como era delicada com as palavras e tinha uma doçura em seu semblante. Seu cabelo era branco como algodão doce e, por vezes, ela me lembrava um carneirinho com o cabelinho branco, enroladinho e com sua submissão característica. Estava um tanto triste e um tanto alegre: se por um lado a incomodava pensar que eles (filha e genro) podiam não ter gostado de sua decisão, por outro, havia conseguido dizer não e tinha compreendido que era uma atitude necessária para ela mesma. Sua responsabilidade pessoal era retomada e ela teve uma corajosa atitude. Esse movimento foi descrito por ela mesma e ficou claro quando lhe perguntei como se sentia na situação:

“É, me incomoda um pouco saber que eles podem não ter gostado de eu falar que não ia ficar cuidando da criança, mas eu não tenho condições realmente e não posso fazer isso comigo. É isso que eu pensei, se não gostar, sinto muito, mas não posso fazer nada... Eu pensei muito no que você falou, Vermelha, aquelas palavras não me saíam da cabeça, porque você falou tanto na semana passada que eu não devia cuidar da nenê que aquilo não saiu da minha cabeça”

Parecia que os encontros anteriores tinham mesmo influenciado Dona Branca, havia uma transformação em curso e isso claramente se devia ao acontecimento na Oficina.

Ao final, as participantes começaram a falar de suas pinturas, espontaneamente. Dona Preta falou que tinha desenhado um mar visto de noite e que era muito lindo; desenhou também uma menina loirinha em outra folha. Dona Vermelha enganchou no tema do mar e disse que tinha paixão pelo mar; Dona Branca tinha desenhado um navio que recebeu prontamente a interpretação de Dona Vermelha:

"Um navio que ia ficar tranqüilo no meio do mar e era o que ela queria".

Num segundo momento, Dona Branca desenhou uma árvore cheia de frutos e ela mesma achava que aquela árvore representava sua mudança de atitude.

Dona Vermelha desenhou uma árvore que tinha visto naquela manhã; Dona Amarela desenhou um deserto debaixo de um céu azul e, utilizando tinta dourada na parte de baixo da tela, disse:

"Eu estava andando pelo deserto e encontrei muito ouro, muito ouro mesmo que estava até voando pelos ares !".

Se por um lado aquele ouro todo parecia revelar uma atitude um tanto eufórica, manifestada por uma pessoa defendida em outros momentos como aquele da parede e do cimento no quintal, por outro lado podia ter também um

outro significado. Será que Dona Amarela tinha encontrado uma parte preciosa de si mesma no decorrer da Oficina ? Será que aquele ouro tinha alguma relação com o valor da oficina e daqueles laços sociais para ela ? Gostou de sua tela e depois desenhou ainda uma maçã vermelha e uma maçã verde no papel canson, dizendo que adorava maçãs.

A maioria das participantes tinha feito mais de um desenho. Pensei que estavam se soltando mais, como se quisessem aproveitar ao máximo o tempo que ainda restava de Oficina de Pintura.

Os redemoinhos da despedida

O primeiro redemoinho girou em torno do tema de que Dona Preta e Dona Amarela não poderiam comparecer ao último encontro. Dona Amarela teria o retorno de sua cirurgia, marcada e desmarcada pelos médicos à sua revelia; Dona Preta iria mudar de cidade na segunda-feira seguinte. As duas estavam tristes porque aquele, então, seria o último encontro de Oficina das duas. Enquanto Dona Amarela contou-nos chateada, Dona Preta caiu aos prantos, dizendo que lamentava o fato de ter que ir embora tendo feito amigos tão bons. As outras a consolavam dizendo que tudo daria certo e que não precisavam perder contato. Dona Amarela tentou consolá-la dizendo que, certa vez, estava de mudança e pediu a Deus que se fosse o melhor para ela, que ela mudasse, mas deu tudo errado e então viu que Deus não queria. Da mesma forma, se estava dando tudo certo para Dona Preta ir embora, era porque Deus queria e ia dar certo....

O segundo redemoinho girou em torno da Oficina e dos outros atendimentos na clínica. Comecei esse redemoinho dizendo que era nosso penúltimo dia e, se houvesse possibilidade de continuação da Oficina com outra pessoa, ela seriam avisadas. Dona Amarela foi contra a idéia de continuar a Oficina com outra pessoa que não fosse eu:

"Posso ser sincera? Se for outra pessoa não quero".

Era interessante ouvir isso de Dona Amarela que tinha ido tão pouco aos encontros da Oficina; afinal, essa frase revelava que os encontros tinham sido

significativos para ela. Realmente, pensando bem, não tinha sentido mesmo, se outra oficina começasse, seria totalmente outra, porque não há como dar continuidade a algo que não iria continuar. Parecia uma forma de não termos que lidar com a perda da separação, forjando uma continuação.

Dona Preta comparou com outro serviço, dizendo que uma vez ela foi atendida por uma plantonista ali e que depois comentou com seu marido:

"Olha, bem, aquela plantonista é muito xarope, eu acho que não vou mais, eu não acho que psicólogo tem só que ficar ouvindo, ouvindo e não falar nada "

Dona Branca completou dizendo que eu "tinha um jeito especial de escutar" e que achava que outra pessoa não ia ter e o redemoinho, então, acabou....

O terceiro redemoinho veio com Dona Branca e o tema da perícia. Ela estava afastada pelo problema da depressão e das convulsões, tinha ido novamente ao perito, que nem a examinou e disse para ela voltar dali a dois meses. Contou-nos o quanto se sentia mal só de chegar ao prédio da perícia e disse que não podia nem pensar em voltar a trabalhar pois não tinha condições. Às vezes, pensava se deveria ir a outros médicos e fiquei imaginando que talvez eles pudessem ajudá-la de alguma forma a ter sua aposentadoria definitivamente. Demonstrava muita aflição e angústia.

O quarto redemoinho era sobre nossa separação e despedida: Dona Preta pediu-me para levar tudo que fosse seu embora, já que aquele era seu último dia. Estava triste por um lado, mas feliz por poder ficar com suas obras. Aconteceu um fato interessante: em várias outras sessões, Dona Preta elogiava um brinco preto que eu usava e como naquela sessão eu estava usando o tal brinco preto -

novamente elogiado - disse que daria a ela de presente. Dona Amarela, quando dei os brincos para Dona Preta, disse que queria levar a minha blusa e todas riram.

O quinto redemoinho veio com Dona Amarela comentando sobre seu próprio desenho. Ela havia desenhado um céu azul e umas estrelas, e começou espontaneamente a falar:

“A depressão é uma coisa verdadeira e várias vezes eu pensei se compensava viver, mas lutei e vou continuar lutando porque agora sei que a vida vale a pena e que nenhuma depressão vai me derrubar não, e que mesmo sem tomar remédio eu vou continuar a viver.”

Perguntei-lhe sobre essa mudança e ela disse que só tinha mudado por causa das pessoas, da ajuda dos outros. Não mencionou especificamente a Oficina nesse processo, mas imaginei que podia haver alguma relação.

O sexto redemoinho veio com Dona Preta que, menos triste, começou a contar onde iria morar e o que havia de interessante ali por perto de sua nova casa. A cidade ficava perto de uma estrada e preocupava-se com o fato de ir morar na casa dos sogros. Entendia que seu marido tinha sido transferido e seria o único jeito, mas mostrava-se um pouco apreensiva. Logo depois, contou-nos detalhadamente sobre um sanduíche que faziam ali perto e era delicioso.

O sétimo redemoinho veio com Dona Amarela ao revelar seu lamento sobre o fato de que tinha participado tão pouco da Oficina e tinha gostado tanto. Ela comentou sobre outro serviço do qual usufruiu ali mesmo; disse que era estranho ser atendida pela estagiária no começo e “ficar falando, falando, falando”, mas que agora ela conversa muito bem com a psicóloga e elas dão

muitas risadas juntas. Parece que o começo foi difícil, mas conseguiu ficar à vontade naquele atendimento. Fiquei refletindo quando ela falou sobre a dificuldade e a ênfase que colocou nas palavras "falando falando". Talvez a oficina estivesse mais próxima de sua forma de ser, a forma mais usual e comum, já que o fazer era alguma coisa possível e não necessariamente só falar. Pensando bem, uma é cozinheira, outra é costureira, outra é cabeleireira, outra é doceira; para elas, portanto, a vida é muito mais fazer do que falar e parecia que a Oficina de Pintura vinha ao encontro dessas mulheres não como algo muito diferente de seu cotidiano, mas algo mais próximo à forma de elas serem e se expressarem em suas vidas.

Os últimos...

O primeiro redemoinho girou em torno da nossa despedida e dos comes e bebes. Decidimos que iríamos comer primeiro e depois pintar.

O segundo redemoinho girou em torno da Oficina e da perda que já era sentida por Dona Vermelha e Dona Branca que começaram a comentar sobre a ausência de Dona Preta e Dona Amarela. Já estavam tristes, recordando com saudades as amigas que não estavam presentes.

O terceiro redemoinho trouxe o tema da própria Oficina. Dona Vermelha e Dona Branca começaram a comentar sobre outros atendimentos e compararam com a Oficina. Dona Branca disse que ainda frequenta um outro grupo na clínica que também é interessante mas não tem essa outra forma de expressão que é a pintura e de que ela gosta muito. Dona Vermelha comentou que também vai fazer parte de um grupo em que parecia que as mulheres iriam bordar e pintar, mas ela não sabia direito se iria ser semelhante à Oficina.

Dona Vermelha contou-nos que observou, nesses encontros, temas muito semelhantes trazidos pelas participantes: perdas, separações, dificuldades da vida. Concluiu, dizendo: “A gente fala de tanta coisa aqui!”. O que ela achava mais difícil de fazer parte desses grupos era o fato de que esses grupos acabavam e era penoso desapegar-se das pessoas.

Ao tocar nesse tema das perdas, houve um desdobramento que gerou o quarto redemoinho. Dona Vermelha lamentou a perda de sua mãe e Dona Branca começou a contar sobre suas principais perdas. Disse que sentiu muito quando perdeu seu pai um mês antes de completar 15 anos e depois também perdeu uma filha com vinte dias de idade. Outra situação que foi muito dura e muito

sofrida foi quando seu filho caçula foi preso e ela ia visitá-lo. Disse que sofria duplamente: sofria por deixá-lo lá e, quando entrava na prisão, também sofria pela humilhação. Dona Branca contava-nos sobre esses fatos e seu semblante ficou muito triste. Parecia que estarmos ali nos despedindo mexia de alguma forma com as feridas das perdas da vida inteira.

O quinto redemoinho começou com Dona Branca falando sobre sua própria mudança. Aconteceu um fato com seu filho e ela teve uma atitude diferente. Ao contar de sua mudança, foi apoiada por Dona Vermelha que disse ter aprendido com uma psicóloga amiga de sua filha o seguinte:

"Qualquer coisa que te magoa você tem que dar o troco na hora e não pode deixar aquilo ficar a remoer dentro de você, isso faz muito mal e depois os outros ficam achando que você é boba."

Contou-nos sobre essa mudança também, referindo-se ao desenho da árvore que tinha feito:

"Essa árvore representa vida nova, a minha mudança tem a ver com essa mudança que é preciso fazer na minha vida com relação aos meus filhos porque aquilo que a Dona Vermelha disse não saía da minha cabeça"

Parecia que Dona Branca estava mesmo fazendo uma mudança ou, pelo menos, estava disposta a fazê-lo. Dona Vermelha incentivava-a novamente:

“Cada um tem seus problemas e cada um deve cuidar da sua vida da melhor maneira.”

O sexto redemoinho trouxe o tema da separação dessas mulheres e de seus respectivos maridos. Cada uma contou a sua história, rememorando e certificando-se, mais uma vez, de que tinham tomado a decisão certa.

Capítulo 2 – A narrativa: um caminho para a experiência

Em primeiro lugar, quem quiser realmente tornar-se filósofo deverá “uma vez na vida” voltar-se para si mesmo e, dentro de si, procurar inverter todas as ciências admitidas até aqui e tentar reconstruí-las.

Edmund Husserl

Procurando encontrar o homem em pessoa, preconizado pelos humanistas, e não o homem em geral, estive nos encontros de Oficina de Pintura não apenas oferecendo uma modalidade diferenciada de atenção psicológica, mas procurando ir ao encontro do que Husserl(1935/1996) denominaria fundamentos, ou o retornar às coisas mesmas, tal como elas se mostram à consciência. Tratei de deixar que os encontros fossem livres de qualquer pré-conceito de minha parte ou qualquer pré-disposição e que a Oficina de Pintura se desenrolasse sem a priori, por acreditar que assim poderia compreender de maneira mais originária o que acontecia ali.

Minha atitude em relação às participantes foi a de valorizar a experiência vivida por elas suspendendo meus próprios valores, concepções ou julgamentos – o que Husserl(1931/2001) chamaria redução fenomenológica - embora minha perspectiva tenha sido, inexoravelmente, a de uma psicóloga vivenciando o acontecer clínico. A Oficina de Pintura, nesse sentido, foi uma práxis que permitiu que a vida se desenrolasse, uma práxis voltada para o mundo-da-vida.¹

¹ Mundo-da-vida (*Lebenswelt* ou *Lebensumwelt*) refere-se ao campo de experiências pré-científicas e pré-categoriais e a vida aqui deve ser compreendida não no sentido fisiológico mas sim vida enquanto uma atividade que possui fins, vida criadora de cultura em uma unidade histórica (Husserl, 1935/1996).

Para Husserl(1935/1996), o mundo-da-vida era a chave para dar fundamento à filosofia e às ciências, enfatizando o sujeito e sua consciência como constituinte de todo o existente. Como afirma Zilles(1996):

“Um mundo histórico-cultural concreto, sedimentado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores, entre os quais se encontra a imagem do mundo elaborada pelas ciências.”(p43)

O mundo-da-vida seria o ponto de partida de todas as ciências que, no entanto, havia sido esquecido pelas mesmas. Por esse motivo ele focaliza a experiência vivida, no interior mesmo da subjetividade, pois ela desvela os fundamentos do mundo-da-vida como sendo uma outra natureza, uma natureza diferente daquela das ciências objetivas. Como pesquisadora, eu estava mergulhada nesse mundo, sabendo que iria extrair de mim mesma os sentidos vividos ali, intersubjetivamente. Não perder de vista a necessidade de manter a experiência viva e que da experiência mesma pudessem brotar os pensamentos e reflexões foi uma preocupação e uma intenção deliberada de minha própria consciência como psicóloga e pesquisadora.

Foi preciso esse mergulho na experiência primeira, mas também a capacidade de posteriormente distanciar-me dela, movimento necessário pela própria posição de pesquisadora; deveria ser capaz de fazê-lo de tal forma que não resultasse em abstracionismo vazio ou que pudesse recair num objetivismo que pouco tivesse a ver com o vivido. Esse era um grande problema a ser solucionado pela Psicologia, segundo Husserl(1935/1996), ao problematizar a crise das ciências; meu esforço foi no sentido de não cair nessa armadilha e construir um método que permitisse, ao mesmo tempo, preservar o frescor do

mergulho no mundo-da-vida, mas também fazer emergir a compreensão do vivido.

Recorri, então, a Walter Benjamin, crítico literário e filósofo alemão, que apontou questões importantes sobre uma forma específica de comunicação da experiência, a narrativa. Benjamin(1936/1994) dizia que a “a arte de narrar está em vias de extinção”(p.197), criticando a forma de intercâmbio de experiências entre os homens de seu tempo, considerando-a empobrecida, se comparada à narração desenvolvida em tempos anteriores. Aquela forma de comunicação, segundo ele, estava atrelada ao jeito de ser dos homens num tempo em que viviam em comunidade, imprimiam um ritmo lento na realização do trabalho artesanal e contavam sobre suas experiências de pessoa a pessoa por meio de narrativas plenas de significados.

Com o advento da modernidade e do avanço capitalista, o homem deixou de ter seu tempo próprio, passou a seguir o ritmo que os afazeres lhe exigiam, o trabalho já não era artesanal e a troca de experiência entre as pessoas empobreceu. Assim, para Benjamin(1936/1994) a pobreza narrativa de seu tempo era decorrente da própria precariedade da experiência humana, que se esvaziou de sentido na medida em que a vida coletiva e o tempo mudaram pelo avanço capitalista.

Interessante observar que tal crítica sobre o empobrecimento da comunicação acaba resvalando em problema semelhante àquele apontado por Husserl(1935/1996), na mesma época, sobre a crise da humanidade e da ciência.

Husserl(1935/1996) discute a crise do homem moderno, levando a discussão para o âmbito da filosofia e da ciência, criticando a ênfase que se estava dando ao “objetivo” em detrimento do “subjetivo”, no qual se encontrava a

experiência humana. Em contrapartida à ciência moderna positivista e objetivante, Husserl(1935/1996) sugere um “retorno às coisas mesmas”, o voltar-se do homem para a importância da própria experiência e do mundo-da-vida; convida o cientista a caminhar na direção contrária à da ciência moderna, sob pena de, ao não fazê-lo, tornar a ciência vazia de sentido para os próprios homens.

Segundo ele, o que ocorre é que a ciência moderna, apesar de ter sua fonte no mundo-da-vida, campo das experiências pré-científicas e pré-categoriais, acaba por esquecê-lo, perdendo-se num mundo de abstrações e conceitos, o que configura uma crise. Ele propõe, então, a partir de uma psicologia fenomenológica, a recondução da ciência ao mundo-da-vida por meio da redução fenomenológica, método que iria colocar o mundo natural – exterior e real, visto a partir da atitude natural - entre parênteses, a fim de que se pudesse desvelar o mundo-da-vida, anterior e primário, tal como puramente significado pela consciência intencional (Husserl, 1935/1996).

Benjamin(1936/1994), por sua vez, estuda os reflexos desse empobrecimento na comunicação. Ele contrapõe a era da informação à era da narração, entendendo que a primeira veio substituir a segunda como reflexo de um mundo vazio de sentido. Da mesma forma que a pobreza da experiência desembocou num empobrecimento na comunicação, como as duas estão mutuamente implicadas, ele aponta para a narração como possibilidade de resgate da experiência humana.

Benjamin(1936/1994) ressalta que o avanço da técnica propiciou uma nova forma de miséria na vida moderna: a miséria da experiência. Em seu pensamento, aquilo que seria uma evolução para a humanidade, com novas construções culturais, acabou carente de sentido para o homem já que não se refere à

experiência do homem: “Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”(p115).

Ele fala de uma espécie de desumanização da humanidade em virtude da pobreza da experiência, citando autores literários que criaram personagens sem nomes humanos, moradores em casas de vidro, como sugeridas por arquitetos modernos, ou até mesmo a arquitetura burguesa que impele os habitantes dos cômodos a se ajustarem aos mesmos e não o inverso. É um voltar-se para fora e não mais para dentro de si.

Da mesma forma, Husserl(1935/1996) enfatiza que as ciências em geral e principalmente as ciências humanas, ciências do espírito, estavam se desvinculando da subjetividade, distanciando-se do próprio homem, da esfera espiritual humana que se debruça sobre o mundo, e, com isso, tornavam-se objetivas, porém sem sentido:

*“Assim pode afirmar-se, de maneira geral: é um absurdo considerar a natureza do mundo circundante como algo por si alheio ao espírito e então querer fundamentar, em consequência, a ciência do espírito sobre a ciência da natureza e fazê-la, assim, pretensamente exata”
(p.62)*

Vê-se, pois, que ambos, fazendo a crítica às produções culturais, linguagem e ciência, trazem à tona a crítica primeira, a forma de ser do homem moderno e, cada um, em seu âmbito, convida a uma volta à própria experiência humana.

Quando Husserl(1935/1996) aponta para o objetivismo, denunciando a falta de humanidade que assolava a ciência moderna, remetemo-nos ao que Benjamin(1936/1994) denomina informação, como sendo aquela modalidade comunicativa que busca retratar a realidade dos fatos por meio de explicações

fechadas, não impregnadas da experiência humana. Da mesma forma, quando Husserl(1935/1996) aponta para o resgate da experiência tomando-a por base para erguer uma nova ciência do mundo-da-vida, remete-nos ao que Benjamim(1936/1994) denomina narração, que não tem compromisso algum com o real nem com verdades, sendo uma modalidade comunicativa repleta de experiência humana.

Husserl(1935/1996) sugere uma ciência que se assente na experiência, retomando a subjetividade humana como ponto central, caminhando contra a corrente vigente. Dizia ele que o grande equívoco da ciência era a idéia de que a verdade encontra-se naquilo que é enunciável a partir da ciência objetiva, que construiu sua base sobre uma realidade abstrata, natureza idealizada, afastando-se do mundo-da-vida. Toda a ciência moderna havia tomado o mundo como compreensível a partir de um objetivismo ingênuo e o mundo passava a ser reduzido a essa forma de compreensão matemática e analítica. No caso, a ingenuidade do objetivismo, não só das ciências humanas, mas de todas as ciências, estaria em tomar o mundo objetivo como sendo o universo de todo o existente, ignorando que não existe mundo objetivo, sem que haja um sujeito conhecedor. Ele esclarece:

“Mas o investigador da natureza não se dá conta de que o fundamento permanente de seu trabalho mental, subjetivo, é o mundo circundante (Lebensumwelt) vital, que constantemente é pressuposto como base, como o terreno da atividade, sobre o qual suas perguntas e seus métodos de pensar adquirem um sentido”(p80)

A partir desse problema, ele aponta a necessidade de a ciência admitir sua tendência objetivante para poder questioná-la e, então, dar um lugar legítimo ao sujeito do conhecimento como algo inextirpável do próprio conhecimento. A idéia

central se resume no fato de que, para podermos conhecer, existe um processo, um funcionamento que torna possível esse conhecer. O ponto de partida, então, para qualquer conhecimento seria a própria forma de conhecer da consciência e isso não podia ser ignorado. A consciência seria, pois, alvo primeiro de investigação e deveria ser conhecida até o ponto de fornecer uma base sólida e elucidativa para a produção dos conhecimentos das ciências nas diversas áreas. Husserl (1935/1996) propõe, assim, uma ciência que pudesse alcançar o conhecimento da própria forma de ser dos atos conscientes para então construir qualquer outro tipo de conhecimento a posteriori. Para ele, essa ciência rigorosa seria a filosofia fenomenológica.

Entretanto, ao propor essa nova filosofia, que seria a ciência dos fenômenos puros, tais como se revelam à consciência, Husserl(1935/1996) lança questionamentos à própria psicologia, na medida em que esta última se propunha também a estudar a consciência. A psicologia, a essa altura, já tinha aderido ao modo objetivante de construir conhecimento, ainda que se propusesse justamente ao estudo da subjetividade humana e tivesse se proposto, inicialmente, a refutar o objetivismo. Assim, seus estudos sobre o homem se pretendiam exatos, ao mesmo modo de todas as ciências da natureza que haviam esquecido por completo de que fazer ciência é uma atividade humana e deveriam, pois, remeter-se ao espírito, pelo menos em alguma medida.

Importante aprofundar alguns aspectos dessa psicologia fenomenológica proposta por Husserl, antes de prosseguirmos.

Husserl(1935/1996) propõe a psicologia fenomenológica como sendo uma psicologia pura, anterior à psicologia empírica, que deveria ser capaz de fornecer os fundamentos para a psicologia empírica a partir do estudo da consciência pura,

puramente intencional. Tal psicologia seria focada no estudo do viver próprio da consciência, visando compreender a subjetividade humana tal como ela se apresenta. Para Husserl(1935/1996), não poderia haver outro caminho para enfrentar a crise da filosofia e da ciência, a não ser começando por essa nova forma de conceber o conhecimento, pautando-se pelas origens deste na consciência mesma do sujeito conhecedor.

O estudo radical² da subjetividade seria, pois, o estudo primeiro, fundamental, que lançaria as bases de todo conhecimento e de toda ciência. Com essas idéias, segundo Goto(2007), Husserl pretendia encontrar fundamentações apodícticas³ para a psicologia, transformando-a em uma ciência da subjetividade. O projeto é ainda mais audacioso, na medida em que essa psicologia, ao ater-se às evidências fundamentais apodícticas da consciência, estaria possibilitando à filosofia fenomenológica alcançar o nível de uma compreensão da subjetividade universal – transcendental- além do nível psicológico. O acesso à subjetividade transcendental dar-se-ia, pois, via psicologia fenomenológica, “ao contrário da psicologia científica que se limitou ao estudo da consciência empírica, não chegando a identificar a necessidade do nível transcendental.”(Goto, 2007.p185)

Nesse ponto, a filosofia fenomenológica e a psicologia fenomenológica se complementariam, já que a psicologia fenomenológica descreveria as estruturas psíquicas do ser humano, fornecendo as bases para a fenomenologia filosófica transcendê-las e alcançar o nível da subjetividade transcendental.

Pode-se afirmar, pois, que Husserl(1935/1996) move o pêndulo do objetivismo para o estudo rigoroso da subjetividade, o que, a seu ver, solucionaria

² Radical, aqui, deve ser entendido, etimologicamente, como referindo-se às raízes.

³ Apodíctico tem o sentido de evidência.

o dilema das ciências pelo retorno ao problema específico de elucidação da vida espiritual:

“Só quando o espírito deixar a ingênua orientação para o exterior e retornar a si mesmo e permanecer consigo mesmo e puramente consigo mesmo, poderá bastar-se a si” (p83)

De qualquer forma, o que cabe aqui salientar é que o foco, tanto da filosofia fenomenológica quanto da psicologia fenomenológica, é a subjetividade, sem a qual nem a filosofia nem a ciência psicológica poderiam se re-estruturar e superar a crise de empobrecimento da filosofia e da ciência, em função da consideração ingênua⁴ do sujeito.

Cabe ressaltar, da mesma forma, que essa pesquisa não pretende ser uma psicologia fenomenológica ou psicologia pura pois tal nomeação exigiria um grau de depuração (redução, evidenciação) que esse estudo não propõe. Estaríamos entrando no nível transcendental, conforme postulou Husserl, definindo as estruturas psíquicas da consciência enquanto tal e fornecendo as bases para a transcendência que deveria, posteriormente, ser operacionalizada pela filosofia fenomenológica. Como esse estudo não é um estudo filosófico, mas psicológico, em vez de usar o termo psicologia fenomenológica, que traria as problemáticas supracitadas, utilizarei o termo *psicologia de inspiração fenomenológica* para designar o presente trabalho, pois ele faz jus ao que esse estudo, efetivamente, propõe-se a realizar: uma compreensão do humano a partir do mundo-da-vida e não de pressupostos ou teorias; a extrapolação dos fundamentos sobre o vivido entendendo que ele lança luz ao humano universal; uma centração na

⁴ A ingenuidade aqui, apontada por Husserl(1935/1996) está no fato de a ciência moderna pressupor que o conhecimento científico poderia se dar, de forma genuína, sem necessidade de um prévio conhecimento do modo de ser específico da consciência humana, sendo que ela própria, pelo contrário, é a fonte possibilitadora de todo e qualquer conhecimento.

subjetividade, compreendida como intersubjetividade, para alcançar o fenômeno estudado. Não há, pois, neste estudo, a pretensão de se chegar a descrever as estruturas psíquicas em sua essência, a vida da consciência e os atos conscientes como imagem, desejo, pensamento, etc, que seria tarefa de uma psicologia fenomenológica, absolutamente pura, tal como Husserl a entendia.

Essas explicações se fazem necessárias para delimitar, o mais precisamente possível, as pretensões desse estudo. De maneira geral, o que Husserl(1935/1996) deixou de muito significativo em suas propostas foi a possibilidade de olhar para o conhecimento a partir do seu avesso. A ciência, tão objetivante ao lidar com os elementos da natureza, acabou por tornar o próprio homem um objeto e esqueceu-se de que a maneira humana de olhar para os fatos e significá-los seria, inevitavelmente, sempre humana, e não haveria conhecimento possível fora dessa relação homem-mundo. Então, melhor começar por ele próprio. Esse era o grande paradoxo que Husserl(1935/1996) tentava explicitar.

Antes mesmo do próprio Husserl, Dewey(1884) já tinha observado a limitação do objetivismo na psicologia, aventando a possibilidade de uma “nova psicologia”.. Esta “nova psicologia”, segundo ele, não iria castrar a experiência até que ela pudesse se encaixar na lógica vigente, nem depredá-la até que ela coubesse em abstrações. A lógica da experiência concreta, do crescimento e do desenvolvimento repudiam as abstrações e a “nova psicologia” deveria acreditar que a verdade e a realidade – a não as crenças sobre a realidade – são dadas na experiência vivida no processo de desenvolvimento da alma. Ele descortina, então, a possibilidade de fazer uma ciência, uma nova psicologia, que enaltecesse a experiência e ganhasse contornos de uma fenomenologia:

“Experience is realistic, not abstract. Psychological life is the fullest, deepest, and richest manifestation of this experience. The New Psychology is content to get its logic from this experience, and not do violence to the sanctity and integrity of the latter by forcing it to conform to certain preconceived abstract ideas.”⁵(p.282)

Parece que, para as ciências em geral, essa crítica ao privilégio da objetividade em detrimento da subjetividade, é mesmo pertinente já que todas as ciências são, em última análise, humanas, mas é ainda mais grave no caso da psicologia, que teria como objeto de estudo a própria subjetividade, aquilo que distinguiria o homem dos outros seres. Assim, Husserl(1935/1996) lança um problema a ser solucionado no âmbito da ciência psicológica, a saber, a necessidade de revisão do estudo do homem de maneira a que não se perdesse o próprio homem pela negação da subjetividade. Pode-se dizer que, se as idéias de Husserl(1935/1996) afetaram as ciências em geral na base dos alicerces erigidos, ela afetou a psicologia na base dos alicerces e em seu núcleo. Em uma frase, afirma:

“Os psicólogos sequer percebem que, em suas colocações, como homens criadores de ciência, não têm acesso a si mesmos e a seu mundo circundante. Não percebem que, de antemão, se pressupõem a si mesmos necessariamente, como seres humanos vivendo em comunidade de seu mundo circundante e de sua época histórica, e que querem alcançar a verdade em si, válida para todos. Por causa de seu objetivismo, a psicologia não consegue incluir em seu tema de reflexão a alma, ou seja, o eu, que age e sofre, em seu sentido mais próprio e mais essencial”(p81).

Procurando incluir esse homem na ciência, Husserl(1935/1996) defende a idéia de que todo objeto é, antes de mais nada, fruto de exploração e da visada

⁵ “A experiência é realística, não abstrata. A vida psíquica é a mais completa, profunda e rica manifestação da experiência. A Nova Psicologia se contenta em alcançar sua lógica desta experiência e não fazer violência à importância e integridade desta última por meio de forçá-la a se conformar a certas idéias abstratas pré-concebidas.” (tradução da autora)

de um sujeito, não podendo dele se desligar. Em outras palavras, afirma que o mundo natural tem apenas uma autonomia aparente, pois é obra do espírito, e só o espírito é verdadeiramente autônomo e pode ser conhecido como tendo uma existência em si mesmo e para si mesmo.

Deve-se mencionar aqui, inevitavelmente, o conceito de intencionalidade da consciência com o propósito de situá-lo como fundamento epistemológico e metodológico desta pesquisa.

Como fundamento epistemológico, a intencionalidade da consciência aponta para o fato de que o conhecimento “objetivo” é inexistente, portanto, o objeto de estudo deve ser algo mais que “objeto” meramente. Na medida em que se define que a intencionalidade é o movimento constante da consciência em direção ao objeto e esse objeto somente existe como objeto para uma consciência, o objeto em si não existe. Em contrapartida, a consciência husserliana tem seu propósito no objeto sobre o qual ela se debruça e ela mesma só existe porque se debruça sobre o mesmo, não existindo a consciência em si. Com essa dupla implicação, como decorrência direta da intencionalidade, estão derrubadas as pretensas distinções entre sujeito e objeto. Conforme o próprio Husserl(1931,2001) define:

“A palavra intencionalidade não significa nada mais que essa particularidade fundamental e geral que a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de conter, em sua qualidade de cogito, seu cogitatum em si mesma.”(p 51)

Vê-se, pois, como consciência e objeto estão mutuamente implicados, um existindo a partir do outro, sendo co-originários. Por esse motivo, a discriminação sujeito e objeto, como coisas separadas e distintas, não faz sentido dentro de

uma postura fenomenológica de conhecimento. Dever-se-ia, inversamente, considerar o objeto de estudo como sendo o fenômeno sujeito-objeto.

Epistemologicamente, esse é o motivo que justifica que tenha sido possível conhecer a Oficina de Pintura pelo estudo das vivências da consciência da pesquisadora. O fenômeno estudado, não está “ali” na consciência, nem “acolá” na oficina, mas está na consciência-oficina.

Foi, portanto, pela via subjetiva que busquei alcançar a verdadeira natureza do mundo-da-vida manifesto ali na Oficina, verdadeira natureza no sentido tomado por Husserl:

“Pois a verdadeira natureza, no sentido das ciências da natureza, é obra do espírito que a explora e pressupõe, por isso, a ciência do espírito. O espírito é, por essência, capaz de exercer o conhecimento de si mesmo, e como espírito científico é capaz de exercer o conhecimento científico de si, e isto reiteradamente. Só no puro conhecimento científico-espiritual o cientista escapa à objeção de que se encobre a si mesmo em seu saber” (p.83)

Foi com base neste pressuposto fundamental que a experiência mesma, traduzida como vivência da consciência, norteou a pesquisa, lançando luz para a compreensão da Oficina de Pintura. Supôs-se, portanto, que o conhecimento da pesquisa surgiu num terreno intersubjetivo em que se eliminaram as barreiras eu/outro, interior/exterior, sujeito/objeto; a premissa filosófica fundamental é a da intencionalidade da consciência.

Além disso, assumiu-se aqui que o conhecimento do fenômeno pesquisadora-oficina não se limitaria a um conhecimento particular do que aconteceu ali, naquela Oficina específica apenas, mas teria pretensões de lançar luz ao conhecimento do próprio mundo-da-vida, a partir do espírito humano. A Oficina é, antes, um recorte do mundo-da-vida, portanto, o conhecimento

proveniente da mesma extrapola esta Oficina de Pintura propriamente dita e alcança a compreensão sobre a própria forma de ser do homem. Neste contexto de idéias, torna-se importante retomar Rollo May(1974): “Nós, psicoterapeutas, esperamos que a fenomenologia nos indique um caminho para a compreensão da natureza fundamental do homem”(p.122).

Vale lembrar que Husserl(1935/1996) entende que, a partir do estudo da subjetividade, é possível remeter-se ao mundo-da-vida, pois ele busca uma experiência além da experiência da natureza das ciências objetivas. Além disso, pelo estudo científico da subjetividade, seria possível alcançar resultados que integrariam, posteriormente, o próprio mundo-da-vida, já que “a ciência não só emerge do mundo-da-vida, mas também repercute sobre ele, convertendo-o em um mundo impregnado cientificamente”(Zilles, 1996, p45). Assim, o mundo-da-vida é o mundo circundante que pode ser alcançado pela proposta fenomenológica de descobrir o sujeito criador, constituinte do próprio mundo. Nesse mundo-da-vida estão os homens, suas tradições, seus valores e normas, um mundo dotado de verdades que existem antes daquelas ditadas pela “verdade objetiva” que a ciência moderna apregoa.

Aprofundando-nos ainda mais sobre o objeto de estudo da psicologia fenomenológica husserliana, aprofundamento este necessário para que se possa compreender o método aqui utilizado, cabe mencionar os conceitos de objetos reais e irrealis. Para tanto, tomemos como companheiro de viagem Amedeo Giorgi(2004), fenomenólogo italiano preocupado com a investigação no campo da Psicologia.

Objetos reais, segundo Giorgi(2004) mostram-se nas dimensões de espaço, tempo e causalidade, ou seja, são típicos objetos empíricos. Outra

característica desses objetos seria que eles se mostram através de aparências e, como tais aparências nunca manifestam o objeto total, para conhecê-los, de fato, é necessária uma síntese dos vários perfis para se ter um bom sentido do objeto. Em outras palavras, há de se ter múltiplas aparências para apreender o objeto real.

Por outro lado, a consciência volta-se também para outro tipo de objetos, os objetos irrealis, aos quais falta uma das características supracitadas: tempo, espaço ou causalidade. Ao contrário dos objetos reais, eles manifestam-se diretamente, não por meio de aparências, prescindindo do exame de múltiplos aspectos, já que se apresentam de uma única maneira. Exemplificando, Giorgi(2004) cita:

“For example, dreams are temporal but not spacial; meanings are not regulated by causality; ideas are not in space; so dreams meanings and ideas would not be real objects (p13)⁶

A partir dessa distinção, vemos que a Psicologia deve ocupar-se dos objetos irrealis ou imanentes, circunscritos à experiência humana, enquanto que as outras ciências devem ocupar-se dos objetos reais. Para Husserl(1935/1996), é um equívoco o fato de a psicologia moderna ter se proposto a acessar seu objeto de estudo, metodologicamente falando, da mesma forma que o faziam as ciências naturais com os objetos empíricos. Se a própria natureza dos objetos era distinta, utilizar o mesmo método implicaria num erro fundamental. A seu ver, esse fato revelava, além de um equívoco epistemológico, uma pobreza de método:

⁶ “Por exemplo, sonhos são temporais, mas não espaciais; significados não são regulados por causalidade; idéias não estão no espaço; assim sonhos, significados e idéias não seriam objetos reais”(tradução da autora).

“Mas aqui é necessário, para o nosso problema da crise, mostrar como é possível que a época moderna, durante séculos tão orgulhosa de seus êxitos teóricos e práticos, tenha caído ela mesma numa crescente insatisfação e que ainda deve experimentar sua situação como uma situação de penúria. Em todas as ciências se insinua essa penúria, em última análise, uma penúria de método”(p.79)

Essa distinção entre os objetos passíveis de conhecimento é de extrema importância para os psicólogos, epistemologicamente falando, pois chama a atenção para a impropriedade dos métodos objetivos da ciência para alcançar com propriedade o conhecimento do que é humano. Vale ressaltar que, para a fenomenologia, nem mesmo os objetos considerados reais, por mais empíricos que sejam, são dotados de uma existência em si, na medida em que são sempre conhecidos por uma consciência tendo, portanto, sempre uma dimensão irreal, imanente, subjetiva⁷.

O conhecimento dos objetos irrealis ou imanentes dar-se-ia por um esforço do sujeito em debruçar sua consciência sobre si mesma para apreender diretamente o que se manifesta, para ele, naquele momento. Quando refletimos sobre nossas próprias experiências, existe uma apreensão direta, não sensorial e não aparente de nós mesmos. Essa é a maneira propícia para abordar a subjetividade (Giorgi, 2004). É a consciência voltada para o fluxo das próprias experiências. Essa idéia desafia a compreensão tradicional da ciência psicológica que pretendeu conduzir o conhecimento sobre o homem à imagem e semelhança das ciências naturais, que como premissa, abstiveram-se de considerar qualquer referência ao sujeito do conhecimento. Mais desafiador ainda é pensar em como seria possível o conhecimento desses elementos irrealis em si mesmos, com base

⁷ Subjetiva por referir-se, necessariamente, a um sujeito. Não no sentido pejorativo que vem sendo atribuído ao termo “subjetivo” na ciência moderna, como uma relativização negativa (Giorgi,2004).

na própria consciência, desvinculada das dimensões de espaço, tempo e causalidade, eixos básicos sobre os quais se ergueu a ciência moderna. Por outro lado, alcançar o conhecimento destes objetos imanentes seria o mais próximo do que Husserl vislumbrou como uma psicologia fenomenológica pura, capaz de alcançar as essências pela análise intencional da consciência, descrevendo o tipo de vida da alma.

Neste sentido, Giorgi(2004) lança um desafio:

“The phenomenon of subjectivity presents a challenge to established empirical scientific procedures, but that is no reason to deny it. Black holes did the same to physicists, but rather than deny them, physicists were challenged to understand them better even though the way that energy manifested itself in black holes was entirely unexpected and contrary to all that was known about energy”⁸.(p14)

Na concepção desse autor, como psicólogos de abordagem fenomenológica, devemos centrar os esforços nos estudos da subjetividade, buscando relações intencionais e não relações de causa-efeito, dando ênfase, assim, ao sujeito, na medida em que este é a fonte dos atos intencionais. E esse sujeito, assim concebido, está sempre voltado para o mundo e seus objetos bem como pode refletir sobre si mesmo.

Assim, uma ciência genuinamente psicológica deverá erigir-se pela ampliação da compreensão de seu objeto de conhecimento, buscando tornar mais flexível seu rol de abrangência metodológica para abrir-se aos fenômenos humanos, ao invés de estreitar a compreensão do homem para que esta possa caber na metodologia já existente. Em relação a isso, cabe-nos retomar as palavras de Frick(1975):

⁸ “O fenômeno da subjetividade apresenta um desafio para os procedimentos científicos empíricos estabelecidos, mas não há razão para negá-los. Os buracos-negros fizeram o mesmo aos físicos, mas ao invés de negá-los, os físicos foram desafiados a entendê-los melhor, ainda que a forma com a qual a própria energia manifestada nos buracos-negros fosse totalmente inesperada e contrária a tudo o que era conhecido sobre energia” (tradução da autora).

“De um modo geral, a psicologia moderna tornou-se erudita, mas pedante; sofisticada, mas irrelevante; eminentemente profissional, mas largamente ignorante e insensível ao objeto de sua atividade: a pessoa humana ”(p.21)

Procurando, então, uma forma que fosse sensível à pessoa humana, que tomasse por base o estudo a partir da subjetividade como desafio à ciência psicológica, emerge a narrativa como possibilidade metodológica, como o caminho possível para alcançar a experiência humana, intersubjetiva por sua própria natureza.

Tratemos, agora, da intencionalidade como fundamento metodológico da narrativa tal como utilizada nesta pesquisa.

Aproximando as premissas de Husserl(1935/1996) e Benjamin(1936/1994), essa pesquisa teve o intuito de fazer um estudo fenomenológico no âmbito da psicologia, definindo epistemologicamente que o conhecimento é válido a partir do estudo da vivência da consciência e não de abstrações ou de uma natureza humana idealizada a priori. Foi a partir do mergulho em minha consciência que obtive a matéria-prima essencial do conhecimento aqui descrito.

Mais especificamente, parti do princípio de que a compreensão da Oficina de Pintura, com os elementos constitutivos de sua natureza, seria possível a partir da análise de minha própria consciência intencional ao ocupar-se reiteradamente dos encontros e do vivido na oficina. A intencionalidade da minha consciência, como movimento constante, exigiu que o método usado para sua apreensão fosse capaz de captar esse movimento da intencionalidade.

Assim, seria incoerente lançar mão de um método que se fechasse simplesmente em si mesmo e fosse pontual. Havia a necessidade de um método que contemplasse o movimento da consciência intencional, chave deste estudo. A

cada vez que voltei minha consciência em direção à oficina, novos significados emergiram, fazendo-me sentir que não poderia esgotar toda esta experiência numa “primeira leva” de significados emergentes, num primeiro debruçar-me sobre eles. Esse movimento deveria continuar no tempo, não por minha deliberação, mas pela própria definição fenomenológica da consciência como movimento e eu deveria encontrar uma forma de apreender os significados na medida mesma em que eles se formavam a cada visada de minha consciência em direção à Oficina.

Mais do que constituir apenas uma estratégia que permitisse manter abertura aos novos significados que foram surgindo, por ser a expressão de determinada experiência vivida, a narrativa foi sendo uma verdadeira construção. Seu fazer e refazer permitiu que os significados fossem apurados. Os significados da experiência desdobraram-se a cada vez que a minha consciência debruçou-se sobre ela. A narrativa pôde captar, pois, o movimento da consciência e sua relação com o mundo vivido. Além disso, penso que esses desdobramentos de significados tornaram possível mergulhar na experiência vivida até atingir níveis de compreensão cada vez mais profundos, até se chegar num substrato que pudesse revelar algo de significativo e essencial sobre o humano.

O processo desenrolou-se de forma que, numa primeira narrativa, alguns significados mais empíricos se mostrassem, acontecimentos particulares localizados no tempo e no espaço, referentes a determinados sujeitos concretos. Já numa segunda narrativa, surgiram outros significados, construídos a partir da primeira narrativa e, portanto, mais afastados do empírico, da situação concreta da oficina, essas segundas narrativas compuseram o conteúdo do Capítulo 1.

Enfim, houve um voltar-se para dentro que foi progressivo, buscando alcançar uma compreensão mais profunda, mais essencial do vivido, mais original.

Ao narrar, procurei captar o movimento intencional da minha consciência no bojo mesmo de sua visada, materializando verbalmente o vivido. Um pensamento bastante elucidativo em relação a essa postura fenomenológica e sua premissa nos é dado por Critelli(1996):

“O ser das coisas(o que são, como são) não está consumado na sua conceituação, mas também não está incrustado nas próprias coisas, ensimesmadas.Está no lidar dos homens com elas e no falar, entre si, dessas coisas e dos modos de se lidar com elas.Está entre os homens e as coisas;está numa trama de significados que os homens vão tecendo entre si mesmos e através da qual vão se referindo e lidando com as coisas e com tudo o que há”(Critelli,1996,p.17)

Depois de ter vivido cada encontro concretamente e a cada narrativa construída sobre ele, minha consciência voltou-se não mais ao encontro empírico propriamente dito, mas ao objeto-imanente-encontro, constituído em minha própria consciência, impregnando-se novamente de outros tantos significados, construindo aí seu próprio objeto de estudo. O estudo das vivências de minha consciência foi a chave primordial para a compreensão da Oficina de Pintura.

O princípio norteador foi o de que a construção de significados é intersubjetiva, portanto foi possível compor uma trama de significados, incluindo a experiência vivida pelas participantes da oficina entre elas, delas comigo, delas com seus próprios significados. E essa construção de significados tomou forma concreta pelo fazer próprio da narrativa.

Por meio das narrativas, construí os objetos imanentes de minha consciência, que só tomaram forma no movimento mesmo de minha consciência

ao debruçar-se concentradamente na experiência/oficina. Assim, desvendi o fenômeno a partir de sensações, pensamentos, emoções, lembranças, num vai-e-vem com a experiência vivida e acabei por construir o próprio fenômeno pesquisadora-oficina, objeto deste estudo. O processo deu-se pela apreensão da própria significação de minha consciência-oficina.

Tomando por base que mundo e sujeito são co-origenários e inseparáveis, o desvendar do fenômeno, ou sua criação, deu-se primeiramente no plano do empírico, representado pelos encontros propriamente ditos, com as pessoas, as telas, as tintas, as obras produzidas, as falas. Esse foi o mundo-oficina. Num segundo momento, a experiência afastou-se desse empírico, reencontrando-o num patamar imanente de minha própria consciência ao debruçar-se sobre si e perguntar-se: o que aconteceu ali ?

Nesse ponto, já não era mais o que aconteceu ali, o mero empírico, mas sim o amálgama do que minha consciência, no bojo de sua intencionalidade, vivenciou no fluxo das relações, do tempo, das falas, dos significados compartilhados, das emoções que surgiram. É a experiência vivida por mim mesma sobre a qual minha consciência se debruçou e foi a partir dela que pude avistar o outro. Aproximando-me do objeto imanente, irreal da minha consciência, capto o outro que dela faz parte. Deve-se enfatizar que esses objetos imanentes não devem ser tomados como coisas, presentes num lugar chamado consciência. A consciência só pode alcançar esses objetos porque os experiencia em ato; de fato, a própria existência desses objetos está condicionada ao ato intencional da consciência de debruçar-se sobre eles. Assim, a narrativa sobre os encontros de oficina, não descreve meramente os fatos ocorridos num escopo de tempo e espaço, mas busca lançar luz sobre os objetos imanentes da minha consciência.

A construção dos capítulos denominados “O acontecer clínico” e “O apropriar-se da Oficina de Pintura”, a seguir, deu-se pelo encontro de minha consciência com os significados do vivido.

A diferença entre esses conteúdos, do ponto de vista metodológico, refere-se ao ponto de vista da consciência. No Capítulo 1 – *O acontecer clínico*, voltei-me para a experiência de cada encontro, buscando extrair os significados vividos com as participantes. No Capítulo 3 – *O apropriar-se da Oficina de Pintura*, busquei focalizar minha consciência em cada uma delas, pensando no todo vivido ao longo dos encontros, procurando fazer uma síntese tomando o ponto de vista de cada uma delas, ou melhor, o meu ponto de vista impregnado do ponto de vista delas. As palavras parecem insuficientes para dar conta desse amálgama que foi sendo construído e do qual se extraiu o objeto do presente estudo. Não estaria correto afirmar que se trata do ponto de vista das participantes, pois elas estão presentes na narrativa de maneira indireta, impregnando minhas emoções, lembranças, percepções e sentimentos sobre elas; não é correto igualmente afirmar que se trata do meu ponto de vista, pois este está impregnado das emoções, percepções e sentimentos delas. O que almejo explicitar é a superação mesma da dicotomia sujeito-objeto e neste sentido, talvez fosse mais apropriado referir-me aos meus-nossos significados. Neste sentido, intersubjetividade não é a mera justaposição de duas ou mais subjetividades, mas sim o entrelaçamento de subjetividades no qual as fronteiras perdem-se e o fenômeno se dá a conhecer, fenômeno este iluminado pela psicologia fenomenológica de Husserl.

Uma outra analogia que ajuda a significar esse movimento é o caminhar sobre uma rede, que metaforicamente seria a teia de significados. Começamos de fora, percorrendo uma linha da teia, mas aí encontramos bifurcações, que nos

levam para a direita, esquerda, acima e abaixo, e cada uma delas nos leva a outros pontos à esquerda, direita, acima e abaixo, desdobrando os significados. Ao continuarmos o percurso, vemos que cada ponto aproxima-nos de outros, e que todos estão interligados e culminam num centro organizado que seria o eixo essencial da teia, de onde partem todos os significados e, ao mesmo tempo, para onde os significados nos levam. Esse seria o ponto da universalidade preconizada por Husserl a partir do estudo da experiência vivida. Sob esta perspectiva, o uso que faço da narrativa não é somente como um recurso para o estudo da experiência vivida, mas é, ela própria, a chave para alcançar a universalidade do fenômeno. Ela permite fazer um caminho por entre os significados que vão ganhando densidade e consistência, permitindo extrair o sumo da experiência vivida. A partir de sucessivas narrativas dos encontros vividos, pude revisitar a experiência várias vezes, caminhando sobre a teia de significados, visando alcançar seu centro. Posso dizer que para encontrar o que queria encontrar, partindo de minha visão humanista sobre o homem, com a minha presença disposta a uma atitude fenomenológica ao encontrar as pessoas na oficina, estive aberta à busca dos significados e a narrativa foi a maneira encontrada para amalgamar o que experienciei a partir do que outros experienciaram e revelaram nos encontros. O sumo de significados encontrados são os elementos essenciais da experiência vivida, o centro da teia. Assim, a partir da experiência vivida por mim, foi possível revelar a experiência do outro.

A narrativa, para mim, foi, ela mesma, uma análise intencional da consciência materializada. Foi uma forma de focar a consciência sobre si mesma e espremer-lhe os significados, conhecendo o modo de ser da consciência. As narrativas já construídas foram se transmutando ao longo do tempo, agregando

novos significados e novos elementos do vivido, a cada nova re-leitura, ao focar minha consciência no que estava escrito, lembrando os momentos, fazendo associações, recriando o texto da narrativa. Nesse movimento, procurei descrever a vida imanente da consciência, a cada narrativa mais distante do empírico e mais profundamente em si mesma.

Para Husserl(1931,2001) a análise intencional não seria uma categorização, ou uma divisão em termos primários, secundários, etc., conforme o termo “análise” comumente sugere. Ao contrário, o termo análise, implica em um processo de revelação das potencialidades implicadas nas atualidades da consciência. Por meio desta análise, poder-se-ia alcançar o sentido objetivo, a explicação e elucidação deste sentido, do ponto de vista noemático.⁹ Em outras palavras, para conhecer algo, é necessário assumir que este algo não está dado, de maneira fixa e absoluta, mas requer uma movimentação da consciência ao longo do tempo de forma a extrapolar, tanto quanto possível, aquilo que é assumidamente explícito a cada instante em que a consciência se debruça sobre algo. Existiria, pois, um *horizonte intencional* a ser explorado, desenrolado.

Assim, as transmutações das narrativas constituíram uma análise intencional que se desenvolveu ao longo do tempo, procurando revelar as potencialidades existentes do fenômeno apreendido.

Ao narrar o vivido, pude apreender os significados que emergiram na Oficina de Pintura, buscando encontrar o seu sentido e seus elementos constitutivos a partir de minha subjetividade. Lançar mão da narrativa permitiu alcançar o vivido, em sua atualidade e potencialidade, concretizando a criação de

⁹ Aqui cabe a distinção entre noesis e noema, assinalada por Husserl(1931/2001). Noesis seria o componente da consciência que se debruça sobre algo e noema, seria o algo sobre o qual a consciência se debruça. Assim, na situação “eu vejo uma árvore”, o lado “eu vejo” seria noesis e “a casa” seria noema. Ambos, obviamente, indissociáveis, fenomenologicamente falando.

significados em uma forma material para que estes pudessem ser repensados, desdobrados, re-significados até chegar num sumo essencial. Metodologicamente falando, este foi um trabalho artesanal, cuja matéria-prima foram os encontros de Oficina.

Emergindo agora dessa discussão metodológica, a Oficina de Pintura vista como modalidade diferenciada de atenção psicológica, ao mesclar o trabalho artesanal do fazer e o trabalho artesanal do comunicar as experiências (narrativas das participantes), possibilitou o contato com a própria experiência como nos tempos antigos caracterizados por Benjamin(1936/1994). O narrador era artesão, sua consciência não estava descolada do fazer, do seu corpo. Sua fala e seu trabalho vinculavam-se à experiência. Mais que isso, talvez, sugere Benjamin(1994):

“A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar”(p220)

E ainda logo depois :

“Podemos ir mais longe e perguntar se a relação entre o narrador e a sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único ?(p.231).

Ou então, conforme salienta Carvalho(1999):

“As histórias compartilhadas nas oficinas de criatividade penetram suavemente, despertando imagens, fantasias e acordando reminiscências até então adormecidas. Desse modo, como ao recriar as oficinas de trabalhos artesanais, os artesãos de contos vão tecendo os fios de sua própria existência, construindo tapeçarias com as contas de suas lembranças, desejos, aventuras e aprendizagens que lhes foram significativas.”(p.376)

Nesse sentido, pode-se dizer que a Oficina foi um fazer que promoveu transformações, ao possibilitar a criação de significados, num ambiente facilitador do compartilhamento de experiências. A matéria-prima foi a própria vida vivida, que foi sendo contada, pintada, compartilhada, traçada. Vida que se estendeu ao passado e projetou-se no futuro, contexto no qual falar sobre o que se viveu, não foi meramente lembrar o passado, mas reexperienciar o passado agora, no presente, para reorientar o futuro. Se entendermos que isso é parte de um único processo artesanal de resgate da experiência e o pintar com a mão não está desvinculado daquilo que a alma sente e o olho vê, estamos diante de um homem consciência-ação, que narra suas histórias ao pintar ou vice-versa e vai criando sentidos de sua própria existência.

Da mesma maneira como as participantes da Oficina resgatavam suas experiências ao pintar, compartilhar e contar suas histórias, assim também o fiz, como pesquisadora, nas narrativas, procurando extrair o sumo do vivido a partir de minha própria subjetividade, compondo tapeçarias com as contas de lembranças, emoções e pensamentos, trabalhando a matéria-prima da experiência vivida de maneira artesanal.

O resgate do fazer, da criação, tanto na Oficina propriamente dita quanto na metodologia utilizada para compreendê-la deram voz à dimensão da consciência-ação, dimensão esta criadora de sentidos inerentemente humanos, quer se trate do mundo-da-vida, quer se trate do mundo da ciência, resgatando, assim, algo primordial à existência humana, esquecido pela sociedade contemporânea, que mereceu a denúncia enfática tanto de Benjamin(1936/1994), apontando para o resgate da narração como criação que dá forma à matéria-prima da experiência vivida, quanto por Husserl(1936/1996), apontando para o

resgate da qualidade criativa da consciência intencional no âmbito da filosofia e das ciências.

Capítulo 3 – O apropriar-se da Oficina de Pintura

*A vida, no que tem de melhor,
é um processo que flui, que
se altera e onde nada está
fixo.*

Carl Rogers

Cada uma das participantes utilizou a Oficina de Pintura de maneira peculiar e própria. Cada uma, a seu modo, foi se apropriando da modalidade de atenção psicológica e fazendo uso dela num processo, acima de tudo, de criação. Elas puderam se expressar verbalmente e não-verbalmente, seguindo suas próprias disposições.

Antes, porém, de ater-me ao apropriar-se específico de cada uma das participantes da Oficina de Pintura, vale mencionar a forma com a qual me apropriei dessa modalidade ali no serviço com aquelas mulheres. Eu não estava ali buscando amoldar uma concepção psicológica qualquer àquelas mulheres nem almejava aplicar uma teoria psicológica fixa e pronta aos seus “problemas”. Com isso, quero dizer que estava aberta para o que viesse a acontecer, suspendendo minhas concepções sobre “o papel que deveria exercer”, sobre “o que elas deveriam dizer sobre si mesmas” etc. Em primeiro lugar, essa foi a maneira com que me apropriei da Oficina de Pintura e minha postura era tanto inspirada nos preceitos de empatia, aceitação incondicional e congruência da Abordagem Centrada na Pessoa (Rogers, 1961/1999) como nos preceitos filosóficos husserlianos da redução fenomenológica e do “retorno às coisas mesmas” (Husserl, 1935/1996) enfatizando a experiência.

Passo agora a detalhar como percebo o movimento que cada uma delas fez para usar a Oficina de Pintura para si, lembrando que existiram regras mínimas de espaço e tempo e que eu estava ali me apresentando como psicóloga e elas, por sua vez, tinham procurado o Serviço de Psicologia da PUC-Campinas em busca de ajuda.

Em princípio, o que nos aproximava era o fato de que íamos conviver por 3 meses, durante 2 horas semanalmente, em um Serviço de Psicologia. No relato a seguir, preferi focalizar uma integrante por vez, amalgamando as impressões que tive sobre a forma de apropriação característica de cada uma delas.

Dona Preta

Começarei com Dona Preta, integrante assídua da Oficina de Pintura, que chegara ao serviço encaminhada pela psiquiatria do Hospital das Clínicas e, nos primeiros encontros, chorava muito enquanto contava sobre o acidente que havia sofrido e as perdas decorrentes do mesmo. Os psiquiatras disseram que ela estava com ansiedade e depressão por causa do acidente sofrido e recomendaram que procurasse o Serviço de Psicologia. Dona Preta esteve comigo em duas oficinas nos anos de 2006 e 2007.

Sempre gostou de pintar e sentia-se muito motivada com as pinturas. Perdera o emprego ao perder a coordenação motora fina devido ao acidente. Não sentia mais graça em cozinhar porque o olfato também se fora. Não se reconhecia fisicamente, pois sua magreza parecia não ter fim. Era essa a lamentação doída e recorrente em 2006. Dona Preta chegava à Oficina e logo começava a contar algo que tinha vivido em casa, com familiares, ou mesmo sem contar nenhum fato, começava a chorar e falar de si, do acidente, da perda de memória, de como ela era competente em seu trabalho, do quanto lhe fazia falta a vida que tinha antes do acidente. Todas as sessões eram marcadas por uma grande tristeza, com lágrimas doídas e o lamento pela perda irreparável, que a tinha feito perder o fio-da-meada da vida. Ela não se reconhecia sendo aquela que tinha perdido tudo aquilo por causa de um acidente, nem tampouco podia olhar o presente ou o futuro enquanto não vivesse aquela dor até gastar. Parecia que era preciso voltar a cada semana e recontar e reviver as perdas e, a cada encontro, diluir aquela dor que parecia não cessar nunca. Nós ouvíamos, compartilhávamos a sua experiência, às vezes em silêncio, às vezes com

palavras acolhedoras. Eu me afligia, por vezes e, em meio a toda aquela dor, pensava: Ela irá sofrer assim para o resto da vida? Inquietava-me vê-la sentir-se sem saída, sem saber como seria ou o que seria dela mesma. Contudo, algo em mim dizia que era preciso ter paciência e ficar com ela em sua dor. Em última análise, apesar de todo o sofrimento parecer irremediável, eu confiava em Dona Preta, acreditava que ela conseguiria reencontrar aquela mulher forte e decidida, mãe de vários filhos, independente e orgulhosa de si mesma que achava ter perdido no acidente. Muitas vezes, em 2006, eu ficava ali, escutando e olhando para ela, que recontava o passado, e muitas foram as vezes em que eu me emocionei e senti a dor que vinha dela.

A tristeza foi passando aos poucos de fevereiro a setembro de 2006, período em que fizemos a Oficina naquele ano. Ela repetia sempre que a Oficina era boa demais pra ela, nunca faltava e apropriava-se da Oficina de maneira muito intensa, participando sempre, chorando, conversando, pintando. Naquele mesmo ano, deixara de tomar o calmante e os antidepressivos que os psiquiatras haviam recomendado. Para ela, a Oficina de Pintura era o remédio.

Seu neto acompanhava-a todas as sextas-feiras até o ponto do ônibus e a colocava dentro do ônibus que se dirigia ao Serviço. Ela, sozinha, não reconhecia os números e podia pegar o ônibus errado. Andava sempre com um papel no bolso dizendo seu endereço e nome, pois queria andar pela cidade, mas sempre se perdia, não sabia mais onde estava ou para onde ia. Chegava ali na Oficina animada, querendo falar e pintar e aquilo foi-lhe dando um suporte psicológico para reconstruir-se diante da ruptura causada pelo acidente. Vivenciava sua dor ali, diante de mim e dos outros participantes, sua sensação de impotência diante de tudo, a perda da identidade que reconhecia como sendo sua.

Era uma mulher trabalhadora, batalhadora, de temperamento forte, que tinha criado quase sozinha uma família numerosa e agora se via frágil, sem emprego, sem poder cuidar de si mesma, sem poder reconhecer-se como a mulher que ela outrora havia sido. Não era mais aquela mulher e sua tentativa era a de descobrir o que restava de tudo aquilo que ela fora, o que poderia ser resgatado e o que deveria ser criado ou reinventado a partir dali. Sempre mencionava o presente em comparação com o passado e a mensagem era: “Eu era assim, agora não sou mais ...e agora ?”. Desejava encontrar um novo caminho. A Oficina foi, para ela, um remédio para a tristeza, a desesperança e, aos poucos, conseguiu retomar sua vida; nesse tempo, precisou da Oficina para parar e recompor-se, recolher e colar os pedacinhos quebrados no fundo do poço, para então se erguer e seguir em frente.

Dona Preta utilizou a Oficina para compartilhar suas tristezas:

“A pessoa (referindo-se a ela própria) tem que andar com o endereço, nome e telefone no bolso porque pode se perder, porque pode não saber voltar....pode acontecer alguma coisa...(e chorava).”

Em outros momentos, estava triste com conflitos familiares e também pôde compartilhá-los na Oficina:

“Eu que cuido deles e sempre faço tudo para eles, eu só não bati boca com ela por que ela está grávida e eu não quero que aconteça alguma coisa dela passar mal e então eu me calei, mas a raiva subiu e voltou ... outro dia eu tava falando pro meu neto descer das árvores porque lá a casa é grande e tem um terreno

grande, daí sabem o que ela fez ? Ela chegou pro menino, pegou ele pela mão e disse: "Sai daí, eu já disse que a sua avó é chata!"... Então tá bom, e eu não disse nada porque ela está grávida, eu tô me segurando mas isso faz muito mal..."

Em outros momentos, ela quis compartilhar os momentos de discriminação que vivenciara por sua cor na escola da filha, no emprego, na família, no hospital logo depois do acidente. Sentiu-se discriminada muitas vezes e contrapunha esses momentos aos bons momentos vividos com a família do Dr. Azul, que era branco e não a discriminava. Sentia-se fortalecida ali e isso era visível em sua fala, gostando de evidenciar o quanto eles a tratavam de igual para igual e o quanto aquilo despertava nela força e gratidão.

Pareceu-me, por vezes, que contar sobre as discriminações, sempre rebatidas veementemente por Dona Preta, tinha um valor de fazê-la lutar por si, por ela mesma, a começar por sua cor. Para alguém que vivenciava um momento de ruptura com perdas físicas dolorosas, parece que o resgate e a afirmação da própria cor eram uma forma de auto-afirmação física, mas também psicológica.

Dona Preta sentia algo semelhante ao que sentia na família do Dr Azul ali na Oficina: ali ninguém a discriminava, ninguém a julgava pelas suas insuficiências ou perdas. Antes, nós nem a conhecíamos, ela era o que era ali, depois do acidente.

Vale mencionar como essa mulher também tinha palavras amigas para as outras participantes e sempre se afetava com o discurso das outras, sempre estava atenta e procurava participar. Ao longo das oficinas, criou um laço forte com Dona Branca, que também fizera a oficina com ela em 2006. A Oficina tinha sido a oportunidade para criar esse laço social e elas passaram a ir juntas à

Oficina; iam uma à casa da outra fazer bolo e tomar café, ligavam-se durante a semana para contar seus problemas e outros assuntos.

Demonstrava sentir-se bem em estar ali, conversando com as colegas, ajudando com palavras de apoio e orientações e pintando. Dona Preta sempre vinha entusiasmada para a Oficina, principalmente em 2007. Como era espiritualizada, por muitas vezes ela parava o que estava fazendo, olhava-me e dizia com um sorriso: “Deus te deu tanta paciência com a gente, Deus te deu esse dom de ouvir as pessoas”. Era um elogio, um agradecimento, uma forma de demonstrar carinho por mim.

A Oficina, para Dona Preta, era esse lugar possível de vida, quando a vida perdera o sentido e não parecia mais possível. Ela, em 2007, chorou poucas vezes, estava mais confiante e não lamentava mais o acidente. Estava prosseguindo com o que a vida não lhe havia tirado. O significado da vida tinha mudado, existia agora um sentido, os lamentos cessaram.

O valor da Oficina para a vida de Dona Preta era percebido por sua família também, que sempre perguntava o que ela tinha pintado ou o que ia pintar na próxima Oficina e sempre avaliava seus trabalhos quando chegava em casa, incentivando-a. Quando não havia Oficina, por conta de algum feriado, ela era a primeira a lamentar.

E vale lembrar seu lamento pelo término da Oficina:

"É, quando tem uma pessoa fazendo algo que é realmente bom pra gente, logo acaba por que a felicidade dura pouco mesmo".

"Eu não vou dizer nada porque eu sou suspeita para falar... para mim a oficina é ótima porque eu sofri um acidente e perdi a direção da minha vida, eu fui no neurologista e ele me deu um calmante, mas depois que comecei a oficina eu deixei o calmante para lá, a cartela tá inteirinha lá em casa".

Ela demonstrou seu lamento e o significado que a Oficina tinha para ela como algo que a ajudou a retomar a direção de sua vida. Era a Oficina o seu remédio e através dela foi emergindo o poder de Dona Preta para cuidar de si mesma e retomar a sua vida. O apoio e o cuidado passaram a ser ela mesma, por meio da Oficina de Pintura. Justamente, ali, com aquelas pessoas e comigo, num clima de liberdade e aceitação, ela reencontrou-se na vida e passou a achar que podia ainda ser interessante viver.

Perder a Oficina foi difícil para Dona Preta, que chorou também a perda das colegas e a mudança de cidade no final dos atendimentos. Trocaram telefones e prometeram não perder contato. A vida iria seguir seu curso, mas ela levou consigo um pedaço da Oficina e um pedaço de mim, que estava naquele brinco preto que eu entreguei a ela no último encontro.

Dona Branca

Dona Branca chegou ao serviço em 2006, como Dona Preta e participou da Oficina, naquele primeiro ano, de Fevereiro a Setembro. Nesse primeiro ano, queixava-se de depressão, tomava antidepressivos e anticonvulsivos, estava afastada do trabalho por esses problemas de saúde e sempre estava fazendo perícias, esperando ansiosamente sua aposentadoria.

Participava da Oficina falando pouco, pintando durante todos os encontros. Seu tom de voz sempre era manso. Já nos primeiros encontros parecia abatida e triste. Por vezes sorria, mas sempre de forma tímida ou envergonhada. Conforme os encontros foram acontecendo, ela falava mais de si mesma. Preocupava-se com sua depressão e suas convulsões, não sabia se as convulsões tinham relação com a depressão ou vice-versa, mas sentia-se retraída demais ou talvez sem direito de tirar essas dúvidas com os médicos.

Contava-nos sempre que passava por uma nova perícia, contava como havia sido e queixava-se do descaso e da desconfiança dos médicos. Sentia-se incapaz de voltar a trabalhar pelos problemas de saúde e sua apreensão nas perícias era que dissessem para ela voltar. Angustiava-se com a espera dos pareceres periciais e almejava conseguir definitivamente sua aposentadoria.

Fazia desenhos simples, de frutas ou árvores; em 2007, geralmente desenhava frutas; certa vez desenhava uma casinha, outra vez uma piscina e outra, um navio.

Dona Branca estava sempre muito preocupada com sua depressão e mostrava-se ansiosa por sua melhora. Por duas vezes, em 2006, levou receitas e contou seus sintomas na Oficina, querendo entender melhor o que estava se

passando, tentando esclarecer o que não tinha conseguido perguntar aos médicos. Ali ela podia compartilhar o que a afligia e essa foi sendo a forma de Dona Branca se apropriar da Oficina de Pintura.

Por vezes, durante os encontros, revelava que estava muito desanimada, não tinha vontade de nada e nem de ir à Oficina, mas depois pensava: “Não, lá eu me sinto bem, a gente vai falando a vai fazendo e vai ficando melhor, eu tenho que ir, sim”, e realmente ia, participava e pintava com as colegas de Oficina.

Dona Branca faltou poucas vezes, só quando teve perícia ou algum problema familiar sério.

Aos poucos, surgiu uma amizade entre Dona Branca e Dona Preta. Vinculou-se à Dona Preta de forma tão estreita que as duas tornaram-se amigas de Oficina e fora da Oficina de Pintura. Passaram a apoiar-se mutuamente durante os encontros e fora deles, pois se telefonavam e conversavam sobre suas vidas mesmo fora dali e a Oficina passou a ser mais um dentre outros momentos em que elas se encontravam.

Em 2007, quando foi convidada a participar novamente do grupo de Oficina de Pintura, Dona Branca ficou muito feliz, dizendo que era “uma notícia maravilhosa”. Em 2007, Dona Branca trazia para a Oficina, principalmente, seus problemas familiares. Sua filha tinha dois filhos e Dona Branca ajudava a cuidar deles. O outro filho dela tinha um filho com uma moça mas estava agora com outra e Dona Branca não aprovava suas atitudes. Ela sabia dos problemas dos filhos e estava no meio deles, angustiava-se, era contra muitas das suas atitudes mas não falava, não se colocava, ficando, assim, contrariada e angustiada. Dona Branca revelava o medo que tinha de ficar só se dissesse não a eles. Pelo discurso de Dona Branca, os filhos demonstravam pouco carinho com ela, pouca

preocupação com seu estado de saúde. Por sua vez, mesmo “vendo as coisas erradas” que eles faziam, não queria se indispor com eles.

Durante os encontros, contava-nos histórias e as outras mulheres opinavam, avaliavam. Dona Branca pedia claramente ajuda das participantes “Eu queria trazer uma coisa pra vocês me ajudarem”. Suas pinturas eram geralmente de flores e frutas, que ela adorava. Tinha uma forte ligação com a natureza e dizia se transportar para aquela situação pintada. Na pintura, parecia encontrar o que precisava, aliviando suas angústias. Era o contraponto, pois pintar era aliviar a tragédia cotidiana. Por vezes, a pintura representava onde ela mesma queria estar, no pomar, na piscina, numa casinha pequena sem tanta gente, tranqüila; outra vez disse que uma árvore cheia de frutos era sua própria mudança.

Certa vez, Dona Branca contou-nos de uma mudança de atitude: disse à filha que não tinha condições de cuidar da netinha pequena. Trouxe a questão para ser discutida com as participantes da Oficina e Dona Vermelha, principalmente, encorajou Dona Branca a falar honestamente com o genro e a filha. Quando Dona Branca trouxe isso numa primeira vez, não teve muita repercussão no grupo mas depois, em outro dia, houve uma comunicação mais direta de Dona Vermelha encorajando Dona Branca a dizer não e até mostrando a incoerência entre o que estava acontecendo na vida de Dona Branca e a pintura: “Já sei! Essa casa que você pintou é a casa onde você gostaria de morar tranqüila e sozinha!”. Dona Branca concordou:

"Uma casinha pequena e só minha, já pensou ?Mas por outro lado, eu tenho medo de ficar sozinha, por causa das convulsões, é só por isso que não quero ficar sozinha... talvez o que eu precise mesmo seja de menos bagunça, morar com menos gente, mas não sozinha que eu também não gosto de solidão"

Outros momentos aconteceram e, um dia, Dona Branca pensou sobre como se sentia e se colocava passivamente em relação às decisões dos filhos. Em outra ocasião, Dona Preta e ela pensaram em conjunto sobre como elas haviam tomado a responsabilidade pela vida dos filhos e como aquilo não tinha sido adequado:

“É, eles se acostumaram mal e a gente criou filho irresponsável porque a gente ficou muito responsável por eles....”

Com Dona Rosa também houve momentos de compartilhamento da sobrecarga com os filhos. No final dos encontros, ela teve a conversa decisiva com a filha e o genro, colocando como se sentia e que havia decidido, ela própria, que não poderia cuidar da netinha. Estava determinada quando chegou a esse ponto, parece que o tema já vinha vindo dentro dela e precisou pensar e repensar, com as colegas de Oficina, sobre como se posicionar diante daquilo. Superou o seu medo de desagradar e de ser abandonada à solidão pelos filhos e tomou uma atitude nova:

“É, me incomoda um pouco saber que eles podem não ter gostado de eu falar que não ia ficar cuidando da criança, mas eu não tenho condições realmente e não posso fazer isso comigo. É isso que eu pensei, se não gostar, sinto muito, mas não posso fazer nada... Eu pensei muito no que você falou, Vermelha, aquelas palavras não me saíam da cabeça, porque você falou tanto na semana passada que eu não devia cuidar da nenê que aquilo não saiu da minha cabeça”

E depois, noutra sessão:

"Essa árvore representa vida nova, a minha mudança tem a ver com essa mudança que é preciso fazer na minha vida com relação aos meus filhos".

Dona Branca também ressentiu-se pelo término da Oficina e sempre se mostrou muito agradecida por aquele espaço, falando docemente sobre a importância da oficina em sua vida:

"A oficina é boa porque cada dia era uma lição que se aprendia com os outros, conversando, e que dava para perceber que não é só a gente que tem problemas porque às vezes a gente acha que só a gente tem aquele problema e também é bom por causa do sigilo, porque a gente tem confiança um no outro e vai formando uma amizade com as pessoas".

O término da Oficina abriu espaço para o tema das perdas em sua vida: a perda de uma filha, a perda do pai, a perda do filho que foi preso. Ela trouxe essas feridas ali para a Oficina, ao lamentar a perda da Oficina também.

Dona Branca veio tímida, deprimida, mas ao final parecia mais forte e confiante nela mesma. Trazia as cartas de sua vida e as colocava na mesa, desejava da opinião das outras participantes; parecia querer refletir com os outros sobre seus dilemas e ali era o espaço, o momento. Ao mesmo tempo, a pintura, para ela, servia de alívio, ajudava a equilibrar o que não estava bem. Ao representar suas vontades e desejos, da casa com menos gente, das frutas

deliciosas, da piscina para tranquilizar, Dona Branca encontrava-se consigo própria numa outra dimensão, que não a dos problemas concretos e, de alguma forma, isso também a ajudou a integrar-se para enfrentar os problemas. Falando sobre seus temores, suas perdas, suas aflições com os filhos, retomou a responsabilidade pela própria vida e experimentou outros caminhos. Fez amizades e saiu daquela forte depressão inicial, encontrando um sentido novo para a vida.

Dona Vermelha

Dona Vermelha apropriou-se da oficina, logo de início, pintando seus sonhos. Queria retomar aqueles sonhos passados que tinham sido marcantes e quis compartilhar com o grupo, buscando seus significados.

Em outros momentos, compartilhou outros problemas: o medo que tinha de perder a memória, o medo que tinha de ficar só, o medo de elevador, o medo da depressão, da dor no coração e no pulmão, o ressentimento pela traição do marido, o medo dos espíritos ruins.

Algo que sempre trazia era o tema da morte. A morte da senhora de quem sua irmã cuidava, a morte da irmã, o suicídio do rapaz do bairro que andava de bicicleta, o sonho das borboletas no velório, a morte de sua mãe, a sua própria morte. Dona Vermelha parecia querer encontrar as explicações para isso, querer compreender essa dimensão da vida. Tinha também uma tendência a espiritualizar as questões emocionais que trazia, como a questão com os espíritos ruins, a premonição do sonho da borboleta, a premonição do acidente aéreo. Era a sua forma de se aproximar do tema da morte.

Por vezes, estava mais receptiva aos conselhos das outras, como aquela vez em que Dona Preta começou a dizer-lhe sobre como não ser influenciada pelos espíritos ruins; outras vezes, colocou-se como conselheira, como quando incentivou Dona Branca a falar com sua filha e seu genro sobre sua impossibilidade de cuidar da netinha.

Dona Vermelha sempre pintava e sempre comentava o que estava pintando; se eram sonhos ela dizia, se eram flores ela dizia, se não gostava da pintura dizia também. Interagiu mais com Dona Branca e Dona Preta, mas

sempre participava com todas, sempre comentava ou tinha uma opinião sobre algo. As outras colocaram um apelido nela, fazendo alusão a uma personagem de uma novela com a qual Dona Vermelha se parecia. Durante o período de Oficina, Dona Vermelha faltou pouco, ou por problemas de falta de passe para ônibus, ou por problemas de saúde.

No final das Oficinas, comentou que, em sua casa, seus parentes tinham começado a pintar também e que isso criou uma nova forma de comunicação e integração entre eles que ela achava interessante. Lamentou o fim da Oficina dizendo sentir-se bem ali, sentir-se melhor do que estava quando chegou. Disse que ouviu dizer que outra modalidade de atendimento no serviço teria atividade manual também e se animou, mas não sabia se seria semelhante à Oficina de Pintura.

Dona Vermelha mostrava-se extrovertida e bastante falante, participando verbalmente e com pinturas em todos os encontros. No final da Oficina, avaliou que se sentia melhor após a Oficina de Pintura, mas lamentou que é difícil desprender-se e desapegar-se quando acaba .

Dona Amarela

Dona Amarela participou da Oficina de Pintura de maneira intermitente, pois passou por uma cirurgia durante o período estipulado para a Oficina, faltando algumas sextas-feiras aos nossos encontros.

Desde o início, Dona Amarela mostrou-se um tanto retraída na pintura e nas conversas, mas depois penso que foi se sentindo mais à vontade e foi participando de maneira mais ativa, tanto verbalmente como nas pinturas. Logo no início, ficou encabulada de pintar comigo apenas, éramos nós duas somente na primeira sessão e ela não sabia bem ao certo o que fazer.

Dona Amarela contou-nos do seu medo de dirigir e conforme foi aprofundando o assunto, deparou com a associação desse medo ao problema de alcoolismo de seu marido. Tinha um marido alcoólatra que sempre queria a chave do carro quando estava bêbado e ela não conseguia impedi-lo, ficando preocupada várias vezes com o que ele estaria fazendo ao dirigir o carro. Ela mesma, ao aprofundar a conversa, deu-se conta de que seu medo de dirigir tinha relação com esses episódios. Foi contando e contando e escutávamos com interesse e ela foi-se aprofundando até chegar a essa ligação de seu medo com o alcoolismo do marido.

Parecia algo muito doloroso para ela falar do casamento e do sofrimento pelo alcoolismo, pois tinha feito o possível, até que não conseguiu mais e decidiu se separar. Contou-nos sobre esses momentos difíceis na Oficina, enquanto desenhava florzinhas, nuvens, e raramente demonstrava fazer relação de sua pintura com o relato ou o sentimento vivenciado.

Em outros momentos, Dona Amarela parecia defender-se de sua solidão, quando Dona Vermelha tocou no assunto. Dona Amarela estava convencida de que era melhor ficar só que mal acompanhada e que, como no caso do marido, era melhor ficar só mesmo. Até admitiu, em um momento, que não gostava de ficar só, mas parecia que era um mal necessário. Por outro lado, justificava essa necessidade de solidão dizendo:

"É claro que é ruim ficar sozinha, não é que eu goste, mas tá bom assim, fica mais fácil de cuidar e eu sou sozinha, tenho que me acostumar, as pessoas não acreditam como eu moro nessa casa sozinha mas eu não me importo, porque na hora que todo mundo vai dormir, tem que dormir sozinho porque cada um é sozinho mesmo"

Parecia, por vezes, que a sua necessidade de solidão era uma atitude defensiva e sua pintura parecia também estar de acordo com essa idéia: Dona Amarela pintava, enquanto falava, uma grande parede verde e vermelha com aparência de muita solidez. Talvez a solidão fosse uma barreira necessária para ela. Fiquei imaginado se Dona Amarela, depois de tanta preocupação e atenção constante em torno da bebida do marido, não teria optado por viver uma vida que "não desse trabalho", de tanto trabalho que tivera com ele. Parecia ter extirpado tudo que lhe pudesse causar algum transtorno. Conta que, em seu quintal, havia um pé maravilhoso de manga de cordão e que quando começava a dar mangas, o pessoal da rua, desejoso das mangas, tocava a campainha ininterruptamente para pedir algumas mangas. Lembrava a beleza do pé, mas logo vinha um tom enraivecido pelo trabalho de atender as pessoas a todo momento. Parece que

nem mesmo a beleza do pé de manga em seu quintal podia compensar o trabalho que ele daria quando as mangas começassem a amadurecer. Havia um certo ar defensivo em sua fala como se buscasse justificar que era normal e natural estar só, só ela, as paredes, as portas e o cimento do quintal. No fundo, era melhor assim, mais vazio. Mas ainda um resquício, um tom de saudade do pé de manga na fala de Dona Amarela me fez pensar que tinha tomado a decisão de cimentá-lo não por desgosto pelo pé, mas pelo trabalho que ele significava para ela, assim como com seu marido.

"Pois eu não tenho medo de ficar só, na minha casa não tem bicho, nem plantas nem ninguém, só tem eu, as paredes e as portas !"

De qualquer maneira, essa era a forma de Dona Amarela estar no mundo, a partir de sua história e ela mostrava isso em contraste com outra participante que falava justamente o quanto tinha medo de ficar só. Nesses momentos, eu percebia que, durante a Oficina, era possível compartilhar experiências vividas e o relato das experiências suscitava ressonância nas outras participantes, de uma forma ou de outra, cada uma reagia a seu modo e participava com sua forma peculiar de expressão.

Dona Amarela, após sua separação, tinha começado a freqüentar bailes por insistência de uma amiga sua e isso era importante para ela, parecendo ser uma maneira de recuperar algo positivo em sua vida e até chegou a convidar as outras participantes para o baile. Mais uma vez, a Oficina estreitava os laços sociais.

Já mais para o final das oficinas, algo interessante aconteceu com Dona Amarela que quase nunca comentava suas pinturas. Ela havia desenhado um céu azul e umas estrelas e começou espontaneamente a falar:

“A depressão é uma coisa verdadeira e várias vezes eu pensei se compensava viver, mas lutei e vou continuar lutando porque agora sei que a vida vale a pena e que nenhuma depressão vai me derrubar não, e que mesmo sem tomar remédio eu vou continuar a viver.”

Perguntei-lhe sobre como havia mudado tanto e ela respondeu que só tinha mudado por causa das pessoas, da ajuda dos outros. Lembro-me de que, numa sessão anterior, havia desenhado um deserto e ouro, que estava “voando pelos ares”. Numa sessão inicial, emocionou-se ao ouvir o relato de Dona Rosa sobre sua depressão e começou a chorar, sem se alongar no assunto ou compartilhar com os outros sobre si mesma. Por outro lado, nesse ponto final, a expressão era diferente pois havia uma conexão com a pintura e o mundo interno e o ouro talvez fosse o que ela havia encontrado de precioso no deserto de sua vida cimentada ou de sua depressão e as estrelas parece que iam na mesma direção desse algo positivo que havia encontrado. Penso que encontrara sua própria força e vontade de viver já que, sendo a depressão uma “coisa real”, como ela disse, caberia a ela encontrar os meios de enfrentá-la.

Por vezes, Dona Amarela não queria pensar sobre os sonhos que tinha, sonhos sobre morte, sonhos com um filho seu que morreu, dizia que sonho não tinha significado porque não “tinha pé nem cabeça” e “não quero colocar coisa na cabeça”. Parece que queria trazer o tema mas não queria se aprofundar . Em

outros momentos, Dona Amarela falou de seus medos, de solidão, da depressão e dos meios que encontrava para lidar com os problemas de sua vida.

Parecia que, mesmo tendo participado pouco, por ocasião da cirurgia, Dona Amarela aproveitou a Oficina e lamentou o fato de não ter podido participar mais.

Dona Rosa

Dona Rosa era a mais calada de todas as participantes da Oficina de Pintura. Teve uma participação bem tímida, talvez em função dos remédios que tomava, sempre aparentando estar sonolenta e tendo faltado mais vezes que todas. Ao voltar, justificava sua falta explicando-nos que tinha tomado remédios e não conseguira acordar. Dona Rosa parecia mesmo estar sob efeito de remédios mas, aos poucos, contou-nos que sofria de depressão e pânico. Trouxe sua necessidade de compreender por que tinha ficado deprimida, já que tantas outras coisas ruins tinham acontecido em sua vida há tempos atrás. Repetia que tinha depressão e que depressão era “coisa de verdade” e não “frescura” como pensava antes. O que a fez mudar de idéia foi a vez que terminou no hospital porque teve uma crise.

Compartilhou conosco sua preocupação com os remédios pois sentia que os remédios a dopavam. Disse também que se sentia sobrecarregada pelos filhos, não conseguia dizer não às pessoas, aos filhos, nem a uma mulher desconhecida que lhe pediu uma receita que ela mantinha em segredo. Sentia-se muito mal em contrariar as pessoas, tema que veio ao encontro de Dona Branca certa vez e elas compartilharam experiências semelhantes de sobrecarga em relação aos filhos e dificuldades de dizer não. Eram momentos em que eu sentia que as participantes se ajudavam entre si, escutando-se e opinando.

Dona Rosa passava os encontros pintando por longos períodos sem dizer nada, depois dizia uma frase ou outra. Entretinha-se com a pintura em si mesma e manifestava-se em direção às pessoas secundariamente. Certa vez chegou a dizer que ficar sentada era uma bênção, pois trabalhava com vendas em uma

feira e passava muito tempo em pé e gostava daquele tempo só para ela, tranqüila. Foi assim que Dona Rosa apropriou-se da Oficina de Pintura.

Ao final da Oficina, penso que Dona Rosa foi quem menos pôde expressar-se, ou pelas ausências, ou pela maneira calada de estar conosco; vem-me à mente a Virgem Maria sem rosto que ela desenhou e retomou por mais de uma vez. Sem rosto, somente com as vestes sobre os ombros e o manto na cabeça.

Capítulo 4 - A Psicologia Existencial-Humanista e a Oficina de Pintura

Tudo quanto provém do espírito é superior ao que existe na natureza.

Hegel

Considerando que esta pesquisa é, inexoravelmente, uma pesquisa-intervenção, cabe explicitar qual foi o meu olhar como alguém que, antes de mais nada, está prestando um serviço a determinadas pessoas que têm uma demanda psicológica. Para tal, vale primeiramente dizer que esse olhar é existencial-humanista e já configura determinada visão de homem que, por sua vez, delinea as características da relação de ajuda.

Com relação à visão de homem, que seria uma definição que poderíamos chamar de ontológica, existem alguns aspectos a serem explicitados. O primeiro deles diz respeito à noção de homem como um todo (Buhler, 1971), o que significa dizer que, apesar de possuir várias dimensões (comportamentos, pensamentos, emoções, movimentos, etc.) ele é um todo organizado pela dinâmica entre essas várias dimensões. Conseqüentemente, estar numa relação de ajuda implica compreender esse homem em sua dimensão afetiva, cognitiva, corporal, etc. como alguém inteiro e integrado e não meramente como um conjunto de partes independentes umas das outras. Portanto, a consideração desse ser humano, tanto no plano da intervenção como no da pesquisa, não deve perder de vista esse aspecto fundamental. Como bem sintetizou AmatuZZi(2001):

“A consideração do ser humano em termos de causa e efeito, antecedente e conseqüente, parte e todo, por mais cabível, correta ou verdadeira que possa ser, não dá conta do que seja o ser humano como totalidade em movimento”(p.12).

Entendendo, pois, que, a partir de uma postura explicativa ou analítica, perderia de vista, inevitavelmente, a noção de homem como um todo, coloquei-me, ao invés, de maneira compreensiva, aqui no sentido da compreensão empática¹⁰ preconizada por Rogers(1977), atitude em que se busca estar no lugar do outro o mais plenamente possível para poder enxergar com seus próprios parâmetros e, assim, compreendê-lo, comunicando tal compreensão.

Vale dizer que essa postura requer um desprendimento dos próprios valores e parâmetros, por parte do psicólogo-pesquisador, para que se possa abordar o outro nesses termos, o que não é tarefa fácil. Para que seja possível essa empatia, é necessário colocar o outro como alguém cujos parâmetros, idéias e sentimentos sejam legítimos e dignos de valor o que, portanto, requer uma outra atitude, estreitamente ligada a esta: a aceitação. Também preconizada por Rogers(1983), a aceitação incondicional seria, ao lado da compreensão empática e da congruência, outra atitude fundamental para criar um clima facilitador do crescimento pessoal.

Portanto, tendo por base uma postura compreensiva em relação às participantes da Oficina, sua lógica particular para entender os acontecimentos, seus medos, suas aflições, é que foi possível enxergá-las pelos parâmetros delas, sem tentar enquadrá-las, explicá-las. Não procurei explicar os dilemas, os sintomas, as emoções. Propus-me a compreender o que se manifestava, a partir daquilo que se manifestava, procurando, primeiramente, fazer jus à noção de “homem como um todo”.

Essa postura clínica coaduna fortemente com a proposta fenomenológica husserliana de suspensão dos conceitos e valores, sem a prioris, para poder retornar às

¹⁰ A noção de compreensão empática tem várias facetas, segundo Rogers(1977). Significa penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se à vontade dentro dele; significa viver temporariamente sua vida e ser capaz de transmitir a forma que se sente no mundo dele, ajudando-o a vivenciar os significados de forma mais plena, o que implica, necessariamente, “deixar de lado, neste momento, nossos próprios pontos de vista e valores, para entrar no mundo do outro sem preconceitos”(p.73)

coisas mesmas. Nesse ponto, vê-se grande afinidade entre a Abordagem Centrada na Pessoa e a Fenomenologia.

Um segundo ponto que sustenta aqui a visão ontológica desta pesquisa-intervenção é que o homem é um ser principalmente auto-determinado, o que significa dizer que ele, apesar das determinações biológicas e ambientais às quais está, inexoravelmente, exposto, tem recursos para a mudança e para a escolha (Maslow, 1951; Rogers,1961; Buhler,1971; May,1987). Esse princípio permeia toda a psicologia humanista e tem como consequência direta a impossibilidade de encontrar todas as determinações que recaem sobre alguém ou prever o comportamento, já que esse aspecto está na própria pessoa, em última análise.

Pode-se perceber aí, em contraposição ao determinismo ambiental ou psicogenético de outras vertentes na Psicologia, uma confiança na capacidade para a autonomia e uma crença de que é do próprio homem que emana a força e determinação para o desenvolvimento pessoal e a mudança. Isso acarreta, inevitavelmente, a consideração do homem enquanto particularidade e singularidade. É assim que a psicologia humanista prefere falar do *homem em pessoa* em vez de falar do *homem em geral* (Matson, 1975). É no bojo dessa mudança de paradigma ou mudança de visão ontológica, se comparada à psicanálise metapsicológica ou ao behaviorismo, que a psicologia humanista propõe a abordagem do homem tendo como foco a experiência humana, particular e única. Em outras palavras, o homem e a sua própria experiência adquirem uma posição privilegiada no que se refere ao objeto de estudo da psicologia, sendo considerados apenas secundariamente os aspectos que se encontram à margem desse eixo principal.

A psicologia humanista almeja ir direto à experiência, sem os aparatos apriorísticos das teorias e dos conceitos, preocupando-se com a unicidade e singularidade humanas. Essa forma de abordagem está atrelada aos preceitos husserlianos, que priorizam a experiência única e a compreensão do homem como aquele que dá sentido ao mundo, através das significações que atribui a ele. Estar numa relação de ajuda, numa intervenção psicológica imbuído dessa visão de homem, significa manter uma postura de valorização da experiência tal como vivenciada pelas participantes, entendendo que a realidade vivida por elas só pode ser compreendida a partir de dentro, ou seja, dos significados que elas próprias atribuem ao que lhes acontece.

Esse mergulho na experiência, tal como se apresenta, permeia a Oficina desde o primeiro encontro, mas parece que, no primeiro, ela mostrou-se mais evidente. A narrativa *Abertura ao desconhecido* remete justamente ao abandono de um saber a priori em prol de uma vivência ainda desconhecida por minha parte e por parte da paciente. Priorizar a experiência, necessariamente, desloca o centro das atenções para o que é vivido e remete a uma insegurança inerente ao próprio fato de “não saber ao certo o que vai ser”. Da mesma maneira, além dessa abertura na forma de estar ali, simplesmente disponível para acolher o que quer que se manifestasse, ainda que desconhecido, a valorização do vivido também se mostrou na atitude de legitimar os sentidos que aquelas mulheres davam às suas experiências, entendendo que a aceitação desses sentidos diversos fazia jus à noção do homem como auto-determinado e, portanto, sempre único e singular. Nesse sentido, era legítimo que os problemas de Dona Vermelha podiam se relacionar a espíritos, assim como era legítimo que Dna Amarela pensasse que não valia a pena viver ou Dona Branca sentisse grande

dificuldade em colocar seus limites, escolhendo acolher as decisões dos outros sobre sua vida.

Partindo, principalmente, do pressuposto da auto-determinação, a Oficina de Pintura configurou-se como uma modalidade de atenção psicológica em que cada participante esteve livre para dela se apropriar, com seus dilemas próprios, seus medos, suas características mais marcantes, manifestando-se conforme desejasse, com o tema que desejasse, com as cores e formas que desejasse. Assim, criou-se um clima de liberdade, a partir da crença na própria liberdade e autonomia humana para conduzir-se a si mesmo, segundo seus parâmetros próprios. Sendo assim, não cabia explicar o que eram os sonhos, o que era depressão para as participantes da Oficina, assim como não cabia enfatizar os problemas que as tinham mobilizado até o serviço ou dar significados às suas pinturas. O importante era que elas se manifestassem com o que surgisse delas próprias e os significados iriam surgindo sem que eu tivesse que estar à frente desse processo conduzindo os temas e as movimentações. O momento era de exploração livre, e o que valia eram suas próprias experiências, a maneira de elas próprias significarem os sonhos, a depressão, as alegrias, os pesares.

A premissa básica dessa atitude, nesse sentido, corrobora o que foi muito bem discutido por Rogers(1978) em seu capítulo *A política das profissões de ajuda*, dizendo que o grande impacto de sua teoria sobre os profissionais foi a idéia central de que o poder estaria nas mãos dos clientes e não nas mãos daquele que se dispõe a ajudar, entendendo que as pessoas são capazes de conduzir as próprias vidas, numa concepção eminentemente humanista. Rogers(1978) já reverte, com essas colocações, a lógica da relação terapeuta-

paciente tal como concebida pelas outras vertentes existentes, em que o psicólogo se dispunha como alguém que, na relação, é mais capaz de saber “qual é o problema” e ajudar o paciente indicando direções a serem tomadas e problemas a serem resolvidos.

Nesse sentido, a mudança terapêutica ocorreria sob condução da própria pessoa, que tem o poder para tal. Seguindo a lógica rogeriana, o papel do psicólogo é diferente. O psicólogo não é um “expert” que trata e resolve os problemas do paciente, pelo contrário, o psicólogo é alguém que simplesmente facilita e dá condições para que o paciente se conheça e se auto-determine, sendo novamente capaz de cuidar dos próprios problemas e, cuidando de si, retome o poder sobre a própria vida. Na Oficina de Pintura, eu não estava ali para resolver ou decidir sobre os problemas de solidão, depressão, saudade, tristeza, pesares, medo, ou o que quer que se manifestasse nos encontros. Em vez disso, estava ali disponível para auxiliá-las a cuidarem de si mesmas, facilitando o encontro consigo mesmas, ou melhor dizendo, facilitando a retomada de si mesmas por elas mesmas, por meio dos recursos expressivos e de uma escuta atenta e interessada, valorizando suas experiências. Ao mencionar a valorização de suas experiências, refiro-me, acima de tudo, a uma atitude transparente, aceitadora e empática, conforme sugerida por Rogers(1983).

Um terceiro ponto que caracteriza a visão de homem desta pesquisa é a intencionalidade, já apontada como característica importante da psicologia existencial-humanista segundo Buhler(1971). Esse conceito foi cunhado na fenomenologia de Husserl e refere-se a uma característica inerente à consciência humana, que é a de ligar-se aos objetos, numa movimentação constante na direção destes. Em outras palavras, sempre tenho consciência de algo, de forma

que a consciência não é um lugar ou um episódio que se dá num vazio; ela está sempre, inexoravelmente, movimentando-se em direção a algo fora dela. Consciência é sempre consciência de algo e algo é sempre algo para uma consciência, sujeito e objeto sendo, portanto, inseparáveis e co-originários.

May(1973) aproximou o conceito de intencionalidade da prática psicológica clínica e há um ponto específico das idéias de May(1973) que considero importante ressaltar sobre a intencionalidade pois lança uma luz sobre a visão de homem no contexto específico da Oficina de Pintura: a intencionalidade como significação-ação.

May(1973) afirma que a intencionalidade não é meramente a formação do mundo pela atribuição de significados que a consciência dá ao mundo, mas é também uma tendência,¹¹ um movimento em direção a alguma coisa, uma ação. A intencionalidade não é apenas um pensamento ou resultado de um funcionamento mental de atribuir significado a algo, mas é também uma ação, é o ser humano intencionando fazer alguma coisa: "Cada ato consciente tende a alguma coisa, é um voltar da pessoa em direção a algo e contém, embora apenas latente, um impulso orientado para uma ação" (p.256).

A partir disso, a ação humana ganha um sentido diferente daquele em que é uma dimensão do ser, ao lado do pensar e do sentir, por exemplo. A ação humana revela a intencionalidade da consciência, é essa própria intencionalidade. Ora, se a ação revela a tendência da consciência, posso pensar que toda ação humana é reveladora de algo especificamente intencional de determinada consciência. Em outras palavras, a significação-ação próprias da intencionalidade fazem que o próprio atribuir significado seja revelador da tendência da

¹¹ Cabe aqui ressaltar que a própria palavra tendência e intencionalidade têm um mesmo radical, que denota "movimento em direção a"

consciência em relação ao objeto significado, o que amplia a revelação de sua forma peculiar de ser.

Ao considerar também a ação, o fazer como um processo inerente à própria intencionalidade e à própria atribuição de significados à realidade, podemos afirmar que uma maior compreensão do ser humano, em sua totalidade, envolve também compreendê-lo no contexto de seu agir. Agir, aqui, não no sentido do meramente manifesto, comportamental, mas no sentido de criação, um fazer que supõe intencionalidade e, além dela, no caso da Oficina de Pintura, uma materialidade.

Chamo a atenção especialmente para esse aspecto porque a Oficina de Pintura proposta neste trabalho envolve, necessariamente, um fazer. Pode-se pensar que esse fazer/criar está imbuído da intencionalidade do sujeito, de sua forma mais total de se relacionar com o mundo. Na Oficina de Pintura é dada a oportunidade para expressão dessa dimensão da intencionalidade humana. Ao voltar sua consciência para uma folha de papel, uma folha em branco ou pincéis, dá-se a oportunidade de significação, construção daquilo que se quer construir, de acordo com pensamentos, emoções, expectativas, desejos, etc. O fazer impulsiona ou ao menos incita essa possibilidade de significação a partir da materialidade da pintura e, nesse fazer, a pessoa revela-se, descobre-se e constrói-se, na dialética inerente à própria intencionalidade. O fazer da Oficina deve ser entendido como sendo dessa natureza, o de uma consciência-ação.

Cabe lembrar aqui as palavras de Sartre(1946/1978) dizendo que o homem, enquanto sonho, pensamento, expectativa, desejo, é apenas um homem “malgrado”, estando a plenitude e a verdade de sua existência apenas naquilo que se transforma em ato. O que o define não são essas possibilidades, mas

somente as possibilidades que se transformaram em ações por força da vontade. O fazer seria, pois, parte essencial da existência humana. Em outro momento, quando publica *Questão de método*, Sartre(1957,1978) menciona que é no movimento constante de objetivação da subjetividade e subjetivação da objetividade que se pode compreender a criatividade humana sempre em movimento de superação de si. Com suas próprias palavras:

“O que quer dizer ao mesmo tempo que o vivido enquanto tal encontra seu lugar no resultado e que o sentido projetado da ação aparece na realidade do mundo para assumir sua verdade no processo de totalização. Apenas o projeto, como mediação entre dois momentos da objetividade, pode dar conta da história, isto é, da criatividade humana.” (p155)

Nesse sentido, a Oficina de Pintura contempla a dimensão do homem significação-ação, legitimada por meio da possibilidade expressiva com os materiais de pintura. A consideração desse homem significação-ação aproxima-se daquilo que Amatuzzi(2001) denominou de *vivido pleno*, traduzido pelas palavras compostas sentimento-pensamento-ação, experiência-percepção-comunicação, vivido-simbolizado-manifesto. Claro que a ação, comunicação, manifestação não precisariam, necessariamente ou exclusivamente, acontecer pelos meios materiais de pintura, sendo esta sua específica possibilidade, mas não a única.

Cabe salientar que, tomando a intencionalidade como pressuposto ontológico, tudo na Oficina passa a ser digno de valor, na medida em que as palavras, o silêncio, as experimentações com os materiais, as pinturas revelavam, de uma forma ou de outra, significação-ação. De todas essas maneiras era possível descobrir significados e construir outros novos, se tomamos por base que a própria intencionalidade, sendo significação-ação, implica criatividade e construção, quer ela se dê por meio de palavras, de um gesto ou de um quadro.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, muitas vezes que os significados modificam-se, acontece que as ações também o fazem. Se Dona Branca nos diz que mudou de atitude, desenha uma nova árvore com frutos e diz que é ela própria mudando, conversa claramente com sua filha e seu genro sobre algo que a incomoda, atitude demasiado ameaçadora para ela anteriormente, podemos ver uma mudança na ação, impulsionada pela mudança dos significados atribuídos à situação vivida. Da mesma forma, se Dona Vermelha relata sobre seu medo de doenças, solidão e morte e dá a essa situação um significado de poder “ficar sem chão”, é compreensível que sua ação se oriente na mesma direção, resultando na pintura das flores arrancadas do chão.

Tomando por base esse mesmo exemplo, entendendo que a significação e a ação caminham no mesmo sentido, vale a pena recorrer ao conceito de congruência, como diria Rogers(1983), entre o falar, o sentir e o agir da pessoa, corroborando a apreensão da intencionalidade da consciência como significação-ação.

Outro ponto comum entre os autores da psicologia existencial-humanista e que complementa a visão ontológica aqui proposta diz respeito à consideração do homem como alguém que luta para se auto-desenvolver, sendo esta uma força inerente ao próprio homem. Isso é apontado por vários autores da Psicologia Existencial-Humanista (Maslow,1954; Rogers, 1961; Bugental,1963; Buhler,1975; May(1973)) e acrescenta um novo aspecto à questão da responsabilidade de escolha anunciada pelos existencialistas: o homem não é somente responsável por aquilo que faz mas tem dentro de si o impulso inerente para fazer.

Valeria associar a esse princípio da Psicologia Existencial-Humanista alguns pontos de mudança nas participantes da Oficina de Pintura. Citarei apenas

alguns trechos para ilustrar esse princípio. Dona Branca, depois de um tempo, sentiu que estava fazendo mal a si mesma e resolveu mudar de postura em relação aos filhos; Dona Preta saiu daquela profunda escuridão em que estava quando chegou à oficina e foi se reerguendo apesar dos impedimentos ocasionados por seu acidente; Dona Vermelha estava buscando lidar com sua solidão, com seu medo de doenças, buscando compreender e lidar com a morte; Dona Rosa queria compreender seu pânico e sua depressão, buscando ligações de seus sintomas com outros aspectos de sua vida; Dona Amarela buscava retomar sua vida, depois da perda do filho e da separação e queria forças para enfrentar seu medo de dirigir; defendia-se das relações “criando um muro” para não se machucar e encontrou uma forma de lutar contra sua depressão sem tomar remédios. Todos esses movimentos ficaram evidentes na Oficina, corroborando o princípio humanista de que o homem luta para se auto-desenvolver e tem autonomia para tal.

Alargando ainda mais essa característica do homem que luta para se auto-desenvolver, recorro a Maslow(1954), pois ele amplia a noção de auto-realização e desenvolvimento na Psicologia Existencial-Humanista, especificando como isso acontece. Ao fazer esse caminho, detém-se em um ponto que me parece bastante relevante: a criatividade.

Maslow(1954) relaciona a criatividade à saúde humana. Ao pesquisar pessoas que conseguiram um alto grau de auto-realização, verifica que elas são especialmente inventivas e criativas. Ele não está falando daquele talento criativo específico de um artista, mas fala de um impulso criativo comum a todos os seres humanos. Deve-se entender, também, que a criatividade pode se expressar além daquelas atividades específicas de artistas como escrever poesia ou pintar um

quadro. Essa criatividade das pessoas saudáveis é um atributo que permeia qualquer atividade em que a pessoa se engaje.

Em outra obra anterior, Maslow(1951) já havia se aproximado da criatividade. Um aspecto particularmente importante no desenvolvimento do tema é que a criatividade não se relaciona a outras variáveis como o caráter ou a saúde da pessoa, no caso do talento especial genial; assim, não se pode dizer nada sobre a saúde psicológica de alguém que tem um gênio especial em alguma arte. Por outro lado, fica claro que ele dá maior atenção especificamente àquela espécie mais generalizada de criatividade que é herança de qualquer ser humano e que faz parte do processo de individuação. Ele diz que a criatividade não pode ser pensada em termos de produtos e nem se pode supor que qualquer pintor ou qualquer artista sejam os únicos que podem estar levando uma vida criadora. A criatividade estende-se por qualquer atividade.

Sendo assim, ele conclui que vários fazeres podem ser criativos e vários produtos podem ser criativos, mas para essa classificação é necessário ver cada caso, suspendendo aqueles conceitos já estereotipados sobre a criatividade.

Pensando na criatividade nesses termos e colocando de lado o talento para o pintar, saindo do estereótipo do belo ou do artístico, tem-se que a criatividade não se atrelou ao produto criativo exclusivamente e necessariamente na Oficina de Pintura, mas poderia estar presente igualmente na forma, por exemplo, de criar-se a si mesmo, numa atualização dos próprios potenciais, como diria Maslow(1954). Modificar alguma atitude, alguma idéia ou sentimento sobre algo, resultando em algo diferente do passado, diferente do que costumava ser, implicaria criatividade.

Citarei alguns episódios nas Oficinas que corroboram essa noção. Dona Preta parou de chorar e se lamentar pelo sofrimento do acidente e buscou encontrar uma nova forma de viver, mesmo com o olfato prejudicado, mesmo com os problemas de memória e sem o emprego que tinha. Dona Branca ousou dizer não, entendendo que estava fazendo algo por si mesma, mesmo se tivesse que desagradar aos outros. Dona Amarela resolveu que podia continuar vivendo, apesar da depressão, porque valia a pena viver. Existe aí a criatividade, no sentido de sentir e fazer diferente, aproximando esses episódios daquilo que Maslow(1951) denominou de criatividade individuacionante. Nesse sentido, não haveria uma criatividade a priori, uma possibilidade de julgamento de algo criativo em si mesmo. O parâmetro para dizer se algo foi criativo deve ser o próprio indivíduo, na mesmice ou na superação do seu próprio ser, sempre tendendo a se atualizar.

Para entendermos o que Maslow(1954) denomina individuacionante é necessário esclarecer que ele estabelece uma hierarquia de necessidades básicas e instintóides a serem satisfeitas por qualquer pessoa que esteja empenhada no sentido da individuação. Ele estabelece uma pirâmide dessas necessidades, considerando existir uma hierarquia em termos de urgência da satisfação. A pessoa individuacionante é aquela que consegue satisfazer as necessidades básicas inferiores como alimentação, segurança, pertença e encontra-se meta-motivada, ou seja, motivada em relação ao seu desígnio vital, às necessidades superiores, ou seja, ao desenvolvimento de suas capacidades intrínsecas e pessoais. São pessoas abertas à experiência e são criativas. A criatividade, portanto, é uma necessidade instintóide, segundo Maslow, e é uma necessidade de tipo superior. É interessante pensar que tais pessoas não se

mostram assustadas com o desconhecido, com o misterioso, tendo desenvoltura suficiente para lidar com isso. Como conseqüência, a pessoa consegue lidar melhor com as dúvidas e as incertezas da vida, vacilando menos nas escolhas. Em outras palavras, porque essas pessoas conseguiram um tal grau de individuação, conseguiram unir aspectos contraditórios, instinto e razão, cognição e volição, etc. e conseguiram desenvolver a criatividade e, nessa mesma medida, conseguem lidar melhor com as vicissitudes da existência.

Podemos dizer que essas pessoas, ao assumirem a existência tal como ela é, sem desejar mudar o que está do lado de fora, assumindo o próprio risco e desafio da vida tornam-se mais humanas, mais plenas, no sentido do auto-desenvolvimento mesmo. Vale lembrar que, em seu texto *O existencialismo é um humanismo*, Sartre(1946/1978) apregoa que o ser humano é tanto mais autêntico e mais humano quando não fugir das vicissitudes da existência, e puder assumir o seu próprio destino em meio às incertezas, às limitações, às conseqüências de suas próprias escolhas. O existencialismo é um humanismo, pois se entende que a vida do homem está em suas próprias mãos e não existe nenhuma natureza humana a priori, tudo o que existe é o que o homem faz de si mesmo. Nesse sentido , vejo o humanismo e o existencialismo como complementares. Se Sartre(1946/1978) defende o fazer-se a si mesmo como uma responsabilidade inerente à própria existência humana, Maslow(1951) explica como esse homem faz a si mesmo e se desenvolve, tangenciando a questão da criatividade.

Pois bem, trazendo essas idéias para a Oficina de Pintura, entendo que, se tomarmos por base o processo de individuação ou auto-realização preconizado por Maslow(1951), a Oficina propiciou encontros significativos, em momentos de ruptura, dificuldades ou dúvidas nesse processo. Ainda que, talvez, não

possamos considerar as participantes da Oficina como mulheres guiadas por necessidades de tipo superior(meta-motivação), que implicaria um alto grau de criatividade, em algum nível essa criatividade fez-se presente e permeou o processo de desenvolvimento pessoal das participantes. Sem dúvida, todas as participantes estavam buscando respostas e buscando crescer. A Oficina era um atendimento aberto, sem julgamentos ou avaliações que pretendia acolher a manifestação livre do que quer que fosse e as pessoas ali se apropriaram do atendimento em benefício de seu próprio crescimento. A Oficina foi uma possibilidade de estimular a criatividade e tornar as pessoas mais familiarizadas com a liberdade, o novo e o desconhecido, facilitando uma maior abertura para enxergarem a si mesmas e reverem-se, favorecendo o crescimento e o auto-desenvolvimento. Ao mesmo tempo, encontraram ali um clima favorável ao compartilhamento livre de suas experiências, podendo recriar a si mesmas e repensar suas escolhas, aceitando o risco e o desafio da vida, conforme preconiza Sartre(1946/1978).

Penso que esse aspecto fica mais evidente em alguns episódios: quando Dona Branca escolhe mudar de atitude, tomando as rédeas de sua própria vontade e decidindo não cuidar da neta; quando Dona Preta diz à Dona Branca que elas fizeram errado ao tomarem para si a responsabilidade dos filhos, dando-se conta de que também tinham responsabilidade pela escolha de agir com os filhos daquela forma super-protetora e que haviam contribuído para as atitudes inconstantes dos mesmos que tanto as incomodavam; quando Dona Amarela evidencia, de forma mais pungente, tanto a força para a individuação e o auto-desenvolvimento como a escolha pela vida, na narrativa *Os redemoinhos da despedida*:

“A depressão é uma coisa verdadeira e várias vezes eu pensei se compensava viver, mas lutei e vou continuar lutando porque agora sei que a vida vale a pena e que nenhuma depressão vai me derrubar não, e que mesmo sem tomar remédio eu vou continuar a viver.”

Nesses episódios, podemos dizer que houve criatividade, a criatividade individuacionante, que impulsionou as mulheres a novas atitudes em relação a si mesmas e ao mundo. Essa criatividade, por sua vez, evidenciou novas escolhas, mais cientes e responsáveis, assumindo o próprio destino em meio às incertezas.

Continuando a caminhada com Maslow(1951), vale dizer que ele define a criatividade como sendo construtiva, unificadora e integradora, o que abre uma brecha para o entendimento de que um estímulo à criatividade em si mesma pode resgatar algo do sujeito, tornando-o mais integrado e, portanto, mais auto-realizado. Ele aponta, discordando de Freud, que nossos processos primários não são tão perigosos quanto os impulsos proibidos e não são reprimidos ou censurados, mas esquecidos ou então abandonados pelo fato de “termos que nos ajustar a uma dura realidade que exige esforço e luta pragmática e deliberada , em vez de divagação, poesia, jogo”(p175). Em relação a isso ele afirma que a educação com arte pode fazer muito no sentido da aceitação e integração dos processos primários à vida consciente, resgatando o que foi abandonado ou esquecido.

Essa frase associa-se estreitamente às idéias do filósofo Schiller(1995/1795), afirmando que o homem só é pleno quando joga, unindo as dimensões de sua sensibilidade e razão.

Vale assinalar que também Buhler(1975) considera a criatividade como uma tendência básica da vida e acredita que ela é um conceito central da Psicologia Humanista. Nesse sentido, a Psicologia Humanista contrapõe-se frontalmente às vertentes que preconizam o impulso homeostático de redução da tensão como uma tendência básica e primordial. O homem não quer estar livre de tensões, não necessariamente, e muitas vezes busca os desafios para se auto-desenvolver. Ao contrário de querer um relaxamento, a criatividade impulsiona a pessoa a encontrar entusiasmo para resolver problemas ao mesmo tempo em que é a prova mais óbvia de que o ser humano é um sistema aberto com certa liberdade de operação e potencial para mudança.

Além disso, Buhler(1975), no mesmo sentido de Maslow(1951), entende a criatividade de uma forma ampla, definindo-a não somente como aquele dom do artista , mas enfatizando a criatividade como a “condição imaginativa da vida cotidiana”(p53), podendo-se estender a várias atividades. Além disso, em sua experiência como psicoterapeuta, ela afirma que as pessoas que se esforçavam por realizar alguma atividade criadora sentiam-se melhores consigo próprias e com a vida, mesmo que seus problemas continuassem por resolver. Sua explicação para isso é que a atividade criadora é experimentada pela pessoa como auto-expressão que liberta os sentimentos e resulta num produto que pode ser compartilhado coletivamente. Vale lembrar o episódio em que Dona Branca pensou em faltar da oficina e logo em seguida disse a si mesma: “Não, lá eu me sinto bem, a gente vai falando a vai fazendo e vai ficando melhor, eu tenho que ir, sim”.

Além de Maslow(1951;1954), May(1973;1975) estudou com detalhes a questão da criatividade. Para fins deste trabalho, cabe ressaltar o que ele entende

por criatividade e, principalmente, as associações possíveis com as concepções husserlianas.

Em primeiro lugar, May(1975) é enfaticamente contra teorias, especialmente as psicanalíticas, que reduzem a compreensão da criatividade a um outro processo, geralmente um processo de distúrbio psicológico. Em sua concepção, essas teorias, além de restritivas, passam ao largo do âmago da experiência criativa, pois esta deve ser associada ao mais alto grau de saúde emocional, como expressão das pessoas normais no ato de atingir a própria realidade.

May(1975) afirma que a criatividade é poder encontrar a realidade da experiência e aquele que cria, portanto, está encontrando a si mesmo quando engajado na atividade criativa. Esse aspecto enfatizado por May(1975) nos remete a Janie Rhyne(2000), arte-terapeuta gestáltica norte-americana que afirma que a atividade criadora é uma forma de mandar mensagens a si mesmo.

Interessante perceber como se dá essa questão de “mandar mensagens a si mesmo” e encontrar a própria realidade pelas pinturas da Oficina. Lembremos dos episódios já citados. Primeiramente, Dona Preta me faz lembrar de uma de suas primeiras pinturas, aquele rio azul todo fragmentado, fracionado, cuja apreciação do neto diagnosticou “Vó, a senhora tá ruim da cabeça”. Esse mesmo quadro foi retomado no ano seguinte na Oficina e foi alterado, ficando mais uniforme, menos agitado. Dona Preta pôde relacionar seus estados emocionais e sua recuperação às diferenças dos quadros. Em segundo lugar, lembremos da pintura das flores arrancadas do chão, em que Dona Vermelha sentia-se com medo da morte, medo de doenças. Depois, vimos Dona Amarela pintando um muro ao falar que preferia sua vida sem muitas plantas, só portas, paredes e

cimento; vimos também a mesma Dona Amarela, em um dos últimos encontros, desenhando um deserto sob um céu estrelado, integrando sua solidão (representada pelo deserto, a meu ver) à descoberta de que havia vida para viver (representada pelas estrelas). Alguns desses significados foram revelados pelas próprias integrantes ao pintarem, ao refletirem sobre o que haviam feito. Outros talvez não tenham sido explorados e outros, ainda, tenham sido desvelados pelas colegas, como quando Dona Vermelha disse à Dona Branca que gostaria de estar naquela piscina e naquela casinha pequena, ao que Dona Branca concordou prontamente.

Esses significados emergiram e traziam mensagens sobre cada uma das participantes a respeito delas mesmas, sendo oportunidades de encontrar a realidade própria vivenciada por cada uma delas. Cabe salientar, no entanto, que a emergência desses significados torna-se mais nítida – e palpável, eu diria – porque houve uma materialização que permitiu que eles tomassem forma, sendo essa uma possibilidade própria da Oficina de Pintura. As modalidades verbais não permitiriam tal criação e, portanto, tal significação. Nesse sentido, pode-se dizer que esse encontro consigo é facilitado pela materialidade presente na Oficina.

Vamos explorar um pouco mais essa questão do produto feito, concreto, da criatividade em ato. Segundo May(1975), existem algumas características que se aplicam a todos os homens no momento de criar. A primeira delas diz respeito ao encontro do criador com um objeto que seria um desencadeador, digamos. Um pintor pode encontrar uma árvore e ficar absorvido por ela ou então encontrar uma idéia, uma imagem interior. Esse encontro é o primeiro passo do criar, mas não é suficiente. É necessário o encontro com os materiais que vão servir de veículo, de meio para a criação propriamente dita, apontando para um fazer, uma

ação, denotando um engajamento com a realidade. Sendo assim, na visão de May(1975), a criatividade só existe no ato.

Nesse ponto, ele se aproxima daquela idéia de intencionalidade como significação-ação. A pessoa encontra a si mesma e ao mundo, atribui significações e age, por isso é necessário um fazer efetivo. Ele também afirma que aquele que cria, ao criar, sente regozijo, ou seja, uma emoção que acompanha o mais alto grau de consciência, no estado de espírito que nasce da experiência de realizar as próprias potencialidades.

Essa idéia aproxima May(1975) de Maslow(1951;1954), pois ambos associam criatividade à realização das próprias potencialidades e à saúde. Existiria também uma alteração da percepção em termos de intensidade e essa intensidade, na visão de May(1975), não está só relacionada ao aspecto dionisíaco da criatividade, mas aos aspectos dionisíaco e apolíneo, ou seja, razão e emoção, dois pólos que operam integrados na criatividade, unindo a paixão à ordem. Mais uma vez aqui, fica ressaltada a idéia de que a pessoa como um todo está engajada no processo criativo e não apenas uma parte dela e que a criatividade tem um aspecto integrativo importante. Pela intensidade, existe um ex-stasis, um "ficar fora de", pela integração de dois pólos aparentemente contraditórios como razão e emoção, superando a dicotomia. Há transcendência. Ele acrescenta, inclusive, que a razão funciona melhor quando a emoção está presente e vice-versa, porque isso implica totalidade da experiência. Esse aspecto transcendental da experiência criativa foi também constatado em trabalho anterior da autora investigando a vivência da arte entre artistas (Bilbao,2006).

Em suma, esses autores humanistas sugerem uma estreita relação da criatividade com o homem saudável, auto-realizador, integrado em seu mundo e

consigo mesmo. Além desses, ressalto outro psicólogo humanista que se aproxima da criatividade: Carl Rogers.

Em um colóquio realizado em 1952 na Universidade do Estado de Ohio, Rogers proferiu suas idéias sobre a criatividade e sobre os elementos que a desenvolvem. Em primeiro lugar, ele ressalta que existe uma necessidade social na base de seu interesse pela criatividade. Afirma que nossa sociedade necessita de pessoas criativas para não sucumbir e, por esse motivo, torna-se importante saber a natureza da criatividade e as condições de seu desenvolvimento. A escassez de criatividade tem levado a uma educação conformista, a um lazer passivo e a uma ciência estéril, sem esforço criador. Ao apontar esse aspecto, Rogers passa a questão da criatividade para o âmbito do bem-estar social e acredita que somente as pessoas capazes de imaginar, construir e rever de forma criadora as mutações do mundo são capazes de sobreviver

Ele define o processo criativo como tendo algumas características. Em primeiro lugar, deve haver qualquer coisa de observável, qualquer coisa produzida pela criação. Nesse sentido, suas idéias estão de acordo com as idéias de May(1975) sobre a necessidade do encontro. Outro aspecto importante é que a criatividade não está restrita ao âmbito de determinados produtos, pois existe criatividade tanto em pintar um quadro quanto em descobrir novos instrumentos de matar. Afirma, também, que a criatividade parece ter a mesma causa que impele o indivíduo à mudança terapêutica: a tendência para auto-realização, para vir a ser as suas potencialidades. Esta criatividade é, portanto, uma tendência inerente ao indivíduo. Ele diz: "É esta tendência a motivação primária da criatividade quando o organismo forma novas relações com o ambiente num esforço para ser mais plenamente ele próprio"(p407). Com relação a isso, a artista

plástica Fayga Ostrower(1987) relaciona essa forma humana de ser à questão da criatividade, afinando-se, mais uma vez, com as idéias dos psicólogos humanistas:

“Nessa busca de ordenações e significados reside a profunda motivação humana de criar. Impelido, como ser consciente, a compreender a vida, o homem é impelido a formar. Ele precisa orientar-se, ordenando os fenômenos e avaliando o sentido das formas ordenadas; precisa comunicar-se com outros seres humanos, novamente através de formas ordenadas. Trata-se, pois, de possibilidades, potencialidades do homem que se convertem em necessidades existenciais. O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer enquanto ser humano, coerentemente, ordenado, dando forma, criando”(p10)

Essas idéias fazem-nos pensar que a criação está assentada em aspectos existenciais e não é algo desvinculado do desenvolvimento humano ou meramente presente no caso dos grandes artistas. Retirar a criatividade do existir humano é retirar parte do próprio existir e, como consequência, resgatar a criatividade deixa de ser meramente uma atitude inovadora e interessante na prática psicológica mas passa a ser fator fundamental para caminharmos na direção da inteireza humana. A anulação ou negação da criatividade passam a ser vistas como perniciosas pois, ao diminuírem o ser humano, distanciam-no do sentido mais pleno de sua realização pessoal.

Assim como May(1973) e Maslow(1951), Rogers(1961/1999) coloca a criatividade como caminhando concomitantemente com o processo de desenvolvimento do indivíduo. Para ele, a criatividade pode-se desenvolver segundo determinadas condições interiores do indivíduo, a saber:

1) Abertura à experiência: quando cada estímulo é livremente transmitido pelo sistema nervoso sem ser distorcido por qualquer processo de defesa. O indivíduo é capaz de captar a realidade sem precisar de categorias pré-determinadas e está

aberto ao momento existencial tal como ele é. Esta abertura à experiência implica uma flexibilidade e permeabilidade maior nos conceitos, opiniões, percepções; implica tolerância à ambigüidade e contradição. Segundo Rogers(1961/1999), em toda criatividade há uma abertura da consciência àquilo que existe no momento e quanto mais o indivíduo estiver aberto aos estímulos, quer sejam provenientes do ambiente, quer sejam provenientes dele mesmo, mais será capaz de desenvolver sua criatividade em uma direção construtiva e não destrutiva.

2) Um centro interior de avaliação: O julgamento daquilo que ele produz é estabelecido a partir do próprio criador. A pessoa sente o seu "eu em ação " e isso é a realização das suas potencialidades que emergem agora na existência, trazendo satisfação.

3) Capacidade para lidar com elementos e conceitos, podendo brincar espontaneamente com as idéias, cores, relações, formas, não se importando com o que pareça impossível, inverossímil, problemático, improvável ou ridículo. Ele afirma: "É a partir desse jogo espontâneo e dessa exploração que brota a centelha, a visão criativa da vida, nova e significativa." (p412)

Essa frase sugere que, a partir do movimento criativo, o homem transforma-se a si mesmo e passa a ver as coisas de uma forma diferente, podendo, inclusive, descobrir coisas que antes não sabia e que estão emergindo ali naquele momento. Isso pode ser descrito como aquela sensação de Eureka, aquele sentimento de "é isso mesmo!" , próximo ao que May(1975) preconizou como o encontro consigo mesmo que existe no ato criador, como se ali o indivíduo encontrasse sua realidade

Se pensamos em um indivíduo dotado de potenciais para se desenvolver, sendo esse desenvolvimento não só desejável mas também necessário para o

seu bem-estar e vemos no ato criador possibilidades de expandir a consciência de si e dos outros, possibilidade de integração, achando formas novas de encontrar a própria realidade, num ambiente acolhedor e de liberdade, cabe a nós, psicólogos, repensarmos nossas tradições e introduzirmos esses elementos em nossas práticas e estudarmos o que ali acontece.

Cabe, portanto, ampliarmos a compreensão no que tange à utilização concreta dessa criatividade como meio para atingir integração e bem-estar, já que propusemos uma modalidade de atenção à saúde psicológica que se utiliza da criatividade.

A relação predominantemente apontada pelos psicólogos humanistas seria “quanto mais saúde e integração, mais criatividade”. No entanto, conforme May(1975) e Maslow(1954) sugeriram, existiria um poder integrador inerente à criatividade levando-nos a pensar que a própria atividade criativa poderia, ao menos potencialmente, levar a pessoa a uma maior integração de si, já que, pelo ato criativo, ela dá significados e pode entrar em contato com eles por meio de uma materialidade existente e tudo isso diz respeito a ela própria como pessoa. Com base no vivido na Oficina de Pintura, acredito que as atividades favoreceram encontros das pessoas consigo mesmas e com seus mundos, acabando por ampliar as possibilidades de integração e consciência.

Quando Dona Amarela desenha um deserto sob estrelas e diz que vale a pena viver apesar da depressão, está integrando novo aspecto de si mesma em sua vida, reconhecendo sua tristeza mas também sua força; quando Dona Vermelha desenha as borboletas e diz que aquelas borboletas do sonho eram um aviso de morte de sua mãe, está explorando coisas já acontecidas, buscando compreendê-las melhor e integrar a morte à sua vida; quando Dona Preta

reconhece que seu desenho do Rio Azul mudou em termos de qualidade e integração e faz um paralelo disso com seu maior bem-estar no decorrer da Oficina, está também, por meio da atividade criativa, dando luz a aspectos pessoais e integrando o presente ao passado em sua história de vida.

Retomo, ainda, as palavras de May(1973) apontando que a intencionalidade integra o homem ao seu mundo, revelando a relação dialética (eu diria, intencional) entre o homem e o seu mundo. *Seu mundo* aqui implica a própria intencionalidade, na medida em que cada mundo é um mundo particular, um mundo daquele que o cria, segundo a atribuição de seus significados. As idéias da artista plástica Fayga Ostrower(1987) a respeito da criação remetem a essa forma inerentemente humana de relacionar-se e estar no mundo:

“As formas de percepção não são gratuitas nem os relacionamentos se estabelecem ao acaso. Ainda que talvez a lógica de seu desdobramento nos escape, sentimos perfeitamente que há um nexos. Sentimos, também, que de certo modo somos nós o ponto focal de referência, pois ao relacionarmos os fenômenos nós os ligamos entre si e os vinculamos a nós mesmos. Sem nos darmos conta, nós os orientamos de acordo com expectativas, desejos, medos, e sobretudo de acordo com uma atitude do nosso ser mais íntimo, uma ordenação interior. Em cada ato nosso, no exercê-lo, no compreendê-lo e no compreender-nos dentro dele, transparece a projeção de nossa ordem interior. Constitui uma maneira específica de focalizar e interpretar os fenômenos, sempre em busca de significados” (p9)

O mundo é um conjunto organizado das relações significativas em que a pessoa existe; não existe homem apartado do mundo e nem mundo apartado do homem. Novamente, aqui, a superação da dicotomia sujeito-objeto e aquilo que se revela no ato criativo é o encontro do homem criador com seu mundo, tal como é visto através do seu próprio olhar. Essa idéia está em pleno acordo com a concepção de Husserl(1935/1996) segundo a qual o mundo não existiria sem o homem que o habita e dá a ele significados.

As participantes da Oficina de Pintura, à medida que conversavam, pintavam, compartilhavam suas preocupações, iam desdobrando significados, repensando sua maneira de sentir e agir, revelando para si mesmas o seu mundo.

Nesse sentido, seria contra-senso se eu me propusesse a explicar os significados dos sonhos, dos problemas, dos acontecimentos para aquelas mulheres, como algo descolado da experiência delas próprias, significados abstratos e vazios, provenientes dos meus próprios parâmetros, idéias, conceitos. Essa posição não só se contrapõe à postura humanista de aceitação e empatia mas também se contrapõe aos pressupostos fenomenológicos husserlianos. Eu não poderia ocupar esse lugar simplesmente porque não poderia saber os significados a priori, defendendo alguma verdade, se estou disposta a ocupar-me da experiência de cada uma delas e seus significados próprios. Nesse sentido, a postura husserliana de apreensão dos fenômenos tal como se mostram sem conceitos e a priori é, essencialmente, uma postura Centrada na Pessoa ou, inversamente, a postura empática e aceitadora Centrada na Pessoa que pressupõe apoiar-se no referencial do outro e não impor os próprios parâmetros é, essencialmente, fenomenológica.

A partir de agora, aprofundarei questões existencialistas que também configuram a visão ontológica desta pesquisa-intervenção. O existencialismo, como o próprio nome diz, propõe-se a estudar a existência humana do ponto de vista filosófico. Não iremos detalhar ou aprofundar os vários existencialismos existentes e apenas interessa, para efeito deste estudo, aquilo que do existencialismo ressoa na psicologia humanista e na maneira de compreender o homem, a saber: o homem é livre e capaz de escolher; o homem é responsável por suas escolhas; o homem está em processo de construção de si mesmo. Para

dizer de forma mais completa, empresto as palavras de Sapienza(2007) para definir o existencialismo:

“De um modo bem geral, caracteriza-se como um pensamento que não se preocupa em se organizar em sistemas; não se atém a definir características humanas universais abstratas, mas se detém no fato de cada indivíduo ser único; distancia-se do primado da razão; considera a existência como um estar lançado no mundo, precisando fazer escolhas e ao mesmo tempo sempre imerso na situação concreta; chama a atenção para o existir de modo autêntico; traz para o centro da compreensão da vida a fragilidade, a liberdade, a angústia, o ser destinado a morrer.” (p.29)

Como se pode verificar, há uma estreita afinidade entre algumas idéias existencialistas e a psicologia humanista. Não por acaso nomeamos a vertente em questão de Psicologia Existencial-Humanista e os pontos existencialistas citados acima expressam-se todos num parágrafo escrito por Buhler(1975), ao falar da psicologia humanista:

“Um dos principais objetivos do terapeuta humanista é ajudar o paciente a descobrir-se, descobrir o que quer da vida, descobrir os seus melhores potenciais. O terapeuta não lhe dirá o que fazer ou onde ir. O terapeuta acredita na liberdade de escolha do paciente, uma vez liberto de suas fixações neuróticas; e também acredita na existência de um potencial criador em cada ser humano”(p45).

A liberdade de escolha, a necessidade de decisão sobre o próprio existir, as incertezas inerentes ao existir, preconizadas pelo existencialismo, podem ser interpretadas num tom pessimista e trágico, mas, por outro lado, esses mesmos pontos são enaltecidos com otimismo pelos psicólogos humanistas – e, diga-se de passagem, pelo próprio Sartre(1946/1978). Sartre defende justamente que a liberdade, a incerteza e a responsabilidade humanas fazem do homem dono de seu próprio destino, o que deve ser visto com otimismo.

Se, por um lado, pode-se enfatizar o lado trágico da liberdade, pois somos lançados no mundo e somos obrigados a fazer escolhas (mesmo escolher fazer nada já é uma escolha) num mundo de incertezas, pode-se, por outro, ver na liberdade a condição necessária para o desenvolvimento dos potenciais e a alteração de si mesmo, dando uma conotação otimista à questão. Por isso, entendo este hífen, no nome Psicologia Existencial-Humanista como um elo que forma uma única palavra, querendo significar a forma imbricada dos postulados existenciais em relação aos princípios humanistas. Se penso que o homem é livre, penso que é capaz de orientar a própria vida e é auto-determinado, que é um postulado central do humanismo; se penso que o homem é responsável por suas escolhas, penso num homem que não se pode furtar de arcar com as conseqüências do que escolhe para si, estando sua vida em suas mãos e na posição central de seu existir, o que condiz com os postulados da Abordagem Centrada na Pessoa de Rogers(1961/1999) e da tendência à auto-realização de Maslow(1975); se penso num homem em constante construção de si, dou ênfase ao potencial criador desse homem, aberto ao futuro e ao devir, não absolutamente amarrado aos determinantes atuais ou passados de seu viver, o que também está em pleno acordo com os psicólogos humanistas como Rogers(1961/1999), May(1975), Maslow(1951), Buhler(1971), Bugental(1963).

Maslow(1951) e May(1973) foram humanistas que aproximaram mais sistematicamente o humanismo da fenomenologia e do existencialismo.

Maslow(1951) buscou definir uma jurisdição mais ampla para a psicologia, de modo a torná-la capaz de assumir a tarefa de estar mais voltada a questões pessoais e experienciais, apropriando-se de postulados existencialistas para compreender o processo de auto-realização. Passarei a descrever brevemente a

aproximação que Maslow(1951) faz entre suas idéias sobre auto-realização e o existencialismo.

Confrontado-se também com as limitações do método positivista, Maslow(1951) aponta para o fato de que a ciência precisa ser uma ajuda à plena realização humana, aprofundando a concepção de sua natureza, de suas metas e seus métodos. Postula, para começar, sua concepção de homem, proveniente de sua experiência clínica e científica, que inclui os seguintes aspectos: 1- cada um de nós tem uma natureza interna natural, instintóide e intrínseca, até certo ponto invariável que constitui uma matéria-prima, um conjunto de potenciais; 2 - a natureza interna de cada pessoa é, em parte, singularmente sua e, em parte, universal da espécie; 3 - é possível estudar cientificamente essa natureza interna e descobrir sua constituição; 4 - essa natureza parece não ser intrinsecamente má e aquilo que consideramos como destrutividade, sadismo, crueldade, parecem constituir reações violentas contra a frustração das nossas necessidades, emoções e capacidades intrínsecas; 5 - como essa natureza é boa e não má, é preferível encorajá-la e expressá-la, em vez de suprimi-la; 6 - o adoecimento acontece quando existe a negação ou supressão desse núcleo essencial; 7- como essa natureza interna não é forte, é um remanescente instintóide da evolução das espécies, é facilmente vencida pelo hábito, pela pressão cultural, por medo ou desaprovação e por atitudes errôneas em relação a ela; 8 - no entanto, essa natureza interna raramente desaparece em qualquer pessoa, seja ela normal ou doente, e segue pressionando no sentido da individuação, tornando possível o aperfeiçoamento pessoal.

Cabe ressaltar, porém, que esse núcleo interno só em parte chega à idade adulta pela mera descoberta e revelação, visto que é, também, uma criação da

própria pessoa, sendo ela mesma sua determinante principal. Seria como se aquela matéria prima instintóide (capacidades, talentos, anatomia, temperamento, inclinações, propensões) se moldasse a partir de tudo aquilo que ocorre na vida da pessoa, incluindo sua coragem ou medo, seus sentimentos de responsabilidade, sua força de vontade, força de seu ambiente, etc. É nesse ponto que Maslow(1951) une a compreensão do homem como um ser biológico ao existencialismo, concebendo que existe a matéria-prima essencial em potencial, mas "Toda e qualquer pessoa é, em parte, "o seu próprio projeto" e faz-se a si mesma"(p227). Esse homem está, então, em um processo de tornar-se o que é e, ao mesmo tempo, está em constante criação de si mesmo.

Ao falar dessa dupla face de tornar-se pessoa, desenvolvendo os próprios potenciais, em seu livro *O homem à procura de si mesmo*, May(1953) afirma:

"A semente torna-se um carvalho, o filhote, um cão, que se relaciona com o dono em amizade e lealdade, como convém aos de sua espécie; é só o que se pede de um carvalho e um cão. Mas a tarefa do ser humano em busca da plenitude de sua natureza é muito mais complexa, pois o homem deve agir com autoconsciência, isto é, sua evolução nunca é automática, mas deve ser até certo ponto escolhida e confirmada por ele próprio"(p70).

O foco desses autores está, portanto, na compreensão do ser humano como alguém que está impulsionado à plena realização, impulsionado tanto por sua natureza intrínseca em potencial como por sua necessidade de escolha inerente ao existir humano. A saúde e a doença giram em torno da possibilidade de realizar o projeto do ser humano de ser ele mesmo, realizar o mais plenamente possível, por meio de escolhas, aqueles potenciais que ele traz internamente, apesar das limitações internas e externas.

Essa visão de homem é interessante e faz pensar sobre o que denominamos psicopatologia na psicologia clínica. A doença, aqui pelo foco da psicologia humanista, passa a ser legítima a partir de um balanço entre o que seria a natureza a ser realizada, os potenciais a serem desenvolvidos e tudo aquilo que seria possível mas não está em desenvolvimento. Assim, o grau de “doença” de um indivíduo refletiria o grau em que seus potenciais estão longe de serem realizados ou estão sendo bloqueados ou suprimidos. Disso decorre que, a partir desse princípio, a própria denominação psicopatológica passa a ser um parâmetro que só tem sentido “a partir de dentro”, ou seja, a partir de uma avaliação do indivíduo cujo referencial seria ele mesmo. Novamente aí, a unicidade e a singularidade sendo colocadas num primeiro plano.

Com a nova concepção de homem, pode-se pensar em doença num sentido mais amplo, abrangendo qualquer condição em que a pessoa fique aquém de seu próprio desenvolvimento e plena realização.

Maslow(1951) enfatiza o fato de que nós, seres humanos, temos uma consciência intrínseca que se baseia no ato de percepção de nossa própria natureza, de nosso próprio destino, das nossas próprias capacidades e essa natureza intrínseca chama-nos a sermos fiéis à nossa natureza íntima. Por conseqüência, as pessoas que não acreditam nessa natureza íntima e não a seguem, desprezam-se por isso e sentem uma culpa intrínseca, que pode resultar em neurose, mas também pode ser o ponto de partida para ganhar uma coragem renovada e fazer de si mesmo aquilo que deveria fazer. Aí tem-se que um aspecto aparentemente negativo torna-se a mola propulsora de um aspecto positivo para a pessoa, um impulso para seu desenvolvimento.

Parece que esse ponto é bastante importante porque mostra, de maneira bem clara, a rejeição de Maslow(1951) a respeito da compreensão dicotômica entre saúde e doença. Mostra, também, uma confiança básica dos próprios recursos do homem para promover seus potenciais. Existem homens em desenvolvimento, para alguns a realização desta natureza intrínseca é mais fácil e fluida e para outros ela é um tanto complicada, mas ele vê a pessoa sempre em processo de realização, acima de tudo, rejeitando uma rubrica do ser.

May(1953) também vê que os problemas, a neurose, as doenças em geral, não são necessariamente de todo ruins já que são sempre oportunidades para o desenvolvimento pessoal do ser. A própria doença pode ser encarada como um sinal do próprio organismo que está dando um alerta à pessoa dizendo que ela tem que se tornar um ser total e deve perseguir a sua autenticidade. Ele acredita, inclusive, que a nossa própria maneira de viver a doença e a saúde a partir dessa nova compreensão mais integrada e não dicotômica pode ajudar a vencer a dicotomia entre corpo e alma que tanto mal tem causado ao homem moderno. Se percebermos os diferentes males que atingem o homem atual veremos que todos eles têm uma base comum mostrando uma dificuldade de o homem encontrar a si mesmo nesse mundo.

Assim parece, a partir de idéias sugeridas por esse autor e outros, que a doença é uma forma de manifestação inerente ao processo. Pensar assim altera a maneira de pensar o próprio adoecer psíquico, já que ele não é algo a ser banido, mas algo a ser compreendido da teia de significados na existência global da pessoa e pode trazer a chave, a oportunidade da mudança necessária à continuação do processo de auto-desenvolvimento. É preciso ressaltar que essa não é uma visão romântica e ingênua do homem ou da vida, que torna distantes

os problemas, pelo contrário, é a compreensão de que justamente a dor e o sofrimento podem alavancar o crescimento e a auto-realização.

Outro aspecto essencial do existencialismo do qual Maslow(1951) se aproxima refere-se a conceber o homem como realidade e potencialidade ao mesmo tempo, nenhuma dessas dimensões podendo ser negligenciada. Um homem é o que é agora, fruto de diversas circunstâncias (biológicas, culturais, intrínsecas, sociais,etc) mas é também aquele que tem o poder de ser diferente, porque se apropria e desenvolve seus potenciais.

Um desdobramento que ele faz dessa idéia é particularmente importante para este trabalho pois afirma que a criatividade é uma das formas de integrar os dois lados da natureza humana, realidade e potencialidade. A criatividade então, a partir daí, pode ser considerada como um elemento em prol da saúde do indivíduo, saúde aqui no sentido em que o próprio Maslow(1951) considerou, a saber, não como mera ausência de doença, mas relativa ao bem-estar proveniente da plena realização da natureza intrínseca de cada um. Partindo dessa concepção da natureza humana, justifica-se o uso de elementos expressivos que estimulem a criatividade em intervenções psicológicas, como a Oficina de Pintura.

Maslow(1951) deriva dessa mesma idéia um outro aspecto: o de que a compreensão de alguns problemas humanos permanecerá eternamente insolúvel porque o homem em potencial não pode ser completamente conhecido.

Tomando por base esses aspectos é que não foram enfatizados os aspectos doentios das participantes da Oficina de Pintura. Apesar de haver ali depressão, defesas, pânico, medos, essas características representavam, para mim, a expressão desses momentos cruciais de desenvolvimento, que

impulsionavam o auto-conhecimento e crescimento, sendo, portanto, aspectos potenciais de saúde. Parti do princípio de que algum bloqueio, ou supressão ou negação de si estava em curso no processo de desenvolvimento das participantes, sendo os sintomas um alarme de que esse processo deveria ser cuidado. Considerei, igualmente, que a criatividade ali estimulada e colocada em curso estaria proporcionando maior integração entre os vários aspectos, quer fossem eles denominados saudáveis ou doentios. Vale lembrar aqui, nesse mesmo sentido de ajuda que serve como desbloqueio de um processo inerente ao ser humano, as palavras de AmatuZZi(2001):

“A vida, se for vivida com plenitude, será um processo pessoal. Mas às vezes é preciso uma ajuda para desemperrar esse processo. E isso será, mais, uma questão de desaprender os modos que se tornaram bloqueadores, para que a vida possa se manifestar novamente.”(p121)

Vê-se, pois, que a atualidade do homem, o que ele é hoje, ainda que bloqueado, não é algo fechado, mas sempre aponta para uma possibilidade futura diferente da atual. Por trás de uma atualidade, muitas vezes sofrida, distorcida, patológica, há o bloqueio de uma vida mais plena, em potencial. A partir da consideração dessa dupla natureza humana¹², realidade e potencialidade, inevitavelmente, a psicologia passa a se interessar pelo agora e pelo futuro. Aquilo em que o homem se tornou, a partir de sua natureza íntima e dos limites do seu destino, mostra como ele é agora, mas abre também a possibilidade de transcendência desse mesmo homem, disso mesmo em que ele se tornou. Essa transcendência e essa superação mostram, na verdade, como o homem é mesmo

¹² Ressalto, novamente, a importância de se entender o termo “natureza humana” aqui mencionado ao longo do texto não numa visão estreitamente essencialista ou determinista no sentido de que o homem nada tem a fazer contra sua “natureza humana”. Pelo contrário, deve-se entender a natureza humana incorporando-se a ela tanto os elementos instintivos relativos aos talentos, características biológicas, capacidades, etc. como os elementos existenciais de escolha, responsabilidade, liberdade, etc.

um projeto, um vir-a-ser, nunca completamente determinado ou encerrado em si mesmo. A questão do futuro, segundo Maslow(1951), não pode ser ignorada pelo simples fato de que o homem se estende temporalmente, tanto para o passado quanto para o futuro e a psicologia não pode iludir-se ao buscar compreender o homem presente apenas com base no passado porque ele estará incompleto caso não se lhe acrescente o futuro. Novamente nesse ponto, Maslow(1951) recorre ao conceito de criatividade, dizendo que a pessoa criadora pode alcançar e dominar o futuro, porque pode *experimentalmente a novidade* sem medo e com confiança. Pergunto-me aqui, diante dessas idéias, se a abertura à novidade proposta pela Oficina de Pintura não foi, ela mesma, um encorajamento, por assim dizer, em relação ao novo e desconhecido, tornando a pessoa mais capaz de apropriar-se dessa dimensão do futuro que faz parte de seu ser total. Poderíamos pensar que ela poderia, por meio da criatividade¹³, tornar-se mais integrada, nas dimensões de passado, presente e futuro, de sua realidade e potencialidade, e seria mais capaz de enfrentar a si mesma e as conjecturas da existência.

Essa visão de homem, que caminha para uma integração e alcança mais plenitude nas dimensões de passado, presente e futuro, faz-nos refletir sobre a própria postura da psicologia enquanto ciência e prática que tem preferido referir-se ao passado em detrimento do futuro e da novidade. Parece-me que a psicologia deve-se ater a isso, como fica claro nas palavras de Maslow(1951):

“Estou convencido de que muito do que chamamos hoje Psicologia consiste no estudo dos artifícios que usamos para evitar a ansiedade da novidade absoluta, fazendo acreditar que o futuro será como o passado.” (p42)

¹³ Penso em criatividade, aqui, num sentido estrito de uma cria-atividade, uma atividade de criação que possibilita a abertura ao novo. É necessário deixar claro esse ponto pois a definição do que é criatividade ou o que é ser criativo é bastante controversa na psicologia.

Para o futuro ser diferente do passado , portanto, é necessária uma nova forma de fazer a ciência psicologia resultante de uma nova forma de pensar o homem, bem como uma nova forma de cuidar desse homem numa relação de ajuda. Acreditar nesse homem que é também potencialidade, desloca o poder de mudança das mãos do psicólogo/terapeuta para as suas próprias mãos. Nesse sentido, devo dizer que, como psicóloga e pesquisadora, não podia saber o que iria acontecer na Oficina, mas confiava no fato de que, se eu me mantivesse aberta e não conduzisse os encontros concentrando o poder em minhas mãos, estaria facilitando que as mulheres re-encontrassem seu próprio poder de mudança. A potencialidade, o que ainda pode vir-a-ser, contempla, a um só tempo, a dimensão futura do homem enquanto processo/projeto de sua própria individuação e seu poder de mudança nesse processo.

Cabe ressaltar que essa mudança não é algo descolado da realidade, uma centelha de vida que brota em cada um independente da realidade externa, que seria uma versão romântica do processo de auto-realização. Com relação a isso, é importante ressaltar que Maslow(1951) chama a atenção dos psicólogos para a consideração dos determinantes sociais e ambientais, de forças como a pobreza, a exploração, a guerra, a estrutura social. Não se pode e nem se deve fazer uma psicologia existencialista que estabeleça o homem como um projeto, como se esse indivíduo pudesse fazer qualquer coisa de si mesmo, sem qualquer limite de nenhuma ordem. O homem pode operar mudanças e escolher, mas dentro de limites, idéia esta corroborada por May(1987) quando diz que a liberdade é a outra face do destino, colocando a escolha(liberdade), inexoravelmente originando-se a partir do próprio limite(destino).Talvez o mérito da Psicologia Existencial-Humanista, tal como Maslow(1951) a propõe, seja perceber o homem

como capaz de mudanças e desenvolvimento pessoal, apesar das intempéries e dos limites inevitáveis que a própria existência impõe. Cabe à psicologia a compreensão sobre como esse homem põe em marcha os seus potenciais, por sua força, coragem, vontade e responsabilidade, dentro da situação concreta e cotidiana de sua vida, fatores dos quais a psicologia não poderá se esquecer. Vale mencionar as palavras de Aiello-Vaiberg:

“Não mais acreditamos em problemas psicológicos que nada têm a ver com a vida que se leva, com o mundo em que se vive, com as condições concretas da existência.”(p 97-98).

Pode-se perceber que Dona Branca ressentia-se com os filhos e, outras vezes, preocupava-se com eles, queria tê-los por perto, mas a casa era pequena para todos e a forma de ser e agir deles, diferente do que ela esperava, criava tensões interpessoais. A situação financeira da família tinha impelido todos a morarem juntos, diferente do que Dona Branca gostaria que fosse. Preocupava-se com a aposentadoria e com as perícias do INSS e, sem dúvida, essas eram situações que configuravam a matéria-prima e o tema de sua depressão. Enfim, essa era a condição real de sua vida e seus problemas e seus sentimentos não poderiam ser entendidos excluindo-se essa situação real. Foi nesse contexto que suas potencialidades e capacidades de mudança puderam acontecer.

Quando Dona Preta perde o emprego, o olfato, a identidade e o gosto pela vida devido a um acidente e tem que re-construir sua vida, é nesse estado de coisas que ela deve encontrar suas forças para seguir em frente. A mesma leitura podemos fazer a respeito de todas as outras participantes.

A partir das considerações desse homem, autônomo, que age segundo as possibilidades e limitações internas e externas, podemos pensar que ele,

igualmente, tem condições para tomar parte na escolha daquilo que vai ajudá-lo e não necessariamente se encaixa dentro dos parâmetros daquilo que estamos oferecendo como um serviço de atenção psicológica ou dos parâmetros de como ele deve se comportar ao necessitar de ajuda e buscá-la. É preciso questionar que tipo de ajuda oferecemos.

Há algumas iniciativas de trabalhos em instituições atualmente que rompem os padrões tradicionais de atendimento, pondo em evidência a necessidade do questionamento sobre o papel do paciente e o papel do psicólogo. Esses novos modelos serão mencionados a seguir. Por hora, vale mencionar Aiello-Vaisberg, ao se referir às Oficinas Terapêuticas de Criação na Universidade de São Paulo:

“...atendimentos que não exigem, de saída, que o paciente se assuma como necessitado de uma psicoterapia, mas que esteja apenas em busca de, por exemplo, “tranqüilidade para os nervos” ”(2001,p98).

Vale ressaltar Dona Rosa, quase sempre calada, que se sentia tão bem indo à Oficina porque ali se sentia livre das pressões do dia-a-dia e podia sentar-se, com tranqüilidade, encontrando descanso para as pernas, já que trabalhava de pé na maior parte do tempo.

Com relação a isso, acompanhando essa nova visão de homem, novos métodos deverão ser criados: "Se o estudo da singularidade do indivíduo não se ajusta ao que sabemos de ciência, então pior para esse conceito de ciência. Também ele terá de sofrer uma recriação.”(p40). Como já mencionado anteriormente, essa nova visão de homem aponta para reformulações na ciência e reformulações em nossas práticas psicológicas.

Sobre a visão de homem aqui adotada, ele não é aqui um ser objeto, manipulável e capturado totalmente por um psicólogo que tem já um modelo tradicional de intervir e compreendê-lo segundo parâmetros fixos. Entendo esse modelo tradicional como o modelo de cura ou correção que deposita no psicólogo o poder da mudança sobre alguém que está “doente” ou comporta-se de maneira “inadequada”, um modelo regido pelo ranço da postura positivista científica de neutralidade e poder sobre o outro. Seria a postura prática análoga à do cientista que controla as condições do seu objeto de estudo e traduz o fenômeno em termos igualmente objetivos e objetivantes.

Além disso, reiterando o que já foi dito, esse homem singular deverá ser apreendido em sua vida concreta, particular e única, e o psicólogo que o acompanha deverá esforçar-se por compreender a forma específica com que aquela pessoa enxerga seu mundo e nele se situa, posicionando-se frente aos obstáculos e limites e pondo em marcha suas potencialidades no sentido da superação e crescimento. Da mesma maneira, o psicólogo deve esforçar-se por compreender qual é a melhor maneira de se colocar na posição de ajuda àquela pessoa, além dos parâmetros fixados pelas práticas psicológicas tradicionais.

Sobre os métodos para apreender o homem, o humanismo, por sua vez, também aponta para a necessidade de fazermos uma ciência relevante aos próprios homens e, conforme diz Maslow(1954), sem ênfase aos métodos já existentes. Deveria haver mais audácia e menos tecnicismo na ciência para conferir-lhe a abertura necessária para novos achados. Ele denuncia, nessa mesma linha de pensamento, que o homem vem demonstrando estar mais preocupado com os meios que com os fins, com o método que com os problemas, fazendo a ciência fechar-se em si mesma, tendendo a fazer os problemas

encaixarem-se nos métodos já existentes e não o contrário, impedindo-se de levantar novos problemas e encontrar novos métodos, comprometendo seu próprio desenvolvimento científico.

Se pensarmos que a ciência é, ela própria, produção de uma consciência em constante movimento e que o homem por ela estudado tampouco é estático, passa a ser questão de coerência fazer uma ciência que não se feche em si mesma e não se feche a novas possibilidades.

Partamos do conceito mesmo de intencionalidade. A partir do próprio Husserl podemos perceber que esse conceito remete-nos a um movimento, já que, se a consciência está sempre se debruçando em direção aos objetos ou a si mesma, temos que compreendê-la no ato mesmo de sua própria experiência, ou melhor, talvez devêssemos compreender que a própria experiência em si da consciência é, ela mesma, um ato. Por outro lado, os existencialistas afirmam que o homem está em constante movimento e construção, o que vem ao encontro da idéia fenomenológica da forma de ser da própria consciência. Temos um homem, então, movendo-se, tanto em relação às coisas e aos significados a elas atribuído como em relação a si mesmo, já que vamos considerá-lo como um projeto em ação. O homem é um vir-a-ser constante, não sendo definido a priori por nenhuma natureza. Esse anti-essencialismo dos existencialistas dá margem à compreensão do homem em pessoa, projeto único por ele próprio realizado, em vez de querermos o homem em geral, tão ambicionado pela psicologia positivista tradicional. É, portanto, na base de aceitação de um pluralismo inevitável, decorrência do próprio movimento constante e da rejeição de uma natureza humana universal construída por abstracionismos, que tanto a psicologia fenomenológica quanto a existencial-humanista se apresentam.

Nesse sentido, vale lembrar Sartre(1946) que diz:

"Porque o que nós queremos dizer é que o homem primeiro existe, ou seja, que o homem, antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro. O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a este projeto; nada há no céu inteligível, o homem será antes de mais nada o que tiver projetado ser"(p.6)

Há críticas humanistas a respeito da radicalidade dessas idéias existencialistas. Relativizando um pouco essa questão da escolha, Maslow(1954), por exemplo, propõe que, mesmo considerando o homem como alguém que escolhe o que será, sua motivação para a auto-realização tem uma base instintóide e acredita que os existencialistas foram demasiado longe ao negligenciarem completamente a constituição humana de base biológica. Não que ele pense no homem como uma bolota de carvalho programada para crescer de determinada forma; o que ele diz é que há limites a partir dos quais o homem pode se movimentar e escolher e a liberdade ocorre aí. A dimensão da própria escolha, para Maslow(1954), está na forma com que o sujeito se apropria de seu ser, daquilo que está, até certo ponto, programado que ele seja. Um homem, dificilmente conseguirá ser uma mulher por própria escolha, a menos de forma um tanto mal-sucedida, mas ser homem, desenvolvendo todos os potenciais, aí sim é uma escolha.

Da mesma forma, Gardner Murphy, outro humanista, fala de um determinismo moderado e da inexistência de uma espontaneidade arbitrária. Existiria algo próprio em cada ser humano que faz dele único, algo já em potencial que não depende exclusivamente da determinação de uma escolha: "o poder de

escolha é, em si mesmo, o poder de realizar o que a pessoa é e, portanto, não envolve indeterminismo.”(Frick, 1975, p77).

No mesmo sentido, Rollo May(1987) afirma que a noção de liberdade só faz sentido frente à concomitante noção de destino (maneira com a qual ele se refere ao determinismo no caso do homem). Liberdade não existiria se não houvesse algo “determinado para ser de um jeito” . Ele define destino como o padrão de limites e talentos que constituem a própria vida. Sem esses limites não haveria sentido falar de liberdade. Novamente aqui não existe um indeterminismo e May(1987), inclusive, considera que pensar que se pode fazer qualquer coisa, em qualquer momento e em qualquer lugar, sem nenhum limite, é uma compreensão equivocada da própria vida. Encontrando as forças do destino, que se dão ao nível cósmico, biológico, cultural, e de “desígnio vital” (ser o que se é), o homem pode alcançar as oportunidades, possibilidades e, então, exercer sua liberdade.

Pode-se perceber que os humanistas relativizam , de certa maneira, a pungência da escolha, não a minimizando, mas trazendo-a para um plano de realidade dentro de certos limites inevitáveis.

O homem é um ser capaz de escolha, mas sua liberdade de escolha será tanto mais autêntica quanto mais consciência ele tiver de seus próprios limites.

Um outro aspecto essencial proveniente dos existencialistas, segundo Maslow(1951), é a consideração da experiência concreta como anterior a quaisquer conceitos ou abstrações. Assim sendo, esse novo homem dessa nova ciência deverá ser compreendido em sua realidade e potencialidade a partir de sua própria experiência e a partir de seus próprios olhos, sem a prioris, numa base, portanto, fenomenológica.

Quando vemos as histórias de vida contadas pelas mulheres da Oficina, fica claro que elas percebem suas vidas e seus mundos sentindo medo, dúvidas, apreensão e vendo os limites de uma realidade concreta que as atinge. São problemas financeiros, problemas de emprego, problemas interpessoais. A realidade atinge-as no passe de ônibus, atinge na relação de trabalho, na família e em outros âmbitos do dia-a-dia. Esses limites da vida são inerentes à própria vida e a superação das dificuldades não pareceu estar na mudança concreta dessas condições humanas de existência mas na forma de lidar com essas situações e encontrar ali a liberdade, não uma liberdade ilusória, romântica, mas a liberdade possível, em que se pode resgatar o poder de escolha e a própria criatividade, no sentido de criação de novas maneiras de ser, pensar e agir.

Encerro aqui a visão de homem, a visão ontológica que permeou a Oficina de Pintura. Foi esse homem que se apresentou à Oficina de Pintura, com materiais e um ambiente livre para a exploração, um homem em movimento, capaz de auto-compreensão e modificação, cujos “sintomas” podem ser as formas de alarme de que o processo de auto-realização precisa de cuidado, que tem autonomia para se realizar e modificar o que não está bem em sua vida. A psicopatologia não foi enfatizada, o problema não foi o foco de atenção e buscou-se partir da manifestação total do indivíduo em relação ao mundo naquele momento de Oficina, a partir de sua intencionalidade e de seus potenciais. Vimos, então, nos capítulos anteriores, de que maneira esse homem, dotado de potenciais e limites, fez uso da Oficina de Pintura para lidar com o seu sofrimento e auto-realização.

Com base nesses preceitos, a Oficina de Pintura foi uma modalidade de atenção à saúde oferecida para possibilitar e encorajar o resgate da capacidade

criadora das pessoas, entendendo que a cria-atividade estaria, em maior ou menor grau, relacionada à saúde psicológica do ser humano. Como pesquisa-intervenção, essa modalidade implementada no serviço de psicologia da PUC-Campinas, guia-nos no sentido da melhor compreensão sobre de que maneira os usuários do serviço fizeram uso da mesma para criarem seus objetos expressivos e recriarem a si mesmos, fazendo-nos entender melhor como essa modalidade de atenção psicológica pode contribuir para um maior desenvolvimento pessoal e, portanto, ser passível de inserção em instituições .

Capítulo 5 – Repensando a clínica psicológica a partir da Oficina de Pintura

Ninguém sabe o que há além deste mundo. Mas se há qualquer outra coisa além de extinção, podemos estar certos de que a melhor preparação, neste breve intervalo em que o pássaro do tempo ainda está voando, é viver nossas vidas e nossa criatividade tão plenamente quanto pudermos, experimentando e contribuindo com tudo o que for possível.

Rollo May

Oficinas ao redor

Repensar a clínica psicológica a partir da Oficina de Pintura requer uma retomada das intervenções realizadas atualmente sob a denominação “Oficina”, para que se possa compreender o campo de intervenções em questão.

O termo oficina é aqui entendido em dimensão ampla, nomeando aquelas atividades em que existe um fazer com materiais artísticos ou expressivos¹⁴, ou melhor, com materiais de criação.

Dentre os trabalhos realizados no Brasil, o primeiro deles que talvez tenha tomado grandes proporções, além de ser bastante inovador dentro da psiquiatria tradicional, foi o trabalho de Nise da Silveira no centro psiquiátrico de Engenho de Dentro – Rio de Janeiro desde 1946. Pensando no superpovoamento dos hospitais psiquiátricos públicos, houve a introdução da terapêutica ocupacional para os psicóticos em lugar de uma psicoterapia individualizada, o que seria

¹⁴ O termo artístico não deve aqui ser entendido como “aquele que é próprio da arte” pois nos lança, necessariamente, à definição polêmica do que seja arte. A literatura sobre o assunto indica a multiplicidade dos parâmetros de definição da arte, sejam eles históricos, culturais, sociais. O termo expressivo também ressalta um aspecto do fazer que me parece uma via de mão única, sugerindo que, ao fazer algo com materiais, o homem está expressando algo que está já dentro e parece-me que é mais do que isso, parece, pela literatura existencial-humanista que o criar é mais que expressão, é comunicação consigo mesmo, é construção de algo novo, enfim, aspectos não contemplados pela palavra expressivo. Por esses motivos, prefiro utilizar a expressão materiais *de criação*.

inviável. A implantação desse serviço e o seu desenvolvimento demonstraram que o uso de recursos artísticos aumentava significativamente a comunicação com os esquizofrênicos, tantas vezes impossibilitados de utilizarem seus recursos verbais. Dentre as modalidades artísticas disponíveis, a autora verificou que a pintura e a modelagem permitiam mais fácil acesso ao mundo interno do esquizofrênico:

"Além disso, já havíamos verificado, desde 1948, que a pintura e a modelagem tinham em si mesmas qualidades terapêuticas, pois davam forma a emoções tumultuosas, despotencializando-as, e objetivavam forças autocurativas que se moviam em direção à consciência, isto é, a realidade"(Silveira,1992,p17).

Assim, formou-se o Museu de Imagens do Inconsciente, cujo acervo chegou a possuir cerca de 300.000 documentos plásticos. O método principal utilizado no museu era o de estudar as séries de imagens produzidas pelos pacientes, tentando decifrar os desdobramentos intrapsíquicos. Nos encontros grupais para a realização das tarefas artísticas, a tarefa do terapeuta seria a de estabelecer conexões entre as imagens que emergiram do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo. É importante ressaltar que, nesse trabalho, já era apontada não apenas a característica reveladora dos símbolos das obras, mas também a característica curativa do próprio fazer arte:

"O trabalho no ateliê revela que a pintura não só proporciona esclarecimentos para a compreensão do processo psicótico, mas constitui igualmente verdadeiro agente terapêutico. É uma constatação empírica, repetidamente verificada no nosso ateliê."(Silveira,1992,p18).

Esse relato sugere que a expressão não é somente um meio para o conhecimento do outro mas pode ser, ela própria, terapêutica e, portanto, transformadora. Além disso, constatou-se, durante os anos em que essa

experiência aconteceu no hospital psiquiátrico, que as atividades expressivas são de enorme valor para prevenir recaídas na condição psicótica.

Uma outra experiência semelhante teve início em 1956 na Casa das Palmeiras – Rio de Janeiro, um estabelecimento que tinha como objetivo a reabilitação dos egressos dos estabelecimentos psiquiátricos antes de retornarem à vida familiar. Na Casa das Palmeiras, o principal método de tratamento utilizado era o exercício espontâneo das atividades diversas, geralmente chamado de terapêutica ocupacional. Interessante ressaltar, neste momento, que a nomenclatura *terapêutica ocupacional* foi ganhando solidez ao ser utilizada para se referir às atividades com recursos artísticos. Porém, certa inadequação da expressão foi apontada pela equipe que, a partir de então, preferiu usar o termo *emoção de lidar*, expressão usada por um dos pacientes da Casa das Palmeiras, que sugere a emoção provocada pela manipulação dos materiais de trabalho, uma das condições essenciais para a eficácia do tratamento, segundo eles.

Em relação a essas oficinas desenvolvidas com pacientes psiquiátricos mais recentemente, um aspecto interessante é relatado por Neubarth(2005) no artigo intitulado *Proibido Colecionar !*. Segundo a autora, as oficinas de criatividade introduzidas há mais de 15 anos no hospital psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre mostram que o espaço da oficina foi sendo construído como um espaço de convívio e construção de uma identidade própria a partir dos objetos elaborados na oficina. Neubarth(2005) coloca que os pacientes psiquiátricos, geralmente impossibilitados de levar seus objetos consigo, incapazes de colecionar, sentem-se privados de sua própria identidade e as oficinas contribuem para que exista um espaço em que os pacientes possam ser eles mesmos, recuperando-se a si mesmos, valorizados por sua capacidade de observação e

experimentação, deslocando a ênfase na doença e no que ali existe de dor e abandono.

Outro estudo mais recente no Brasil refere-se ao Ser e Fazer, um Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob coordenação da Professora Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg. Partindo de uma compreensão winnicottiana do psiquismo humano, Aiello-Vaisberg(2003) aponta para o gesto espontâneo como fazendo parte do potencial criador que dá sentido único à existência. As oficinas do Ser e Fazer utilizam de materialidade mediadora e incitam esse gesto espontâneo que está na base da onipotência humana, anterior ainda ao sentimento de identidade propriamente. Poder fazer é, pois, poder ser, a partir de um outro que dá sustentação ao encontro terapêutico e pode manejar os sofrimentos de despersonalização e desrealização em que o eu ainda não existe como tal. Interessante perceber que essa experiência, que trata de momentos em que não existe ainda uma identidade, fala da criatividade e da criação como auxiliares no processo para ser autêntico. Ainda que a leitura que aqui se faz seja por via da vertente psicanalítica winnicottiana, podem-se perceber semelhanças entre esse pensamento e o pensamento rogeriano que pontua que a pessoa saudável, “tornada ela mesma”, em pleno funcionamento, tem um modo de ser autêntico que coincide com o ser criativo. Nesse sentido, independentemente do olhar humanista ou psicanalítico que se venha a debruçar sobre o fenômeno, a possibilidade de criação nas oficinas sugere uma experiência de auto-desenvolvimento e crescimento pessoais.

Outros grupos têm realizado oficinas de criatividade também na Universidade de São Paulo. Partindo das premissas da Abordagem Centrada na

Pessoa, um grupo conduz Oficinas de Criatividade em Aconselhamento Psicológico. Historicamente, Jordão(1999) situa as origens das propostas de oficinas nos grandes workshops realizados nas décadas de 70 e 80 por grupos oriundos da Califórnia e que tiveram receptividade na USP, principalmente pela presença de Rachel Lea Rosenberg como terapeuta facilitadora desses grupos. Segundo Jordão(1999), nesses workshops havia um grande grupo que chegava a ter 200 ou mais pessoas, sem proposta pré-definida e os assuntos iam surgindo momentaneamente segundo as necessidades dos participantes. Contudo, o “grupão” inicial sempre acabava subdividindo-se, em determinado momento, em pequenos grupos que se reuniam em torno de uma proposta definida (dança, arte, sonhos, etc).

As oficinas atualmente realizadas no SAP (Serviço de Aconselhamento Psicológico) do Instituto de Psicologia da USP-SP têm os germes daqueles workshops e mantêm as características de confiança no processo do grupo, nas atitudes facilitadoras e na potencialidade criativa. As oficinas são conduzidas num enquadre específico, tendo tema proposto e número determinado de sessões. Para Jordão(1999), essa delimitação faz a diferença entre ser terapêutico e ser terapia e ela afirma que as oficinas são terapêuticas sem se tornarem terapia, pois há a delimitação do tempo e proposta e o cliente sabe desde o princípio que o processo começa e termina ali. São oferecidas em blocos de 6 a 8 sessões com tema definido e cada sessão prevê um fechamento sem perder a idéia do todo proposto no bloco. Esse enquadre visa criar uma referência para o facilitador e para o cliente. Os clientes são alunos de graduação, extensão cultural e clientes que procuram o SAP e a premissa principal é a de que

“Os exercícios propostos, a partir de atividades corporais e utilização de materiais expressivos, permitem aos participantes que se expressem de um lugar onde uma sensorialidade permite ao participante uma criatividade que flui mais livre”(p333).

Há dois anos o serviço tem oferecido, semestralmente, à terceira idade, oficinas com o tema: resgate da história pessoal. Segundo Jordão(1999), esse tema, por si só, já é criativo pois implica retomar flashes de memória e reagrupá-los em novos contornos, novas configurações. Nesse sentido, vale lembrar que, se tomamos o pressuposto fenomenológico básico de que a consciência, elemento do humano atribuidor de significados está continuamente voltando-se para o mundo, esse momento de reagrupamento e significação passa a ser prova de que a criação, entendida nesse sentido, é um movimento inerente da própria consciência humana. Essa idéia alinhava, a meu ver, a crença na potencialidade criadora da Psicologia Existencial-Humanista e o pressuposto husserliano da consciência como movimento criador em si mesmo. Ainda mais, essa noção da consciência como motor da transformação implicaria gerações de significados certamente, independente do tema sugerido na oficina.

Além disso, tomando por base as idéias de Rogers(1961/1999) sobre a pessoa que alcança uma vida plena, uma “vida boa”, temos a descrição de alguém cuja relação consigo e com os outros é dinâmica e não fixa ou rígida, sendo, portanto, criativa. Conforme o próprio Rogers(1961/1999) diz :

“Com a sua abertura sensível ao mundo, a confiança na sua própria capacidade para formar novas relações com o seu ambiente, seria o tipo de pessoa de quem provêm as produções e vivências criativas”(p.221-222).

Em outros termos, a pessoa criativa, em pleno funcionamento, aberta à sua experiência, estaria desenvolvendo, da maneira mais satisfatória possível, sua

tendência à auto-realização ou tendência atualizante, uma força inerentemente humana nas concepções da Abordagem Centrada na Pessoa.

Outras autoras que trabalham com oficinas, Schmidt & Ostronoff(1999), atestam que elas têm sido uma prática que revitaliza uma vida social mais criativa e solidária. O compartilhamento de experiências nas oficinas promove a criação de laços sociais e a construção dos objetos e produtos em meio a esse compartilhar forma o amálgama da experiência pessoal e coletiva.

Pode-se perceber esse movimento no compartilhamento das experiências estreitando os laços sociais na Oficina de Pintura, quando Dona Amarela convida as outras participantes para o baile, quando Dona Preta e Dona Branca se telefonam e se freqüentam fora da Oficina, quando trocam telefones para não perder contato quando a Oficina acaba.

Enfim, é um criar e um contar de si que criam possibilidades novas de estar consigo e com os outros. As mudanças ocorrem nesse contexto de um novo olhar, um novo significado para as idéias, valores, aspirações, interrogações. Vale ressaltar que esse “novo” nasce de dentro da experiência e não de fora, ou seja, não é imposto ou sugerido por alguém. O cliente muda porque aprendeu que podia ser diferente e esse aprendizado alicerça-se em sua própria experiência. Vale lembrar que Rogers(1961/1999), ao mencionar a aprendizagem significativa que ocorria em psicoterapia como fator relevante de mudança, afirma que esta aprendizagem vem de uma experiência pessoal significativa. O cliente reflete sobre a própria experiência e muda seu olhar sobre o que traz sofrimento, incomoda, precisa ser mudado:

“As formas rígidas com que ele construía a significação da sua experiência são analisadas, e ele se descobre questionando muitos dos “fatos” da sua vida, descobrindo que são “fatos” unicamente porque ele assim os considerou”(p.328).

Fenomenologicamente, isso que Rogers(1999) afirma corrobora a noção de que o objeto não pode ser analisado separadamente de um sujeito já que é este quem lhe atribui significados pela intencionalidade da consciência. Assim, os fatos mudam quando mudamos o olhar para eles, ainda que, isoladamente, continuem os mesmos.

Dentro de uma perspectiva também existencial-humanista está Cupertino(2001) que introduziu a modalidade de Oficina de Criatividade como modalidade de estágio oferecida aos alunos do último ano de psicologia de uma universidade. As oficinas ocorrem em diversas instituições e são conduzidas pelos alunos, denominados oficineiros. Nas oficinas, várias materialidades podem ser utilizadas configurando diversas atividades de criação. Assim, temos oficinas de música/sons; oficinas de colagens; oficinas com alimentos; oficinas com sucata; oficinas com plantas; etc. Existe a abertura para a criação de inúmeras oficinas e os alunos são instigados para criarem suas próprias de acordo com as diversas populações atendidas e de acordo com o momento grupal.

O serviço de oficinas é oferecido em instituições diversas que atendem populações igualmente diversas. Há grupos de idosos, de crianças, de mães, de ex-drogaditos, de adolescentes infratores, etc.

A idéia da oficina é propiciar uma atividade que se inicia com uma proposta pouco estruturada, a partir da qual as pessoas movimentar-se-ão e farão suas escolhas para a criação propriamente dita. As pessoas são convidadas a participar utilizando determinada materialidade e seguindo uma proposta inicial como: “desenhe um gráfico de sua vida” ou “faça um anúncio de você mesmo com as imagens dessas revistas”. Depois de terminadas as criações, os

participantes são convidados a se expressar, se quiserem. Na maior parte das vezes, as verbalizações giram em torno da vivência da atividade, as dificuldades encontradas, os pensamentos que surgiram, as emoções suscitadas. Existe um compartilhar dessas experiências e cada um se expressa como quiser e se quiser. Contudo, vale ressaltar que essas oficinas diferenciam-se do que foi proposto neste trabalho já que nenhuma proposta inicial era oferecida às participantes, apenas os materiais de pintura.

As Oficinas contam com um semestre de vivências antes de se iniciarem os estágios nas instituições propriamente ditas. Nesse semestre, os próprios alunos são participantes de várias oficinas elaboradas e conduzidas pelo supervisor do estágio. O ganho desse semestre tem sido favorecer uma aprendizagem significativa, aqui pensada nos termos de Rogers(1961/1999) na medida em que o aluno passa pela experiência da oficina e dali extrai o que é significativo para seu aprendizado.

Assim está configurado o estágio de Oficinas de Criatividade tal como é hoje na universidade mas, para se chegar a esse ponto, houve um processo que será aprofundado a seguir.

Cabe ressaltar que a autora do presente trabalho é também supervisora de Oficinas de Criatividade na universidade em questão, atividade que realiza desde 2007, quando foi também co-participante de uma Oficina de Criatividade juntamente com a professora Dra. Christina Menna Barreto Cupertino.

Segundo Cupertino(2001), a proposta da Oficina baseia-se na crença na capacidade humana para transpor limites e na capacidade de autodirecionamento que podem ser favorecidas e impulsionadas diante de um ambiente facilitador e desafiador ao mesmo tempo. Ao propormos as atividades de Oficina em um

ambiente sem julgamentos, em que os sujeitos podem experimentar sua liberdade e criar segundo seu próprio quadro interno de referências, verifica-se o encontro genuíno com o outro em sua multiplicidade e diferença.

Inicialmente, Cupertino(2001) sentia a necessidade de sistematizar e explorar a criatividade nesse estágio, buscando compreender como, a partir de um ambiente facilitador, o processo da criatividade era desencadeado e desenvolvido. A dificuldade sentida inicialmente pela autora quando se interessou particularmente em apreender da oficina alguma ordem sobre criatividade adveio, segundo ela própria, da dissonância entre o ímpeto de totalização e explicação da experiência e a inexorável multiplicidade que impedia qualquer esforço bem sucedido no sentido da teorização e sistematização fechada.

Em seu impulso inicial, a Oficina de Criatividade nasceu da necessidade de entender o que era criativo para pensar em treinar a criatividade a partir de um ambiente facilitador, livre e sem críticas. No entanto, essa foi uma idéia fracassada na medida em que, propiciando a experimentação e a liberdade, muitas coisas que não eram nem criativas¹⁵ nem esperadas passaram a acontecer; não se podia definir com clareza a própria criatividade, concluiu Cupertino(2001). A experiência escapava e o que se via na prática não era condizente com o que os teóricos diziam sobre o tema: não existiam umas tais fases da criatividade a partir do ambiente facilitador. E a criatividade escapava porque transbordava além dos limites estabelecidos pela pretensão de objetivar a experiência vivida nos grupos de Oficinas.

Tomando por base essa experiência que foi a de construção dessa oficina, vemos que ela remete-nos a duas questões importantes. Uma delas diz respeito

¹⁵ ¹⁵ A própria definição do que era criativo nas oficinas criava um dilema para a autora.

àquela pretensão de fazer uma ciência objetiva que restringe a experiência humana tentando privilegiar o que já está sistematizado em termos de dados ou conceitos. Cupertino(2001), em seu relato, mostra-nos a importância de olharmos para o que de fato acontece no encontro humano, deixando para um segundo plano os conceitos e a lente através da qual estamos habituados a olhar os fenômenos. Esse desprendimento requer certa capacidade do pesquisador para tolerar a incerteza do desconhecido e configura a atitude verdadeiramente fenomenológica. A outra questão importante a que esse relato de pesquisa e implantação de Oficinas nos remete é a necessidade de revermos nossas práticas constantemente, questionando o que está posto e tentando não só abarcar o fenômeno de maneira mais ampla do ponto de vista científico e metodológico, mas também tornando nossas práticas mais adequadas a uma realidade que requer manejos diferenciados, mantendo o movimento da ciência e acompanhando o movimento da própria vida.

É interessante pensar que essa forma de agir não é meramente uma força de hábito entre pesquisadores e psicólogos em geral, mas tem respaldo na própria concepção de homem do existencialismo. Critelli(1996), baseada em Heidegger, polemiza a questão da complexidade da verdade na ciência, aprofundando a questão epistemológica. Segundo ela, o homem tem enorme dificuldade de afastar-se do pensamento ocidental que se estruturou a partir da concepção de que a ciência deve ser una e deve haver uma única verdade.

"Em todo caso, depois de Platão ter instituído o conceito (uno, eterno, incorruptível) como o lugar de manifestação da verdade de tudo o que é; depois de Aristóteles ter estabelecido que ao intelecto pertence esta função de conhecimento; e depois de Descartes ter modulado este intelecto como Cógito (cujo único procedimento aceitável é o do cálculo e do controle lógico-científico da realidade engessada na forma de objetos empíricos), parece-me que o ocidente moderno aceitou esta via como a única perspectiva adequada, viável e válida para a

aproximação entre homem mundo, para seu saber a respeito de tudo com que se depara, inclusive ele mesmo"(p13)

Essa forma ocidental de pensar, parte de premissas falsas como, por exemplo, a de que existe uma verdade absoluta e de que é possível estabelecer um ponto fixo em meio à instabilidade dos significados e das perspectivas em relação à realidade. A insegurança, do ponto de vista do existencialismo, é própria do existir e, assim sendo, inextirpável do viver humano. A ciência positivista ocidental, buscando aplacar ou negar essa insegurança inerente à existência, tem tentado fixar e imobilizar uma realidade que é, inexoravelmente, mutável. Acompanhando essa estreiteza no pensamento, está uma fixidez nas metodologias de pesquisa e prática, caracterizando uma 'hipertrofia metodológica' assinalada por González-Rey(2003) ou a 'patologia do conhecimento' assinalada por Koch(1992) demonstrando essa espécie de doença epistemológica em questão.

A fenomenologia, nesse estado de coisas, não pretenderia substituir a verdade da metafísica por uma verdade fenomenológica, pois estaria caindo na mesma armadilha que se propõe refutar. Antes, a fenomenologia pretende relativizar os pontos de vista, sem fazer condenação a nenhuma forma de saber especificamente. Aí está a maneira de perceber que fazer ciência é, antes de mais nada, fazer ciência como homens existentes, cujo pensar não pode se abster de ser um pensar como homem e cuja existência não pode ser simplesmente retirada para fora de seu fazer. Critelli (1996) nos diz:

"Do ponto de vista fenomenológico, a relatividade da perspectiva do saber e da verdade do ser abre-se como ponto inseguro, mas o próprio existir(ser). Contrariamente, a tentativa empreendida para a superação da insegurança é o que instaura o modo de pensar (metafísico) ocidental.(p13)"

E mais adiante:

“Assim, para o pensar metafísico, toda possibilidade de um conhecimento válido e fidedigno é garantida pela construção de conceitos logicamente parametrados e de uma privação da intimidade entre os homens e seu mundo, isto é, entre os homens e a experiência que têm de seu mundo.” (p14)

Assim, a necessidade de romper os conceitos, desalojar o que estava em determinado lugar, quebrar as abstrações, coaduna-se com a forma de pensar o homem em sua existência mesma, trazendo para dentro da ciência o movimento e a abertura necessários para que o novo possa surgir.

Inspirada nessas práticas inovadoras e no fascínio de encontrar o inesperado, essa pesquisa-intervenção pretendeu lidar com o conhecimento do humano a partir do humano, enfatizando que é a partir da intimidade da experiência entre os homens e seu mundo que o conhecimento original pode surgir; é com o mergulho na diversidade e no desconhecido sem julgamentos e pré-conceitos que pode nos deter naquilo que se revela, da maneira como se revela:

“Eternamente maravilhados, por um lado, com a profusão caleidoscópica pela qual o existir humano, matéria-prima de nosso ofício, se mostra a nós, constatamos o (feliz) desapontamento diante da incapacidade dos métodos e discursos em aplainar nossas idiossincrasias, enquanto resistimos a todos os esforços empreendidos no sentido de fazer de todos nós um só: o mesmo.” (Cupertino, 2001,p162)

Ao deparar com a impossibilidade de sistematizar a criatividade nas Oficinas, Cupertino(2001) compreendeu que estava procurando imobilizar o que é mutável e a Oficina, que outrora surgira como espaço para controlar e favorecer a

criatividade dentro de parâmetros desejavelmente mais fixos ensinou à pesquisadora sobre o imponderável da experiência e esse aprendizado serviu para a remodelagem da própria oficina como espaço para a ruptura das certezas, de aproximação do desconhecido, daquilo que se recusa à sistematização pela própria natureza do que é humano.

Esse aspecto parece-me importante pois mostra claramente o impasse que a prática da psicologia oferece-nos. Se os conceitos mantêm em seu bojo uma permeabilidade, podem ser reformulados, são abertos ao novo. Se os conceitos são utilizados de maneira dogmática e fechada, repelem o novo, aquilo que não se ajusta ao status quo. Se nos dispomos a ser psicólogos, temos que lidar com o movimento inevitável da ciência e lembrar que os conceitos servem apenas de invólucro incompleto da realidade, sendo esta mesma, também, temporária e incompleta. Ao colocar em prática uma série de conhecimentos, Cupertino(2001) percebeu que eles não se encaixavam com a experiência prática e teve que refazer sua proposta de pesquisa-intervenção inicial, adequando-a melhor à experiência vivida e que estava ali à disposição de se dar a conhecer, muito além do delineamento inicial do objeto de estudo.

Com relação ao acontecer clínico das oficinas propriamente, Cupertino(2006) entende que são um espaço de suporte psicológico propício à experimentação que permite o reconhecimento e a aceitação do outro como alguém diferente, favorecendo a inclusão social; o auto-conhecimento, através da explicitação dos valores, sentimentos e preconceitos; a descoberta de aspectos pessoais desconhecidos e tornados aparentes na obra produzida ou durante a execução.

Todos esses aspectos sobre oficinas, presentes nesses diversos contextos, refletem, de uma forma ou de outra, momentos da Oficina de Pintura bastante semelhantes. Contudo, ainda que esteja sendo feito um apanhado geral sobre as Oficinas e que seja possível reconhecer semelhanças, é preferível, a meu ver, deixar em aberto quaisquer conclusões definitivas a respeito, até porque seria contraditório pretender que uma pesquisa fenomenológica chegasse a uma verdade final e absoluta.

A partir desses princípios norteadores, o intuito da pesquisa sobre a Oficina de Pintura foi, acima de tudo, compreender como uma atividade de criação, situada em um enquadre diferenciado de atenção psicológica, pode aproximar ou facilitar o movimento do ser em direção à realização de si mesmo, de suas potencialidades criadoras em geral.

A idéia foi, pois, abrir-se para o que aconteceu e encontrar o outro em sua multiplicidade e forma única de ser, que se ilumina e se faz ver enquanto ele põe sua intencionalidade em movimento nos encontros de Oficina de Pintura ao falar, ao descrever fatos de sua vida, ao opinar, ao descobrir-se, ao chorar, ao sorrir, ao duvidar, ao preocupar-se, ao pintar.

Enquadres diferenciados: uma necessidade atual

Caberá, aqui, repensar a clínica psicológica a partir de enquadres diferenciados de atenção psicológica como uma necessidade atual, tendo em vista o aprimoramento da ajuda oferecida em serviços públicos de atenção psicológica.

Primeiramente, gostaria de explicitar o que entendo por enquadre diferenciado segundo o ponto de vista do Laboratório de Psicologia Clínica Social, proposto pelo Grupo de Pesquisa **Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção**, certificado em 2002 pela PUC-Campinas junto ao CNPQ.

Esse Grupo de Pesquisa, cuja produção associa-se àquela do Laboratório de Psicologia Clínica Social, tem por objetivo promover pesquisas de abordagem psicanalítica e/ou fenomenológica, com o intuito de estudar e implementar práticas psicológicas passíveis de serem inseridas em instituições de maneira ética e adequada às populações atendidas.

Pretende, a partir da base teórica psicanalítica ou fenomenológica, problematizar a clínica social, utilizando-se, para tal, de abordagens antropológicas, epistemológicas, clínicas e éticas em sua prática que dêem sustentação ao refinamento das hipóteses teóricas que emergem das novas práticas em diversos contextos, como hospitais gerais, clínicas universitárias, centros de saúde, ambulatórios, etc.

Nesse sentido, cabe aos pesquisadores e alunos que compõem este grupo de pesquisa e o laboratório correspondente questionar os modelos tradicionais vigentes com base nas novas práticas, em contextos institucionais

variados, buscando legitimar novas formas de atenção psicológica que se mostrem satisfatórias à população, fomentando a implementação de enquadres clínicos diferenciados em relação aos modelos tradicionais de atenção psicológica.

Até o momento, as novas modalidades de atenção psicológica que se destacam são a Arteterapia de Inspiração Winnicottiana e o Plantão Psicológico. A primeira modalidade caracteriza-se como enquadre diferenciado, pois se vale do uso de recursos expressivos diversificados, aí compreendidos como objetos transicionais, segundo a teoria de Winnicott, e que favorecem as comunicações entre terapeuta e paciente num contexto lúdico, incentivando a emergência da capacidade criativa e transformadora do ser humano. A partir da concepção de que é possível incluir pessoas com diferentes dilemas existenciais em um só grupo, essa modalidade promove o processo de criação-transformação da realidade, favorecendo a elaboração das vivências emocionais e possibilitando a emergência das potencialidades do paciente para a saúde e para a vida, fortalecendo a confiança em si como agente de transformações no plano pessoal e coletivo.

Outra modalidade é o Plantão Psicológico, gestado no âmbito da Abordagem Humanista Centrada na Pessoa e que pretende disponibilizar um tipo de ajuda psicológica imediata, organizada a partir da demanda emergencial de cada cliente, da forma como ele a explicita no momento da queixa. Legítima, assim, a autonomia do cliente para intervir e participar de sua própria trajetória na instituição. O Plantão tem sido utilizado em clínicas universitárias, em escolas, em equipamentos psiquiátricos e mesmo em instituições jurídicas. Mantém como

denominador comum o fato de disponibilizar ajuda psicológica sem agendamentos prévios nem triagens.

Os estudos realizados têm caminhado na direção da compreensão das práticas clínicas institucionais em diferentes contextos. Dentre eles, cabe mencionar o estudo de Zini(2004), cujo objetivo era apreender a vivência dos usuários da Clínica-escola¹⁶ de Psicologia da PUC-Campinas em relação ao atendimento da clínica. Outro estudo, realizado em um hospital geral do interior do estado de São Paulo, teve como foco a experiência vivida pelos funcionários como clientes do Plantão Psicológico implementado no hospital a partir de março de 2004 pela pesquisadora e outra psicóloga plantonista (Palmieri,2005).

Um outro estudo teve como foco as vivências de mães e casais em processo de Aconselhamento Genético(AG) no ambulatório de Genética Perinatal do CAISM/UNICAMP(Messias,2006) e outro, ainda, visou compreender o impacto do conceito de experiencição de Eugene Gendlin na Terapia Centrada no Cliente, focalizando a relação psicoterápica (Messias,2001).

Seguindo o mesmo raciocínio de novas práticas institucionais e os estudos que daí derivam, vale dizer que muitos psicólogos, atualmente, mostram-se interessados em novas práticas institucionais e, em grande parte, isso se deve à observância da inadequação dos modelos tradicionais de atuação das psicologias clássicas às demandas concretas existentes nas práticas psicológicas(Dimenstein,2004;Soares,2005; Lima&Nunes,2006).

Dimenstein(2004), focalizando o problema da reforma anti-manicomial, chama a atenção sobre a importância de se reverem os dispositivos de segregação internalizados, apontando para a necessidade de reconstruir a

¹⁶ O serviço que antes era denominado clínica-escola, no momento da pesquisa de Zini(2004), passou a denominar-se serviço de psicologia posteriormente.

subjetividade dos trabalhadores do campo da saúde. Em sua concepção, esses trabalhadores devem ser capazes de revolucionar o cotidiano por acreditarem no novo, na surpresa; por recusarem o determinismo que anula os possíveis espaços de liberdade, criação, diversidade; trabalhadores comprometidos com uma abordagem do sofrimento que vai além dos sintomas e diagnósticos, preocupados com a reinvenção da vida.

A autora afirma que o cuidado deve ser pensado como *techné* (arte, para os gregos), no sentido de ser uma técnica em prol da vida, pensando nas intervenções no campo do cuidar como formas de facilitar a criação de modos singulares de existência, enlace social e ruptura com as formas de subjetividades dominantes que perpetuam o *status quo*. Essa *techné* é uma forma de intervenção flexível e atenta às necessidades dos usuários voltando-se para uma realidade desafiadora e complexa que se encontra além dos modelos teóricos aprendidos na academia. É uma forma de criação. O cuidador, nesse novo paradigma, deve buscar envolvimento, mesclando-se aos acontecimentos e a pesquisa leva o pesquisador como um todo (razão, emoção, intuição, sensação) que, alterando-se a si mesmo, gera saberes inesperados. Esse cuidador-pesquisador não deve estar focado no problema, mas comprometido com a potência de vida e de transformação de cada um. Existe a necessidade de um cuidado mais próximo do viver concreto que reconheça a limitação do saber acadêmico tradicional, disposto a criticar o estatuto da verdade absoluta.

Num sentido análogo, Aiello-Vaisberg(2003) entende que a teorização positivista afasta o cuidador-pesquisador do sentido último do ser humano como criador de sentido e entende que a prática deve ser modificada para se afinar com a concretude do que acontece na clínica. Não é possível agir e compreender de

forma reducionista e deixar escapar a condição existencial humana; não é possível compreender a cura como ato passivo de um homem pensado sempre à luz da dualidade cartesiana. Seguindo esse raciocínio, Aiello-Vaisberg(2003) cria uma nova forma de interagir no encontro psicanalítico de base winnicottiana que não se centra na interpretação clássica psicanalítica e se dá como uma sustentação. Nessa sustentação, introduz uma materialidade mediadora em sua prática. Há, portanto, a criação de novos métodos mais afinados com a própria prática e com o conhecimento resultante das experiências. Ela estende sua prática ao laboratório Ser e Fazer na USP, criando nova modalidade de intervenção psicológica. Existe aí uma criação no fazer psicológico que vai ao encontro de uma concepção de homem como ser igualmente criador. Há uma revisão da metodologia psicanalítica clássica em prol de se fazer uma psicologia mais atenta às experiências concretas do encontro entre duas pessoas abrindo-se ao que pode ocorrer nesse encontro como gesto espontâneo e criador. No sentido da ênfase na experiência humana como orientadora principal e da ruptura com os modelos estabelecidos, eu diria que essa prática é fenomenologicamente inspirada.

Em um artigo mais recente de Mencarelli & Aiello-Vaisberg(2005) sobre uma oficina de velas ornamentais realizada com portadores de HIV, fica bastante evidente a necessidade de o psicólogo romper com os modelos tradicionais guiando-se por uma sensibilidade, eu diria, em relação ao que surge do outro como necessidade. A configuração do encontro faz-se pela necessidade dos participantes e pela disponibilidade do psicólogo em “*ser um psicanalista fazendo outra coisa mais apropriada para a ocasião*”, como diria Winnicott ao se referir às atuações do analista diversas daquela que acontece em uma análise

padrão”(P416). No caso da experiência clínica relatada, a oficina com velas pareceu constituir-se como “espaço de descanso de seus sofrimentos”(p.422), na medida em que os pacientes, ali, podiam reencontrar-se e vivenciar a si próprios não apenas como seres doentes.

No mesmo sentido crítico em relação ao papel do psicólogo nos serviços públicos, Lima & Nunes(2006) questionam a pertinência do atendimento psicológico de acordo com os modelos teóricos tradicionais para uma população que pensa e age a partir de princípios menos individualistas. Realizando um estudo entre os psicólogos na Bahia, verificou-se que as pessoas usuárias do sistema público de saúde trazem um mundo simbólico que se choca com o mundo simbólico dos psicólogos. Assim, verificou-se que o sistema simbólico do terapeuta atuava como impeditivo de uma escuta próxima e mais produtiva na ajuda ao cliente.

Outro fator agravante é que a psicoterapia é vista pelos psicólogos como o modo de atuação ideal, ficando as para-psicoterapias (orientação, aconselhamento, terapia breve, apoio, suporte, acompanhamento) num plano hierarquicamente inferior. Essas práticas seriam “distorções” do ideal de psicoterapia e uma tentativa de ajustamento da atuação àquela população. Vê-se aí uma dificuldade do psicólogo em abrir-se para o novo, o diferente, tentando encaixar o seu sujeito em um esquema pré-estabelecido.

Com isso, existe uma exclusão, uma seleção daqueles pacientes mais adequados e aqueles menos adequados à psicoterapia, por seu nível de esclarecimento e instrução, as para-psicologias sendo usadas para pessoas menos aptas ao discurso sobre estados emocionais e sentimentos. Assim, a prática molda-se à população não num sentido criativo e produtivo, mas num

sentido pernicioso e segregador, já que o próprio serviço acaba selecionando sem se dar conta de que se utiliza de uma justificativa pseudo-científica para operar uma discriminação. O discurso da população, impregnado de sua condição sócio-cultural menos favorecida, utilizando termos como nervoso, mau olhado, etc., afasta os psicólogos que deveriam tentar aproximar-se desse discurso para entender esses modos de expressão da subjetividade dentro do contexto de vida daquelas pessoas. O psicólogo acaba eliminando o discurso menos refinado por sua miopia etnocêntrica em vez de tentar compreender a visão de mundo daquele que produz o discurso.

Segundo Perdigão(2003), ao mencionar intervenções comunitárias e sociais, “o mais importante reside no respeito incondicional pelo outro, na sua *liberdade, dignidade e diferença*”(p487). A autora também reflete sobre as falhas em se perceber o destinatário da ação como alguém apenas como frágil, ficando a força do lado do interventor apenas. Como proposta de intervenção comunitária, ela defende uma relação diferente que

“Consiste numa inter-presença entre um interventor que, sem negar suas fragilidades próprias, desempenha um papel potenciador em relação às possibilidades e potencialidades do destinatário, e um destinatário que não é confinado nem reduzido às suas feridas, mas perspectivado a partir das diversas potencialidades que essas feridas não esgotam” (p494)

A nomenclatura utilizada pela autora não é especificamente psicológica, mas corresponde aos princípios da Psicologia Existencial-Humanista e da fenomenologia, eixos teóricos fundamentais nesse trabalho.

No mesmo sentido dessas reflexões, vale citar Oliveira,I.F; Dantas,C.M.B; Costa,A,L,F; Silva,F.L; Alverga,A,R; Carvalho,D.B; Yamamoto,O.H.,(2004), que realizaram um estudo em Natal – RN sobre a formação e os modelos de atuação

dos psicólogos. Foram entrevistados 28 psicólogos da rede pública de saúde (SUS) durante os anos de 2001 e 2002. Constatou-se que a prática psicológica gira em torno, basicamente, da psicoterapia, tomando por base, portanto, o modelo médico e remediativo, em detrimento de outros modelos que visassem à promoção e/ou à prevenção em saúde. Vê-se, pois, que, apesar de a clínica psicológica ter saído dos consultórios particulares para adentrar as instituições públicas nas últimas décadas, isso não foi suficiente para alterar os padrões de atuação dos psicólogos, que ainda fazem da clínica tradicional sua principal forma de atuação. Tendo em vista esse estado de coisas, os autores concluem que, ainda que exista a constatação de que novos saberes e práticas são necessários, já que o modelo tradicional é limitado a atender à demanda crescente por serviços psicológicos, o fato é que não se conseguiu avançar em termos de um conhecimento sólido que desse ao psicólogo a habilidade e a competência para atuar além do modelo clínico tradicional. Além disso, nesse modelo tradicional, não se conseguem seguir os preceitos de universalidade, equidade e integralidade preconizados pelo SUS.

Pode-se resumir a idéia nas frases:

“A cultura profissional e psychologizante que permeia a prática psicológica conduz à idéia, tanto para a categoria quanto para o senso comum, de que a psicoterapia seja sinônimo de atuação psicológica. A ausência de inovações teóricas que se apliquem efetivamente no setor público de saúde recai sobre os psicólogos, que se isolam em suas salas, e diante da necessidade de responder a uma demanda crescente optam por fazer o que tradicionalmente se espera deles.”(p86)

Outro aspecto relevante dessa discussão é que, ao isolar-se e relegar a um segundo plano as condições reais de existência da população, o psicólogo fecha-se em uma prática individualista que nem ao menos alcança as condições sociais e as dificuldades de sobrevivência da população atendida. A questão do modelo

predominantemente individualista dos atendimentos em saúde mental é também apontada por Schmidt(2004) a respeito do plantão psicológico. Nesse caso, deve-se refletir sobre a prática profissional e encontrar meios outros, não menos importantes, de atuação. Por esses motivos é que a questão dos enquadres diferenciados é uma necessidade atual.

Essa tendência em seguir uma atuação clínica tradicional vem sendo apontada por estudiosos há, pelo menos, três décadas. Podemos localizar o primeiro estudo sistematizado sobre o assunto em Mello(1975), apontando a forte tendência de atuação na área clínica, seguindo o modelo tradicional de atuação inspirado no modelo médico.

Praticamente vinte anos depois do estudo de Mello(1975), tem-se Yamamoto,O.H, Oliveira,S.C., Siqueira, G.S. & Carvalho, D.B.(1997) também apontando para uma imagem da profissão entre estudantes e universitários em que há o predomínio de um modelo privilegiado de atuação, individualista, fruto de uma visão estreita da psicologia que, por sua vez, afetaria a prática da profissão. Os autores realizaram uma pesquisa com 124 estudantes, investigando a representação social que se tem da psicologia e suas atribuições. Concluem que está fortemente arraigada a idéia de que a psicologia é uma profissão para resolver problemas individuais, existindo a marcante preferência pela atividade clínica que permita uma relação de ajuda direta e íntima com as pessoas. Apesar de haver algumas mudanças de perspectivas na imagem da profissão entre os universitários, a escolha profissional, mais adiante, revela a preferência pela área da saúde, destacando-se a atuação na clínica tradicional, corroborando a dificuldade de o psicólogo se inserir em outros contextos, apesar de conhecê-los.

Esses estudos levam a pensar em uma forte tendência, em nossa profissão, de seguir os modelos tradicionais de atuação em detrimento de outros modelos possíveis. Porém, as atuações em Plantão, Oficinas, têm demonstrado uma tendência, ainda que pequena, de repensar a atuação profissional.

Vale ressaltar que esse movimento em direção à novidade, à aceitação da diversidade que impulsiona o rearranjo da ajuda oferecida parece fazer parte de um movimento ainda maior na pós-modernidade, se pensarmos de um ponto de vista sociológico. De acordo com alguns pensadores, segundo Gonçalves(2002) pode-se pensar a pós-modernidade não meramente como “o que vem depois da modernidade” mas como uma condição social nova em que se busca derrubar as metanarrativas, que buscam explicações únicas para a diversidade. Em sua concepção, a realidade atual estaria revelando o fim das ideologias, das totalidades, dos conceitos gerais e, do ponto de vista da fenomenologia, esse movimento se dá pela noção de sujeito individual e intersubjetivo, enfatizando a relatividade da experiência, excluindo a possibilidade de essencialidade do sujeito: o sujeito é um sujeito fluido e se movimenta a partir de sua condição de produtor de significados.

Neste sentido, tanto a proposta fenomenológica enquanto tal, como a proposta existencial-humanista, e também as propostas de enquadres diferenciados revelam grande afinidade. Husserl(1935/1996) apontou a limitação das ciências modernas reivindicando uma posição para o sujeito na ciência; os psicólogos existenciais e os humanistas colocaram o homem no centro das questões, com sua liberdade, responsabilidade e autonomia para tornarem-se si mesmos; os novos pesquisadores-psicólogos apontam para a necessidade de enquadres diferenciados que permitam, de fato, considerar o sujeito e a

especificidade do encontro, para além dos modelos teóricos e conceituais dos séculos XIX e XX. Dessa maneira, vê-se a necessidade de procurarmos maneiras inovadoras de pensar a prática psicológica, formas de atuação que não apenas respeitem os princípios de ação do SUS, no caso da rede pública, mas que respeitem os contextos e as características específicas da população atendida. Essa medida tem um alcance ético importante, na medida em que respeita a diversidade e coloca-se disponível para aceitá-la e compreendê-la a partir de modelos nascidos da própria necessidade de adequação das intervenções à população, de forma a ampliar a noção de ajuda ao outro.

Esses problemas operacionais estão fortemente associados, além de outros fatores, àquela produção de uma psicologia que vem atrelada ao poder e às elites e teme desprender-se da sistematização e teorização do real, sob pena de deparar irremediavelmente com o desconhecido e com a diferença, atrelada também à psicologia enquanto ciência natural que controla e prevê os acontecimentos humanos e, conseqüentemente, torna-se tão desumana. Essa idéia não está afastada de Husserl(1935/1996) quando propõe que a nova ciência deve estar próxima do mundo-da-vida e distante das abstrações vazias; deve estar próxima da experiência concreta e não dos modelos positivistas que afastam a produção do conhecimento sobre o homem do viver do próprio homem.

Interessante perceber que, acima de tudo, essas novas práticas chamam a atenção, em primeiro lugar, para a inclusão do psicólogo como alguém que não meramente cumpre um papel, mas cuja presença e a forma em que se dá essa presença ganham um contorno essencial. Detenhamo-nos, pois, à terminologia pesquisa-intervenção utilizada aqui. Esse nome, em si, já traz o sujeito para

dentro da pesquisa, já que o pesquisador, realiza uma intervenção, inevitavelmente. Essa maneira de conceituar é a maneira mais adequada, quando se trabalha a partir de uma postura fenomenológica pois, ela mesma, defende a idéia da inseparabilidade entre o sujeito e o objeto, entre *o que* se estuda e *quem* estuda. Nesse sentido, o pesquisador não conseguiria, a não ser de forma artificial, retirar-se enquanto sujeito da relação pesquisador-pesquisado, isolando o objeto de estudo. Isso seria desfazer o fenômeno, se tomarmos por base que fenômeno para a fenomenologia, é a unidade sujeito-objeto. Lembrando AmatuZZi(2006):

“A separação entre pesquisa e intervenção é uma decorrência da postura epistemológica que separa sujeito e objeto, com os inconvenientes de fazer da pesquisa mero ato cognitivo e da intervenção mero ato de aplicação de conhecimentos(separando assim o pesquisador do profissional da prática)” (p.96)

AmatuZZi(2006) ainda sugere que a pesquisa da subjetividade deve ser tomada como intersubjetividade, ao contrário de uma pesquisa que se utilize do outro numa “manipulação dominadora ou impositiva”(p96) Aí teríamos uma subjetividade tornada objeto, que é também uma aproximação possível, mas não fenomenológica.

Procurando ir nesse sentido preconizado por esses autores, tentando aproximar a construção do saber do acontecimento concreto da Oficina de Pintura, valorizando as experiências pessoais e as condições de vida das participantes, essa pesquisa-intervenção partiu do pressuposto de que o saber nasce da imersão nos fenômenos intersubjetivos (Szymanski&Cury,2003). Ao invés de seguir a ilusão de uma neutralidade ou objetividade científicas, essa pesquisa entende que a relação entre os participantes, inexoravelmente, faz parte da pesquisa e, por esse motivo, deve ser explorada e compreendida, ampliando

aquilo que se sabe sobre a natureza humana. Longe de ser algo a ser evitado, a subjetividade é, ela mesma, a fonte das descobertas. O pesquisador, assim como os participantes, está implicado nos resultados e não pode, a não ser de maneira artificial, eximir-se dessa participação como se não tivesse nada a ver com a produção do conhecimento.

Assim sendo, a pesquisa, em si mesma, é compreendida como uma forma de intervenção, posto que tanto o pesquisador quanto o pesquisado transformam-se no decorrer do desenvolvimento da própria pesquisa. Em sendo assim, o pesquisador considera-se como alguém implicado no processo da intervenção, devendo atentar para os aspectos particulares da população atendida ao pensar na modalidade de atendimento que oferece, em seu método e nos elementos éticos. Conforme Szymanski&Cury(2004), as pesquisas realizadas em instituições educacionais e de saúde

“desencadeiam um processo de criação e adequação de uma metodologia de pesquisa apropriada aos fenômenos estudados em seus contextos naturais, respeitados o rigor dos procedimentos, o compromisso de construção do conhecimento científico, a ética da prática profissional e a responsabilidade social de oferecimento de serviços de qualidade para a população.”(p.355).

Nesse sentido, a pesquisa ficaria muito mais próxima da prática profissional, da responsabilidade social e, conseqüentemente, da ética. A ética passa a ser muito mais do que meramente um conjunto de normas e regras e mais que a obediência a elas. A ética deve ser considerada, acima de tudo, como uma postura. Conforme preconiza Schmidt(2008):

“A ética é morada, modo de habitar o mundo e lugar de atualização de valores e atitudes. Ou seja, a ética está implicada nas escolhas humanas que criam mundos e nos modos de valorizar e viver estes mundos. A ética, portanto, é indissociável do tema da escolha”(p392).

A escolha por esse tipo de pesquisa é a escolha fenomenológica que, já como princípio, valoriza enormemente o referencial do outro, sendo mais que uma postura epistemológica, mas também uma postura ética. Além disso, a atitude de abertura e respeito pelas diferenças também constituem princípios éticos importantes.

Rocha & Aguiar(2003), no mesmo sentido, defendem a pesquisa-intervenção enquanto forma de pensar a prática como transformadora em essência, para além da aplicação dos conhecimentos produzidos, favorecendo a construção de possíveis a partir das experiências concretas entre os sujeitos participantes da pesquisa. Ela mesma rompe com os saberes instituídos e se propõe a encontrar outra relação entre teoria/prática, sujeito/objeto, em que

“das visões totalizadoras e das utopias passamos às ações que remetem às estratégias de análise das formas constituídas, evidenciando seu caráter fluido, polêmico, que flexibilizam divisões tradicionais, cujas práticas sociais, as experiências, são pontos de criação de sentido e não reflexo de uma realidade que está em outro lugar” (p70)

Assim, a partir dessas noções de pesquisa-intervenção e do aporte fenomenológico e existencial-humanista, elaborou-se a proposta da realização de uma Oficina de Pintura como enquadre diferenciado de atenção psicológica.

De maneira geral, a Oficina de Pintura revelou-se como um enquadre diferenciado de atenção psicológica satisfatório à população atendida, vindo ao encontro das características específicas da população, estreitando laços sociais e favorecendo trocas de experiências num clima aberto e acolhedor. As atitudes de

empatia, aceitação positiva incondicional e autenticidade por parte da psicóloga possibilitaram movimentações espontâneas das participantes em direção ao que era importante para elas a cada momento, favorecendo a retomada de seu processo de desenvolvimento e auto-realização.

Foi possível constatar que novas propostas podem ser implementadas de forma satisfatória, com benefícios para a população atendida, se nos dispusermos a ser *“psicólogos fazendo outra coisa mais apropriada à ocasião”*- como diria Aiello-Vaisberg, remetendo-se a D. Winnicott - para além da psicoterapia, e estivermos abertos para enfrentar o desconhecido e a novidade que permeiam a vida de todos nós.

Considerações Finais

Múltiplos sentidos podem ser encontrados no relato dessa pesquisa. Para mim, o que ficou mais presente foi a possibilidade de introduzir uma prática psicológica diferenciada que tivesse um efeito construtivo para as pessoas que dela participassem. Além de uma pesquisa de doutorado, um caminho muito pessoal fez-se aqui, a partir do momento de implementação dessa modalidade de Oficina de Pintura no Serviço de Psicologia da PUC-Campinas, dando continuidade ao meu interesse, presente desde o mestrado, pelas modalidades de atenção psicológica que envolvessem, de alguma forma, a criatividade humana e o fazer expressivo.

Para a realização dessa pesquisa-intervenção, procurei estar presente aos encontros de maneira a romper com os modelos tradicionais de ajuda psicoterápica que focalizam a cura, a reabilitação ou a adequação, colocando-me de maneira aberta, sem pré-conceitos, sem julgamentos e sem saber como seria a Oficina propriamente, confiando nos recursos que podia oferecer e nos recursos das participantes. Essa atitude permitiu que o espaço fosse ocupado, cada vez mais, pelas maneiras próprias de ser de cada uma das participantes que ali estavam em busca de ajuda. Evidenciou-se, pela pesquisa, que não só as pessoas têm autonomia e recursos de auto-compreensão para se auto-desenvolverem, como também esse aspecto inerente ao ser humano pode permear a própria construção ativa do modelo de ajuda oferecida.

Posteriormente a cada encontro, encontrei na narrativa uma forma de registro-construção que fizesse jus ao movimento e à abertura frente ao vivido. A compreensão oriunda das narrativas não se fechava prontamente em si mesma,

mas contemplava o acréscimo de novos significados ao longo do tempo e ao longo do debruçar reiterado de minha consciência sobre o vivido, acompanhando o movimento natural da consciência doadora de sentido.

A narrativa, como estratégia fenomenológica de compreensão do vivido que se desdobra em significados, mostrou-se adequada para captar o horizonte intencional da consciência ao longo do tempo, estratégia que busca o aprofundamento e a amplitude, e não a veracidade do absoluto.

A possibilidade de utilização dos recursos expressivos da pintura mostrou-se favorável como aliada nesse processo de auto-desenvolvimento, servindo para ilustrar os desejos, os problemas, as mudanças, as facetas dos momentos vividos. O relato das experiências próprias, enquanto a pintura ocorria, alinhavava a experiência e abria espaço para novas percepções sobre os fatos vividos. Era a narrativa do mundo-da-vida, construída intersubjetivamente naqueles encontros ricos de experiências. E, também, a troca dessas experiências enriquecia os encontros, servia de apoio, de oportunidade para compartilhar os significados e ampliar as percepções, amalgamando as experiências das outras participantes, tecendo os fios de nossas existências.

Penso que encontrei, com esforço para manter a abertura ao desconhecido, a experiência de vida mais autêntica porque não estive presa aos papéis, aos conceitos. Pude experienciar um pouco das vidas de Dona Preta, Dona Branca, Dona Amarela, Dona Vermelha e Dona Rosa, e fazer parte daqueles momentos vividos, com seus dilemas, medos, aflições, preocupações e vontade de superação. Por outro lado, penso que elas também se beneficiaram dos momentos vividos, cada uma a seu modo, compartilhando suas angústias e

alegrias, refletindo sobre os caminhos percorridos e aqueles que ainda estavam por vir.

A volta ao mundo-da-vida ou o retorno às coisas mesmas, conforme Husserl assinalou, fazem-se necessários não apenas para encontrarmos a origem das experiências que movem a ciência e reformulá-la, mas também para encontrarmos o sentido de nossa própria humanidade. Se estar no mundo é viver numa constante abertura, já que somos um projeto, um vir-a-ser constante, cabe indagar, a cada instante, sobre quem somos e o que queremos do ponto de vista pessoal e profissional. Especificamente nesse último aspecto, cabe indagar sobre nossas práticas, construídas num tempo específico, para homens concretos, sem naturalizá-las, como se assim fossem, tivessem sido sempre e continuassem sendo.

O mundo-da-vida, tal como aponta Husserl(1935/1996) ao falar da crise das ciências, é um mundo resgatado a partir da subjetividade, não um mundo construído a partir das ciências, pelo contrário, é um mundo antes das ciências, um mundo paralelo já esquecido, um mundo intersubjetivo e social, não apenas centrado numa subjetividade particular. Olhar para ele é, pois, olhar para o homem através de uma outra lente, uma lente mais viva no sentido de fazer ver aquilo mesmo que se mostra à vista, e não através de uma lente pronta e fixa, que vicia o olhar e esconde o que está ali. Esse homem está, em seu viver mais próprio, em comunidade, o homem com suas experiências particulares em seu cotidiano, conduzindo sua vida entrelaçado aos outros homens. Nesse sentido, essa pesquisa procurou trazer à tona a forma particular de cada participante se expressar, em sua totalidade, vivendo suas experiências e atribuindo aos fatos seu sentido particular, sem querer proporcionar uma forma de ajuda de antemão e

sem querer enquadrar o vivido, posteriormente, em esquemas explicativos objetivantes.

Do ponto de vista da intervenção, existia um esboço, uma proposta de escuta e os materiais oferecidos, mas todo o resto foi-se construindo com o tempo e os encontros. Da mesma forma, do ponto de vista da pesquisa, existiam pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos que fizeram o recorte, o viés, dando forma específica ao olhar, mas também foram construídos, não existindo plenamente de antemão. A explicitação e a assunção desses pressupostos também se fundamentam na abordagem fenomenológica, que visa pôr a descoberto, tanto quanto possível, o olhar de quem olha, já que acredita que, no âmago da subjetividade, reside a construção de qualquer realidade existente, seja ela do mundo-da-vida, seja ela científica, lembrando que “só no puro conhecimento científico-espiritual o cientista escapa à objeção de que se encobre a si mesmo em seu saber”(Husserl, 1935/1996,p83).

Historicamente, vemos o homem quebrando antigas verdades, renovando sua forma de pensar e existir no mundo. A questão dos enquadres diferenciados parece ter a árdua – mas feliz – função de nos levar a refletir sobre a prática do psicólogo, buscando formas de atuação inovadoras e que visam melhorar nossa profissão, adequando cada vez mais o que fazemos àquilo que precisa ser feito com ética e responsabilidade social, tomando por base a construção de modelos de ajuda que não excluam a vida concreta, com seus potenciais e limites, valores e crenças diversos, enfim, nossa humanidade.

Nós, psicólogos, temos mais que a necessidade de re-inventar a psicologia a cada momento, temos a obrigação, como cientistas que somos. Ainda estamos longe de realizar o projeto preconizado por Husserl(1935/1996) de alcançar uma

psicologia fenomenológica pura, capaz de definir os alicerces onde se assentaria a psicologia empírica. Ao inverso, começamos por esta última e nos embarçamos, quase que irremediavelmente, nos louros do desenvolvimento e da evolução pragmática que ela pôde nos oferecer, em troca de um grande vazio de sentido para nossa ciência. Essa pesquisa pretendeu estreitar os caminhos do mundo-da-vida e do mundo científico, buscando os sentidos em vez de buscar as verdades. Relembrando as palavras de Zilles(1996):

*“A única tarefa e função da fenomenologia husserliana é salvar o **sentido** deste mundo, o sentido em que este mundo vale para qualquer homem como realmente existe.” (p28)*

Se, ao contrário, assumirmos a psicologia como verdadeira ciência do espírito, como diria Husserl, vamos encontrá-lo em sua mais autêntica manifestação, primeiramente, tanto quanto possível, dando novo lugar à nossa subjetividade ao fazermos ciência. É legitimando o lugar de sujeitos que somos ao fazermos ciência, que nossa ciência será mais humana, para nós e para todo o mundo.

Finalizo esse trabalho retomando as palavras de AmatuZZi(2001) e concordando com elas:

“O que é então trabalhar processos humanos de forma integrada, em todos os seus âmbitos inseparáveis ? É tomar a iniciativa e começar já a viver segundo outro paradigma. É passar a funcionar a partir do centro pessoal, abrindo-se ao outro. É associar-se na prática do que fazemos, e buscar o bem de todos. Se isso não fizer parte do trabalho do psicólogo, ele estará somente contribuindo para que o mundo continue a ser como é. Transcendemos a psicologia ? Creio que a psicologia que não estiver atravessada por esses valores, em todos os seus níveis de inserção profissional, já não tem nada de importante a oferecer a nosso mundo” (p131)

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, K. F. & ROCHA, M. L.(2003) Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e profissão*, 23(4):64-73.
- AIELLO-VAISBERG,T.M.J.(2001) A função social da psicologia clínica na contemporaneidade. *Psicologia:teoria e prática*, 3(1): 93-99.
- AIELLO-VAISBERG,T.M.J.(2003) Ser e Fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana. *Psicologia USP*, 14(1): 95-128.
- AMATUZZI,M.M.(2001). *Por uma Psicologia Humana*. Campinas: Editora Alínea.
- AMATUZZI,M.M.(2006).A subjetividade e sua pesquisa.*Memorandum*,10,93-97.
- BENJAMIN,W. (1994) (edição original 1936) *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- BILBAO,G.G.L.(2001). *O artista e sua arte: um estudo fenomenológico*.
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- BILBAO,G.G.L.(2004). *Psicologia e arte*. Campinas: Editora Alínea.

- BILBAO,G.G.L.,Cury,V.E. (2006). O artista e sua arte: um estudo fenomenológico.*Paidéia:Cadernos de Psicologia e Educação*,16: 91 - 100.
- BUGENTAL,J.F.T.(1963) Humanistic psychology: a new breakthrough. *American Psychologist*, 18(9):563-567.
- BUHLER,C.(1971) Basic theoretical concepts of humanistic psychology. *American Psychologist*, 26(4):378-386.
- BUHLER,C.(1975) Introdução. In: GREENING,T.C.(org). *Psicologia Existencial-Humanista*. Rio de Janeiro: Zahar.
- CARVALHO, C.P.C.(1999) Oficina de narrativas: mosaico de experiências. In MORATO, H. T. P. (org.) *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CRITELLI,D.M.(1996).*Analítica do sentido*. São Paulo: Brasiliense.
- CUPERTINO,C.M.B.(2001). *Criação e formação: fenomenologia de uma oficina*. São Paulo: Arte &Ciência.

CUPERTINO, C.M.B. Oficina de criatividade na formação de jovens para ação comunitária. *Psicol. Am. Lat.* [online]. fev. 2006, no.5 [citado 29 Setembro 2008], p.0-0. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100003&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1870-350X.

DEWEY, J. (1884). The new psychology. *Andover Review*, 2, 278-289.

DIMENSTEIN, M. (2004). A reorientação da atenção em saúde mental: sobre a qualidade e humanização da assistência. *Psicologia: ciência e profissão*, 24(4):112-117.

FRICK, W.B. (1975). *Psicologia Humanista - entrevistas com Maslow, Murphy e Rogers*. Rio de Janeiro: Zahar.

GIORGI, A. (1985). *Phenomenology and Psychological research*. Pittsburg: Duquesne University Press.

GIORGI, A. (2004). A way to overcome the methodological vicissitudes involved in researching subjectivity. *Journal of Phenomenological Psychology*, 35(1): 1-24.

GONÇALVES, M.M. (2002) A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In: Bock, A.M.M., Gonçalves, M.M. , Furtado, O. (orgs). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez.

GONZÁLEZ-REY (2003). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson.

GOTO, T.A.(2007). *A (re)constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl*. Tese de doutorado . Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 218ps.

HUSSERL, E.(1996) (edição original 1935). *A crise da humanidade européia e a filosofia*. (Introd e trad. Urbano Zilles). Porto Alegre: Edipucrs.

HUSSERL, E.(2001) (edição original 1931). *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Madras.

JORDÃO, M. P.(1999) Oficinas em Aconselhamento: um processo em andamento. In MORATO, H. T. P. (org.) *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

KOCH,S.(1992). The nature and limits of psychological knowledge In: *A century of psychology as science*. Edited by S. Koch & D. Leary. Washington DC American Psychological Association.

LIMA, M; NUNES,M. (2006) Práticas psicológicas e dimensões de significação dos problemas de saúde mental. *Psicologia: ciência e profissão*. 26(2):294-311.

MASLOW, A.H.(1951). *Introdução à Psicologia do Ser*. RJ: Eldorado.

MASLOW, A.H.(1954). *Motivation and personality*. New York: Harper and Row.

MATSON,F.W. (1975). Teoria Humanista: A Terceira Revolução em Psicologia. In GREENING, T.C (org) *Psicologia Existencial Humanista*. Rio de Janeiro: Zahar.

MAY, R(1953). *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis : Vozes.

MAY, R(1973). *Eros e repressão: amor e vontade*. Petrópolis: Vozes.

MAY, R(1974). *Psicologia e Dilema Humano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MAY,R(1975). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MAY, R(1987). *Liberdade e destino*. Rio de Janeiro: Rocco.

MELLO,S.L.(1975). *Psicologia e Profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática.

- MENCARELLI, V.L. & AIELLO-VAISBERG (2005). Iluminando o self: uma experiência clínica psicanalítica não convencional. *Estudos de Psicologia – Campinas*, 22(4):415-423.
- MESSIAS, J.C.C.(2001). *Psicoterapia centrada na Pessoa e o impacto do conceito de experiência*. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.142ps.
- MESSIAS, T.S.C.(2006). *Compreensão Psicológica das vivências de pais em Aconselhamento Genético (AG): um estudo fenomenológico*. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.222ps.
- NEUBARTH, B.E. (2005). Proibido Colecionar. *Episteme*, Porto Alegre, no.20, p.71-81.
- OLIVEIRA, I.F.; DANTAS, C.M.B.; COSTA, A.L.F.; SILVA, F.L.; ALVERGA, A.R.; CARVALHO, D.B.; YAMAMOTO, O.H.(2004) O psicólogo nas unidades básicas de saúde: formação acadêmica e prática profissional. *Interações*. IX(17):71-89
- OSTROWER, F. (1987). *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes.

PALMIERI, T.H.(2005). *Plantão Psicológico em Hospital Geral: um estudo fenomenológico*. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 175ps.

PERDIGÃO, A.C.(2003) A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: os pressupostos filosóficos. *Análise Psicológica*, 21(4): 485-497.

RHYNE, J.(2000) (edição original de 1996). *Arte e Gestalt: padrões que convergem*. São Paulo: Summus.

ROGERS, C.R.(1977). Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática. In: *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU.

ROGERS, C.R.(1978). *Sobre o poder pessoal*. São Paulo: Martins Fontes.

ROGERS, C.R.(1983). Os fundamentos de uma abordagem centrada na pessoa. In: *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU.

ROGERS, C.R.(1999) (edição original 1961). *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes.

SAPIENZA, B.T.(2007). *Do desabrigo à confiança*. São Paulo: Escuta.

SARTRE, Jean-Paul. (1978) (edição original 1946) O existencialismo é um humanismo. In: *Coleção Os pensadores- Sartre*. São Paulo: Abril Cultural.

SARTRE, Jean-Paul. (1978) (edição original 1957) Questão de método. In: *Coleção Os pensadores- Sartre*. São Paulo: Abril Cultural.

SCHILLER, F. (1995) (edição original 1795). *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras.

SCHMIDT, M. L. S. & OSTRONOFF, V. H. (1999) Oficinas de Criatividade: elementos para explicitação de propostas teórico-práticas. In MORATO, H. T. P. (org.) *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SCHMIDT, M. L.S.(2008) Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 13(2): 391-398

SILVEIRA, Nise da.(1992). *O mundo das imagens*. São Paulo:Ática.

SOARES, T. C.(2005) "A vida é mais forte do que as teorias" o psicólogo nos serviços de atenção primária à saúde. *Psicologia: ciência e profissão*. 25(4):590:601.

SZYMANSKI,H. & CURY,V.E.(2004). A pesquisa-intervenção em psicologia da educação e clínica: pesquisa e prática psicológica. *Estudos de Psicologiz(Natal)*, 9(2):355-364.

YAMAMOTO,O.H, OLIVEIRA,S.C., SIQUEIRA, G.S. & CARVALHO, D.B.(1997). Psicologia e escolha profissional: a imagem da profissão no RN. *Psico*, 28(2): 17-33.

ZILLES, U. (1996). A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, E.(1996) (edição original 1935). *A crise da humanidade européia e a filosofia*. (Introd e trad. Urbano Zilles). Porto Alegre: Edipucrs.

ZINI,R.L.(2004). *A experiência de usuários de uma Clínica Escola de Psicologia conveniada ao SUS*. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.162ps.

ANEXOS

OFICINA DE PINTURA

O que é ?

A Oficina de Pintura é uma modalidade de atenção à saúde com propósito psicoterápico

Eu posso participar ?

Qualquer pessoa que seja usuário do Serviço de Psicologia da PUC-Campinas e seja maior que 21 anos pode participar

Quando e onde acontece a oficina ?

Às sextas-feiras no Serviço de Psicologia da PUC-Campinas, das 10hs às 12:00.

Os interessados deverão se inscrever com a secretária do Serviço de Psicologia

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Esta pesquisa-intervenção intitulada 'Oficina terapêutica de pintura: proposta de intervenção em um Serviço de Psicologia' está sendo desenvolvida pela doutoranda Giuliana Gnatos Lima Bilbao para a obtenção do título de doutor junto ao Programa de Pós-Graduação em psicologia, com o objetivo de oferecer um atendimento psicoterápico através do recurso da pintura aos usuários e analisar os efeitos terapêuticos da intervenção a partir de uma metodologia fenomenológica.

Para efetivação desse estudo será necessária a disponibilização de uma sala para atendimento a grupos no Serviço de Psicologia, às sextas-feiras, em horário a ser combinado com a Coordenação da Clínica e também a compra de materiais básicos de pintura para a realização da pesquisa-intervenção. A proposta de intervenção é de seis meses, podendo ser prorrogada, segundo necessidades que surjam no decorrer do processo. Manter-se-á sigilo em relação a dados identificatórios dos participantes e estes poderão recusar ou solicitar a retirada de seu depoimento em qualquer momento, sem que isso lhes cause qualquer prejuízo em relação a ser usuário da clínica-escola.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários pelo telefone do comitê de ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, (19)3729-6808, ou pelo endereço eletrônico particular lgglima@uol.com.br

Giuliana Gnatos Lima Bilbao
(doutoranda)

Autorizo a psicóloga Giuliana Gnatos Lima Bilbao, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a realizar a pesquisa-intervenção intitulada 'Oficina terapêutica de pintura: proposta de intervenção em um Serviço de Psicologia' nas dependências do Serviço de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, bem como obter depoimentos dos clientes que consentirem em participar da pesquisa.

Declaro estar ciente da Resolução 196/96 do Ministério da Saúde que regulamenta pesquisas com seres humanos no Brasil. Também estou ciente de que o objetivo desse estudo refere-se a investigação do valor psicoterapêutico de uma oficina de pintura a partir de um enfoque fenomenológico.

Hypolito Carretoni Filho

Aos Supervisores e Aprimorandos do Serviço de Psicologia,

Venho comunicar que estará sendo implementada uma Oficina de Pintura, com propósito psicoterapêutico de Abordagem Humanista, aos usuários do Serviço de Psicologia da PUC-Campinas a partir de 4/11 de 2005.

A Oficina de Pintura faz parte do meu projeto de pesquisa-intervenção para a obtenção do título de Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas e estará acontecendo nos meses de Novembro e Dezembro deste ano, interrupção em Janeiro e retorno em Fevereiro de 2006. O projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas.

Destina-se a:

- Adultos maiores que 21 anos
- Usuários do Serviço de Psicologia da PUC-Campinas

Encaminhamentos:

Os aprimorandos e supervisores que julgarem adequado encaminhar pacientes para a oficina, deverão encaminhá-los para a secretária do Serviço de Psicologia, que fará a inscrição dos mesmos.

Coloco-me à disposição para maiores informações pelo e-mail lgglima@uol.com.br ou pelos telefones (19)3253-6285 /9743-3078.

Atenciosamente,

Giuliana Gnatos Lima Bilbao

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Giuliana Gnatos Lima Bilbao, aluna do Curso de Doutorado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, informo que estou realizando uma pesquisa cujo objetivo refere-se à experiência psicológica de uma oficina de pintura. A pesquisa inclui a realização da oficina de pintura, com materiais não tóxicos, pelo período de, no mínimo, 3 meses e, ao final deste período, os participantes farão um depoimento sobre a oficina, que será gravado e utilizado, exclusivamente, para fins de pesquisa e publicação científica, sendo tratado com o devido sigilo e sendo preservada a identidade dos participantes. A participação é voluntária, podendo haver recusa do participante, a qualquer momento, em participar da pesquisa ou mesmo retirar o consentimento em qualquer fase da mesma, sem qualquer prejuízo ou penalização como usuário do Serviço de Psicologia da PUC-Campinas. Informo, além disso, que esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas e que os participantes poderão entrar em contato com este Comitê para esclarecimentos, pelo telefone 3729-6808 ou também com a pesquisadora pelo telefone (19)3253-6285 ou correio eletrônico lgglima@uol.com.br

Eu, _____, R.G. _____

_____,
 declaro que aceito participar da pesquisa da aluna do Curso de Doutorado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Giuliana Gnatos Lima Bilbao, tendo sido informado(a) que a natureza e os objetivos deste estudo referem-se à experiência psicológica de uma oficina de pintura, na qual haverá a utilização de materiais de pintura não tóxicos aos quais não sou alérgico ou tenho qualquer rejeição. Estou ciente de que minha participação é voluntária, podendo haver recusa de minha parte, a qualquer momento, em participar da pesquisa ou mesmo retirar meu consentimento em qualquer fase mesma, sem qualquer prejuízo ou penalização para mim como usuário do Serviço de Psicologia da PUC-Campinas . Estou igualmente ciente de que meu depoimento será gravado e seu conteúdo será utilizado, exclusivamente, para fins de pesquisa e publicação científica, sendo tratado com o devido sigilo e sendo preservada minha identidade. Fui informado, além disso, que este projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas e que poderei entrar em contato com este Comitê para esclarecimentos, pelo telefone 3729-6808 ou também com a pesquisadora pelo telefone (19)3253-6285 ou correio eletrônico lgglima@uol.com.br.

Nome do participante: _____ Idade: _____

Profissão: _____

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

Giuliana Gnatos Lima Bilbao